



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – ICED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGED

MATEUS SOUZA DOS SANTOS

**ENTRE RISCO E PROTEÇÃO: Eventos estressores no desenvolvimento
de adolescentes e jovens estudantes de escolas públicas de Belém/PA**

Belém – PA

2018

MATEUS SOUZA DOS SANTOS

**ENTRE RISCO E PROTEÇÃO: Eventos estressores no desenvolvimento
de adolescentes e jovens estudantes de escolas públicas de Belém/PA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará (PPGED-UFPA), na linha de pesquisa intitulada Educação Cultura e Sociedade, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Educação, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Lúcia Isabel da Conceição Silva.

Belém – PA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

- S237e Santos, Mateus Souza dos
Entre risco e proteção: Eventos estressores no desenvolvimento de adolescentes e
jovens estudantes de escolas públicas de Belém/PA / Mateus Souza dos Santos. — 2018
166 f.: il.
- Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED),
Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.
Orientação: Prof. Dr. Lúcia Isabel da Conceição Silva
1. Adolescência. 2. Juventude. 3. Eventos Estressores. 4. Fatores de Risco. 5. Fatores
de Proteção. I.
Silva, Lúcia Isabel da Conceição, *orient.* II. Título
-

MATEUS SOUZA DOS SANTOS

**ENTRE RISCO E PROTEÇÃO: Eventos estressores no desenvolvimento
de adolescentes e jovens estudantes de escolas públicas de Belém/PA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará (PPGED-UFGPA), na linha de pesquisa intitulada Educação Cultura e Sociedade, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Educação, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Lúcia Isabel da Conceição Silva.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Lúcia Isabel da Conceição Silva – Orientadora/Presidente da Banca.
Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPA – PPGED/ICED/UFPA.

Prof.^a Dr.^a Maély Ferreira Holanda Ramos – Avaliadora Titular Interna.
Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPA – PPGED/ICED/UFPA.

Prof.^a Dr.^a Débora Dalbosco Dell'Aglio – Avaliadora Titular Externa.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRGS – PPGPSICO/UFRGS.

Prof.^a Dr.^a Ivany Pinto Nascimento – Avaliadora Suplente Interna.
Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPA – PPGED/ICED/UFPA.

Prof.^a Dr.^a Normanda Araujo de Moraes – Avaliadora Suplente Externa.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza - PPGP/UNIFOR.

A CRISTO JESUS, por ser minha maior referência de amor, compaixão e empatia ao ser humano.

À minha mãe, NAIR SOUZA, e ao meu pai, PEDRO NAZARENO, que sempre usaram todas as suas forças e recursos em favor dos meus sonhos.

Aos meus sobrinhos (YASMIM, YAN e KAMILE) que, nos momentos de solidão e angústia, trouxeram até o meu coração paz, conforto, alegria e afeto.

À NATALIA MARIA, minha irmã de alma, por estar sempre ao meu lado desde o início de minha trajetória acadêmica.

Às/Os JOVENS, ADOLESCENTES e seus RESPONSÁVEIS que se dispuseram a contribuir com o estudo, sendo alicerces importantíssimos da pesquisa.

AGRADECIMENTOS

CARTA POÉTICA EM AGRADECIMENTO

Introduzo a escrita desta carta com muita emoção por saber que a presente dissertação é fruto da coletividade, do apoio social e da união.

Minha vida tem sido sustentada por alguém que costumo chamar intimamente de PAI, mas que também é denominado de DEUS. Nesse período que passei na universidade, o meu PAI nunca me desamparou, mesmo quando pensei em desistir. A Ele toda a honra!

Além da presença celestial, somente duas pessoas sempre estiveram ao meu lado, oferecendo-me carinho e cuidando de minha vida afetiva e material: Meu pai, PEDRO NAZARENO, e minha mãe, NAIR SOUZA. Ambos têm uma trajetória marcada pela persistência, garra e companheirismo. Todos esses elementos (entre muitos outros) fizeram com que um jovem rapaz alcançasse aquilo que era inimaginável. Amo vocês!

Quando me reporto à família, não posso deixar de lado três seres humanos que, mesmo em sua pequenez, conseguem me surpreender com suas ações tão cativantes, doces e amáveis. À YASMIM por sua doçura, ao YAN por sua gentileza e à KAMILE por sua intensa alegria contagiante.

Essas mesmas qualidades, eu consigo identificar em NATALIA MARIA, que foi uma verdadeira irmã durante todas as adversidades que passei na graduação e agora na pós-graduação. No entanto, não posso reduzir o papel dessa moça à minha vida acadêmica, pois, desde quando nos conhecemos, ela esteve ao meu lado em dias ensolarados e/ou chuvosos. Eu te amo, filha!

Com o tempo um pouco semelhante, há aproximadamente quatro anos, a PROF.^a DR.^a LÚCIA ISABEL me deu a oportunidade de integrar o GEPJUV. Foi um divisor de águas em minha trajetória. Dei grandes saltos em minha formação humana que foram impulsionados por um voto de confiança que recebi dela. Obrigado, Prof.^a, por me ensinar os primeiros passos na pesquisa científica, estando ao meu lado nas idas a campo. À Prof.^a Lúcia por seu profissionalismo, compromisso admirável com a transformação social e por acreditar em minha capacidade!

Em seu grupo de pesquisa, conheci pessoas maravilhosas que atuaram ativamente na elaboração deste trabalho. TATIENE GERMANO, empenhadíssima, foi incansável no contato com as instituições e na aplicação dos instrumentos. ROSELY MAIA, sempre muito dedicada e carinhosa, esteve ao nosso lado lutando pela aprovação do projeto no Comitê de Ética. MARIA CÂNDIDA, com sua personalidade cativante, também teve um papel preponderante na coleta dos questionários. RODRIGO SANTOS, com muito companheirismo, e BRUNA NASCIMENTO, de forma muito gentil, aceitaram o desafio de ajudar na tabulação dos dados. BRUNA STELLA, moça

amável e carinhosa, que para mim é uma irmã, esteve ao meu lado nas primeiras aplicações do inventário. A todos vocês, o meu muito obrigado!

Além da equipe do GEPJUV, outro amigo de graduação estendeu sua mão para me ajudar: JONH MOURA. Sua contribuição na tabulação dos dados foi importantíssima. Obrigado, meu irmão, pela amizade fraternal!

As contribuições para o aperfeiçoamento do trabalho também vieram através da PROF.^a DR.^a DÉBORA DELL'AGLIO que gentilmente respondia minhas perguntas enviadas via e-mail, quando a dissertação ainda estava em fase bem inicial. Posteriormente, novas contribuições vieram no exame de qualificação. Tê-la como avaliadora de meu trabalho foi um grande prazer!

O texto também foi minuciosamente avaliado pela PROF.^a DR.^a MAÉLY RAMOS, que, pelo menos nesta página, quero chamá-la respeitosamente de amiga, pois, apesar das relações hierárquicas existentes, sempre conduziu suas aulas e orientações com empatia, gentileza e afeição. Registro aqui a minha gratidão pela amizade e orientações que possibilitaram a composição da Revisão Sistemática que compôs o segundo capítulo desta dissertação.

No mais, o que seria desta pesquisa sem os 542 QUINHENTOS e QUARENTA E DOIS ADOLESCENTES e JOVENS que nos receberam nas escolas e partilharam suas experiências conosco? O que seria desta pesquisa sem os RESPONSÁVEIS que autorizaram os menores de 18 anos a participar? E, por fim, o que seria desta pesquisa sem as ESCOLAS PÚBLICAS que autorização a entradas dos pesquisadores em seu âmbito. A resposta é simples: nada!

A dissertação também é fruto do coletivo de PROFESSORES e ESTUDANTES do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (PPGED-UFPA) que estiveram ao meu lado nas disciplinas cursadas, em eventos científicos e em atos políticos contra o governo golpista de Michel Temer. Ao coletivo PPGED/UFPA que luta incessantemente por uma educação pública, de qualidade e socialmente referenciada!

Nesses dois anos no PPGED, pude participar de uma grande variedade de atividades na UFPA, graças à dedicação exclusiva ao mestrado, através de bolsas de estudos financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Com lágrima em meus olhos iniciei a escrita deste texto e é com um sorriso de felicidade em meu rosto que eu o finalizo.

A todas as PESSOAS e INSTITUIÇÕES citadas...

A todas as PESSOAS e INSTITUIÇÕES não citadas, mas que contribuíram de alguma forma com o trabalho, o meu MUITÍSSIMO OBRIGADO! UM VIVA À COLETIVIDADE E AO COMPANHEIRISMO!

Com carinho,
Cientista Poético – Mateus Souza.

“- Acho que o pior para mim daí dessa lista é quando a gente perde alguém. Perdi meu pai.

- Recente?

- Eu tinha treze anos [...].

- No tempo que ele ficou doente – teve câncer – acho que aí que eu fui ficar mais ligada com ele. Quando eu recebi a notícia, foi o pior momento da minha vida (estudante começa a chorar), parece que alguma coisa tinha saído de mim.

[...] no dia, foi a pior sensação do mundo ver meu pai num caixão.

- E o quê que te ajudou nessa situação?

- Eu acho que foi eu me apegar com Deus. Pedir forças pra Deus.

[...]

- Tu te sentes hoje mais forte depois dessa ‘pancada’ da vida?

- Sim, porque ele conversava muito comigo. Ele dizia:

‘A única coisa que eu quero é te ver formada’.

E hoje em dia, eu digo para o meu pai (que é meu pai de criação):

‘Pai, eu vou me formar, porque eu quero dar orgulho para vocês. O orgulho que o meu pai queria sentir, eu vou dar para vocês’.

Eu acho que me fortaleceu para manter o foco no que eu quero.

Deu-me forças”.

(SANTOS; SILVA, 2015, p. 12-16).

RESUMO

Esta dissertação teve por objetivo compreender as implicações da exposição a eventos estressores na vida de adolescentes e jovens estudantes de escolas públicas e as possíveis interações entre fatores de risco (eventos estressores) e fatores de proteção ao desenvolvimento. Trata-se de uma pesquisa multimétodos organizada em dois estudos. O primeiro consiste em uma Revisão Sistemática de Literatura (RSL) sobre eventos estressores no desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens brasileiros, que teve como foco construir um panorama de pesquisas sobre o assunto. Os artigos foram selecionados no Portal de Periódicos da CAPES, no *SciELO* e na Biblioteca Virtual em Saúde – Brasil (BVS-BR), totalizando um conjunto de 21 artigos empíricos. Os resultados indicaram a inexistência de produções sobre o assunto no Norte do Brasil e que a juventude, enquanto categoria analítica, não é tão evidenciada. A análise do panorama das pesquisas indicou três tendências investigativas: a primeira refere-se os estudos que tratam das implicações dos eventos estressores no desenvolvimento; a segunda, relaciona-se às pesquisas que discutem essas implicações, mas que as relacionam a outras variáveis a fim de identificar os resultados desenvolvimentais da exposição ao estresse; a terceira e última, diz respeito aos processos que podem atuar como moderadores entre os estressores e os resultados desenvolvimentais. O segundo estudo, de abordagem quanti-qualitativa, foi organizado em duas amostras: a primeira amostragem (quantitativa) foi composta por 510 (quinhentos e dez) estudantes de 8 (oito) escolas públicas do município de Belém, de ambos os sexos, com idades entre 12 e 24 anos, que responderam ao Inventário de Eventos Estressores na Adolescência – IEEA; a segunda amostra (qualitativa) foi constituída por 1 (um) Grupos de Diálogo – GD, com um total de 32 estudantes do 1º ano do ensino médio, realizado em uma das escolas participantes da primeira etapa da pesquisa. O GD teve como propósito compreender percepções, significações e interações entre fatores de risco e de proteção na adolescência e juventude. Os resultados indicaram um cenário muito diversificado de eventos estressores nos quais os participantes foram expostos, sobretudo, no microssistema familiar e escolar. A pesquisa também identificou fortes impactos da violência sexual no desenvolvimento. Como fator protetivo, constatou-se que as relações de amizade possuíram um importantíssimo papel moderador diante dessas adversidades. Por fim, discute-se a necessidade de outros processos protetivos serem potencializados e percebidos pelos jovens, sobretudo na família e na escola, uma vez que existem estressores que precisam ser enfrentados de forma articulada com o auxílio dessas instituições.

Palavras-chaves: Adolescência. Juventude. Eventos Estressores. Fatores de Risco. Fatores de Proteção.

ABSTRACT

This dissertation aims to understand the implications of exposure to stressful events in the lives of teenagers and young students in public schools and the possible interactions between risk factors (stressor events) and development protection factors. This is a multi-method research organized in two studies. The first one consists of a Systematic Review of Literature (SRL) on stressful events in the development of Brazilian children, teenagers and young people, whose aim was to construct a panorama of research on the subject. The articles were selected in the Portal of Periodicals of CAPES, SciELO and the Virtual Health Library - Brazil (VHL-BR), totalizing a set of 21 empirical articles. The results indicated the lack of productions on the subject in the North of Brazil and that the youth, as analytical category, is not so evidenced. The analysis of the research landscape indicated three investigative tendencies: the first one refers to the studies that deal with the implications of the stressor events in the development; the second relates to research that discusses these implications but relates them to other variables in order to identify the developmental outcomes of stress exposure; the third, and last, concerns the processes that can act as moderators between stressors and developmental outcomes. The second, quantitative-qualitative study was organized in two samples: the first (quantitative) sample consisted of 510 (five hundred and ten) students from 8 (eight) public schools in the city of Belém, of both sexes, with ages between 12 and 24 years, who responded to the Inventory of Stressful Events in Adolescence - IEEA; the second (qualitative) sample consisted of 1 (one) Dialogue Group - DG, with a total of 32 students from the 1st year of high school, held in one of the participating schools of the first stage of the research. The purpose of the DG was to understand perceptions, meanings and interactions between risk factors and protection in adolescence and youth. The results indicated a very diverse scenario of stressful events in which the participants were exposed, above all, in the family and school microsystems. The survey also identified strong impacts of sexual violence on development. As a protective factor, it was found that the relations of friendship had a very important moderating role in the face of these adversities. Finally, it was discussed the need of other protective processes to be potentialized and perceived by young people, especially in the family and at school, since there are stressors that need to be addressed in an articulated way with the help of these institutions.

Keywords: Adolescence. Youth. Events Stressors. Risk Factors. Protection Factors.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
BVS BR	Biblioteca Virtual em Saúde Brasil
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Cepsh	Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
GD	Grupos de Diálogo
HJBB	Hospital Universitário João de Barros Barreto
IBASE	Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IC	Índice de Concordância
INC	Iniciação Científica
ICED	Instituto de Ciências da Educação
IEEA	Inventário de Eventos Estressores na Adolescência
OMS	Organização Mundial da Saúde
OIT	Organização Internacional do Trabalho
PPCT	Processo, Pessoa, Contexto e Tempo
PPGED	Programa de Pós-Graduação em Educação
PIBIC	Programa Integrado de Bolsas de Iniciação Científica
PVO	Participante, Variáveis, Outputs
RLS	Revisão Sistemática de Literatura
<i>SciELO</i>	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
SPSS	<i>Statistical Package for Social Sciences</i>
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TBDH	Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano
TR	Teste de Relevância
UFPA	Universidade Federal do Pará
UNFPA	Fundo de Populações das Nações Unidas

LISTA DE TABELAS

TABELA 01. Processo quantitativo de seleção dos artigos por descritor e base de dados	64
TABELA 02. Valores absolutos da seleção dos artigos por descritor e base de dado	65
TABELA 03. Características dos participantes	72
TABELA 04. Dezessete termos mais frequentes na nuvem de palavras	74
TABELA 05. Eventos estressores mais frequentes e impactantes para a amostra geral	105
TABELA 06. Escore de frequência de eventos estressores por sexo	106
TABELA 07. Escores médios de impacto de eventos estressores por sexo	107

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01.	Ano de publicação dos artigos	67
GRÁFICO 02.	Tipo de pesquisa	68
GRÁFICO 03.	Tipo de análise de dados	68
GRÁFICO 04.	Instrumentos e procedimentos de coletas de dados	70
GRÁFICO 05.	Etapa de desenvolvimento dos participantes	71

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01.	Sete etapas da Colaboração Cochrane	57
FIGURA 02.	Fórmula para o cálculo do Índice de Concordância	61
FIGURA 03.	Variáveis analisadas nos artigos	66
FIGURA 04.	Nuvem de palavras gerada no NVIVO 10 a partir dos objetivos	74
FIGURA 05.	Árvore de palavras gerada no NVIVO 10 a partir dos objetivos	75
FIGURA 06.	Etapas da Análise de Conteúdo	76

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01. Definição e cruzamentos dos descritores	60
QUADRO 02. Processo inicial de codificação dos objetivos	79
QUADRO 03. Processo de refinamento das categorias iniciais	82
QUADRO 04. Adaptações realizadas no IEEA	104
QUADRO 05. Processo de refinamento categorial do Grupo de Diálogo	112

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
1.1 Trajetória do pesquisador até a escolha do tema.....	17
1.2 Delimitação do tema, problemática e objetivos da pesquisa.....	21
1.2.1 Questão norteadora.....	25
1.2.2 Objetivos	25
1.3 Organização da dissertação	26
2 REFERENCIAL TEÓRICO: AS CONCEPÇÕES BASILARES E ESTRUTURANTES DA DISSERTAÇÃO	28
2.1 As contribuições da Teoria de Urie Bronfenbrenner para o entendimento do desenvolvimento humano, da adolescência e da juventude	29
2.2 Adolescência (s) e juventude (s): uma discussão teórico-conceitual.....	36
2.3 Dados sobre adolescência e juventude no Brasil: entre estatísticas sobre violência e desigualdades sociais	42
2.4 Eventos estressores, fatores de risco e fatores de proteção: definições e implicações no desenvolvimento humano.....	50
3 EVENTOS ESTRESSORES NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS, ADOLESCENTES E JOVENS BRASILEIROS: UM ESTUDO DE REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA	56
3.1 Método.....	56
3.1.1 Delineamento	56
3.1.2 Procedimentos de coleta e análise de dados	57
3.2 Resultados e discussão.....	64
3.2.1 Resultados das buscas	64
3.2.2 Caracterização geral dos artigos	66
3.2.3 Os objetivos gerais das pesquisas.....	73
3.3. Considerações finais acerca da RSL	95
4 ENTRE RISCO E PROTEÇÃO: EVENTOS ESTRESSORES NO DESENVOLVIMENTO DE ADOLESCENTES E JOVENS ESTUDANTES DE ESCOLAS PÚBLICAS DE BELÉM/PA	98
4.1 Delineamento	98
4.2 Amostra Quantitativa.....	99
4.2.1 Caracterização dos Participantes	99
4.2.2 Local da pesquisa	100
4.2.3 Instrumentos e técnicas	100
4.2.4 Procedimentos de Análise de dados	102
4.3. Amostra Qualitativa.....	102
4.4 Critérios éticos	104
4.5 Resultados	105

4.5.1 Amostra Quantitativa	105
4.5.2. Amostra Qualitativa	108
4.6 Discussão	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	124
REFERÊNCIAS	128
APÊNDICES	147
ANEXOS.....	157

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de mestrado está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará (PPGED/ICED/UFGPA), na linha intitulada Educação, Cultura e Sociedade. O objetivo central do estudo é compreender as implicações da exposição a eventos estressores na vida de adolescentes e jovens estudantes de escolas públicas e as possíveis interações entre fatores de risco (eventos estressores) e fatores de proteção ao desenvolvimento.

O estudo desenvolveu-se como parte integrante de uma pesquisa maior, intitulada “*Violências contra crianças, adolescentes e jovens: percepções sobre risco e proteção e dinâmica de atuação das redes de proteção (escola, família e comunidade)*” (SILVA, 2017), coordenada pela Prof.^a Dr.^a Lúcia Isabel da Conceição Silva. Este projeto maior pressupõe construir ampla compreensão a respeito da violência contra crianças, adolescentes e jovens, bem como possibilidades de enfrentamento a este fenômeno, além de identificar “exposição à violência, eventos estressores, concepções dos sujeitos e instituições, atuação das redes sociais frente ao apoio e proteção e os impactos nos processos de desenvolvimento” (SILVA, 2017, p. 29). Desse modo, constitui-se enquanto um estudo abrangente realizado em Belém/PA, pelo Grupo de Pesquisas sobre Adolescência e Juventude e Fatores de Vulnerabilidades e Proteção GEPJUV/PPGED/ICED, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Lúcia Silva e que engloba e articula dois (02) estudos de doutoramento, três (03) dissertações de mestrado e um (01) plano de iniciação científica.

Trata-se, portanto, de um processo coletivo de pesquisa na área da educação, adolescência e juventude na Amazônia. A elaboração da dissertação está baseada em um conjunto de estudos: Uma (1) Revisão Sistemática de Literatura que buscou construir um panorama de artigos nacionais sobre eventos estressores na infância, adolescência e juventude; e um (1) estudo transversal multimétodos, quanti-qualitativo, composto por duas amostras independentes: a primeira (quantitativa) foi formada por 510 adolescentes e jovens de escolas públicas e a segunda (qualitativa) pelas percepções de 32 jovens que participaram de um (1) Grupo de Diálogo.

1.1 Trajetória do pesquisador até a escolha do tema

O primeiro contato com a temática deste trabalho deu-se no ano de 2014, após minha inserção como bolsista de Iniciação Científica (INC) no GEPJUV.

O GEPJUV constitui-se enquanto um contexto que visa “contribuir com o avanço do conhecimento sobre Adolescência e Juventude na Amazônia e no Brasil”¹, desse modo, tem desenvolvido nos últimos anos importantes e abrangentes pesquisas, em especial, sobre fatores de risco e de proteção na vida de adolescentes e jovens estudantes de escolas públicas do município de Belém do Pará (SILVA, 2013; SILVA, 2014; SILVA, 2017; NUNES et al, 2014; MAIA et al, 2017). O grupo também tem realizado estudos sobre juventude negra e quilombola (CAMPOS, 2016; SANTOS, 2018), rede de proteção de crianças e adolescentes (SOUZA, 2018); atuação da Rede de Proteção e Defesa de Direitos (SILVA; HAGE, 2017) e tempo livre de jovens do campo (NASCIMENTO, 2017). Isso demonstra a pluralidade de temas e abordagens discutidas pela equipe que integra o grupo, composta por: 1 (uma) coordenadora; 2 (duas) doutorandas; 3 (três) mestrandos; 1 (uma) bolsista de Iniciação Científica; 2 (duas) pesquisadoras mestradas voluntárias; 2 (dois) estudantes de graduação voluntários; e 1 (uma) pedagoga voluntária.

Antes de descrever minha trajetória neste grupo de pesquisa e as primeiras relações que estabeleci com a temática deste trabalho, torna-se importante explicitar o histórico de uma pesquisa anterior à minha entrada que teve um papel fundamental para a escolha do tema desta dissertação.

Entre os anos de 2004 e 2005 foi realizada em diversas cidades do Brasil² a pesquisa intitulada “*Juventude Brasileira: comportamentos de risco, fatores de risco e de proteção*”, que possibilitou uma ampla compreensão sobre diferentes aspectos relacionados aos jovens brasileiros e também aos contextos nos quais eles estavam inseridos. Ao todo, foram entrevistados 7482 adolescentes e jovens, com idades entre 14 e 24 anos, estudantes de escolas públicas, de ambos os sexos e de baixo nível socioeconômico, que responderam ao Questionário Juventude Brasileira, composto por 106 questões relacionadas a dados biossociodemográficos, à sexualidade, à educação, à violência em contextos específicos (família, escola e comunidade), à saúde, dentre outros assuntos (DELL’AGLIO; KOLLER, 2011).

Em sua segunda versão (2009 – 2012), a pesquisa trouxe como novidades uma reformulação do Questionário Juventude Brasileira (Versão Fase II; DELL’AGLIO et al. 2011), que passou a ter 77 questões, e a inserção de novas regiões no estudo³, no entanto manteve as

¹ Retirado do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq.
Link de acesso: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6360568206173900>

² Cidades e seus respectivos estados:

Maués – Amazonas; Porto Alegre – Rio Grande do Sul; Recife – Pernambuco; São Paulo, Presidente Prudente e Taubaté – São Paulo; Arco e Belo Horizonte – Minas Gerais; Campo Grande – Mato Grosso do Sul; Brasília – Distrito Federal.

³ Ceará, Espírito Santo, Pará e Rio Grande do Sul.

mesmas características dos participantes da primeira etapa. Ao todo, foram coletadas as informações de 2813 adolescentes e jovens (ZAPPE; DELL'AGLIO, 2015).

Integrando esta rede nacional de pesquisa, desenvolve-se pelo GEPJUV a pesquisa intitulada “*Entre risco e proteção: o ser jovem em Belém do Pará*”. Ao todo, participaram 650 adolescentes e jovens, com idades entre 13 e 24 anos, estudantes de 10 escolas públicas do município de Belém (SILVA, 2013). Em um primeiro momento, as análises destes dados indicaram correlação positiva entre reprovação escolar e percepção sobre a escola: os jovens que sofreram reprovação apresentaram menor expectativa de futuro acadêmico, enquanto que os estudantes que possuíam percepções positivas acerca da escola apresentaram melhores perspectivas acadêmicas (NUNES et al., 2014). Além disso, os dados também possibilitaram observar uma forte exposição à violência em contexto familiar, através, principalmente, da violência verbal (ameaça ou humilhação) – praticada, sobretudo, pela madrasta e avós – e da violência física (soco, surra e agressão com objetos) – tendo a mãe como principal autora (MAIA; SILVA; NUNES, 2014).

No período de agosto de 2014 a agosto de 2015 me integrei ao GEPJUV na condição de bolsista através do Programa Integrado de Bolsas de Iniciação Científica da UFPA (PIBIC - UFPA), a fim de desenvolver o plano de trabalho intitulado “*Juventude, risco e proteção: identificando percepções sobre a família, exposição às drogas e eventos estressores em estudantes residentes na cidade de Belém*” (SILVA; SOUZA, 2014) vinculado à pesquisa “*Adolescência, juventude e violência: fatores de risco e de proteção em diferentes contextos (escola, família, comunidade, pares e instituições de atendimento)*”⁴ (SILVA, 2014).

Este plano de iniciação científica propôs identificar percepções sobre a família, exposição às drogas e eventos estressores em jovens residentes na região metropolitana de Belém, visando compreender a dinâmica interacional entre fatores de risco e de proteção na juventude. Para alcançar este objetivo, foram realizados dois estudos: no primeiro – quantitativo – foram analisadas variáveis referentes à exposição às drogas, eventos estressores e percepções sobre a família do banco de dados de Silva (2013); no segundo estudo (qualitativo) fomos a uma das escolas que participou da primeira etapa da pesquisa dialogar com os jovens para compreender as suas significações e percepções a respeito das variáveis mencionadas anteriormente.

⁴ Essa pesquisa deu continuidade às análises de variáveis específicas do banco de dados da pesquisa O ser jovem em Belém do Pará de Silva (2013) e também realizou Grupos de Diálogos com jovens estudantes de uma das escolas que participaram da primeira etapa da pesquisa, com o objetivo de compreender percepções, significações e dinâmica interacional entre fatores de risco e de proteção.

De modo geral, os resultados mostraram que os jovens têm percepções positivas sobre a família e que eles são afetados negativamente por várias situações adversas relacionadas, sobretudo, a problemas socioeconômicos e à violência na comunidade. Sobre exposição às drogas, as análises mostraram altos índices de uso de drogas, tanto entre os participantes do sexo masculino, como entre as do sexo feminino. Também se observou que os jovens têm um número considerável de amigos e familiares que usam essas substâncias, o que pode caracterizar exposição a elas. Com isso, notou-se a existência de um contexto ou rede de risco ao desenvolvimento da juventude e, ao mesmo tempo, observaram-se os papéis exercidos pela família na construção de fatores de proteção frente a essas adversidades (SOUZA; SILVA, 2015).

Mais à frente, no início do ano de 2016, os dados referentes especificamente a eventos estressores foram objeto de análise na escrita de meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Pedagogia (SOUZA; SILVA; NUNES, 2016). A escolha dessa variável em específico se deu devido às inquietações que tive durante a iniciação científica, sobretudo, a partir das relações que fui estabelecendo entre os resultados que havia encontrado e os achados de estudos anteriores. Naquele momento durante a IC, pude observar que eventos estressores têm relação com sintomas depressivos (WATHIER; DELL'AGLIO, 2007) e até mesmo com tentativas de suicídio (FEIJÓ; RAUPP; JOHN, 1999), dentre outros.

Durante a realização da pesquisa, a fala de uma estudante, especificamente, em um dos Grupos de Diálogo me chamou muito a atenção⁵. Ao comentar a situação “alguém muito importante para mim faleceu”, a estudante descreveu o impacto que a morte de seu pai teve em sua vida. Durante o relato, a jovem ficou muito emocionada e começou a chorar de forma intensa. De imediato, os demais estudantes ficaram em silêncio, pensativos, alguns também ficaram emocionados. Como aquela era minha primeira experiência em pesquisa, não contive a emoção e, por alguns instantes, comecei a pensar em questões pessoais relacionadas à minha própria vivência. Esqueci completamente que estava ali como pesquisador. Vale destacar que a Prof.^a Lúcia Isabel estava à frente do diálogo como mediadora, enquanto eu apenas observava e fazia algumas anotações. Sem dúvidas, se estivesse sozinho, eu não teria condições para conduzir aquela situação. Desse modo, a vontade de continuar aprendendo tanto a fazer pesquisa, quanto a aprofundar meus conhecimentos, principalmente, sobre adolescência, juventude e eventos estressores, motivou-me a entrar no mestrado e a dar prosseguimento em meus estudos sobre esses temas.

⁵ Trata-se justamente do relato que está nos elementos pré-textuais deste trabalho como epígrafe.

Nesta perspectiva, a presente pesquisa pretende dar continuidade à compreensão das interações entre fatores de risco e de proteção, destacando, especialmente, as implicações de eventos estressores no desenvolvimento de adolescentes e jovens estudantes de escolas públicas.

1.2 Delimitação do tema, problemática e objetivos da pesquisa

Ao longo de seu desenvolvimento, o ser humano tende a orientar-se para um processo de independência em algumas áreas de sua vida: no início da infância, é totalmente dependente de outras pessoas e, gradualmente, desenvolve mais autonomia. A adolescência e a juventude caracterizam-se, entre outros aspectos, por transformações que levam o indivíduo a ser mais autônomo, se comparado à infância (THOMÉ, TELMO; KOLLER, 2011; ESTEVES; ABRAMOVAY, 2007). São nessas etapas que surgem novas demandas e papéis socioculturais, que influenciam na constituição da identidade do adolescente e do jovem. Portanto, a transição da infância para as etapas posteriores não está ligada apenas a critérios maturacionais, mas também a um conjunto de elementos culturais que compõem o contexto onde o adolescente e o jovem estão inseridos (SILVA; LOPES, 2009).

É comum associar a adolescência e a juventude apenas à idade cronológica, no entanto, até mesmo entre pesquisadores e instituições internacionais, não há um consenso acerca das delimitações etárias para adolescentes e jovens. Para a Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2012), a adolescência corresponde à faixa etária de 15 aos 19 anos, enquanto que a juventude se refere ao período que vai dos 20 aos 24 anos. A Organização Mundial da Saúde (OMS, 1986) considera que a adolescência abrangeria as idades entre 10 e 19 anos e a juventude entre 15 e 24 anos. Em âmbito nacional, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) situa a adolescência entre 12 e 18 anos incompletos (BRASIL, 1990). Já na Política Nacional de Juventude (BRASIL, 2006), compreende-se por jovem o sujeito com idade entre 15 e 29 anos.

Neste trabalho, adotar-se-ão ambas as políticas nacionais como delimitações etárias para os participantes do estudo, compreendendo-se a existência de uma intercessão entre esses dois momentos de vida no qual o indivíduo é adolescente e ao mesmo tempo jovem. Essas delimitações etárias são importantes para proposições de políticas públicas para contingentes específicos da população, no entanto, torna-se necessário ampliar a discussão acerca do que significa ser adolescente e jovem, compreendendo-se as especificidades dessas etapas de vida em contextos específicos (LEÓN, 2005).

Torna-se impossível caracterizar adolescentes e jovens de forma homogênea e engessada, sem levar em consideração as múltiplas formas como as sociedades constroem historicamente a adolescência e a juventude e como os sujeitos vivenciam essas construções sociais na prática. Vários autores discutem a necessidade de pluralizar esses coletivos, haja vista que a adolescência e a juventude estão relacionadas a contextos socioculturais que estão em constantes processos de mudanças e ressignificações (ESTEVES; ABRAMOVAY, 2007; PAIS, 1990; LEÓN, 2005; DAYRELL; CARRANO, 2002; SILVA; LOPES, 2009).

Assim sendo, a adolescência e juventude constituem um complexo mosaico de experiências (RAIMUNDO, 2014). Contudo, nem sempre essa diversidade encontra correspondência nas representações existentes na sociedade sobre o que significa ser adolescente e jovem (DAYRELL; CARRANO, 2002). Por outro lado, um conjunto de pesquisas têm se debruçado na compreensão da adolescência e da juventude de forma contextualizada e dinâmica, analisando-se, sobretudo, às interações entre um conjunto de fatores que podem interferir na trajetória dos jovens e influenciar (de forma positiva e/ou negativa) em suas vivências. Na literatura da área, esses fatores são denominados de **fatores de risco** e **fatores de proteção** (LIBÓRIO; KOLLER, 2009; DELL'AGLIO; KOLLER, 2011; SILVA, 2013; ZAPPE, 2014; NUNES et al., 2014; PALUDO; SCHIRÒ, 2012; SALES et al., 2017; BORGES; ZINGLER, 2013).

Os **fatores de risco** podem ocasionar ou aumentar a probabilidade de danos ao desenvolvimento físico, social, psicológico e/ou emocional da pessoa. Deve-se destacar que a ênfase demasiada e focada somente no risco não indica possibilidades de prevenção, enfrentamento e superação de situações de risco. Isso significa não reforçar as dimensões sadias dos grupos sociais, as quais possibilitam construir estratégias que atuem na promoção de desenvolvimento e bem-estar às pessoas. O olhar para aquilo que “protege” ajuda a ultrapassar preconceitos e “estereótipos macrossistêmicos, marcados por um discurso que ressalta e supervaloriza deficiências e prejuízos, e que está pouco atento às estratégias utilizadas para superar as adversidades enfrentadas” (POLETTO; KOLLER, 2008, p. 408).

Em vista disso, a identificação de fatores de risco deve ser realizada em consonância com o apontamento de **fatores de proteção** (POLETTO; KOLLER, 2008). A proteção consiste em um “conjunto de influências que modificam e melhoram a resposta de uma pessoa a algum perigo que predispõe a um resultado não adaptativo” (JUNQUEIRA; DESLANDES, 2003, p. 229).

Tanto risco quanto proteção devem ser compreendidos em uma perspectiva processual, dentre os quais diferentes fatores irão interagir e poderão acentuar ou inibir distúrbios,

transtornos e respostas desadaptativas (POLETTTO; KOLLER, 2008). A definição daquilo que pode ser risco ou proteção aparenta ser complicada, haja vista que as interações e combinações de suas implicações no desenvolvimento necessitam de uma análise minuciosa e contextualizada (YUNES, 2001). Os fatores de risco e de proteção “não são necessariamente entidades estáticas: podem ser elásticas e mutáveis por natureza” (POLETTTO; KOLLER, 2008, p. 409).

Algumas pesquisas têm investigado como esses fatores podem operar na vida de adolescentes e jovens. Como risco, tem-se identificado diversos tipos de violência (BORGES; ZINGLER, 2013; BORGES; ALENCAR, 2015; MAIA et al. 2017; SILVA, 2016), problemas socioeconômicos (SOUZA; SILVA; NUNES, 2016), perdas de pessoas significativas (POLETTTO, KOLLER; DELL'AGLIO 2009; DELL'AGLIO et al 2005), uso de drogas (NARDI; JANH; DELL'AGLIO, 2014; COSTA; DELL'AGLIO, 2011) e as experiências e práticas sexuais arriscadas (ASSIS; GOMES; PIRES, 2014), etc. No que tange aos fatores de proteção, pode-se destacar as percepções de apoio familiar (SOUZA; SILVA; NUNES, 2016; SOUZA; OLIVEIRA, 2011) e dos amigos (AMPARO et al 2008; COSTA, 2016; PESSOA; LIBÓRIO, 2011), autoestima, autoeficácia e perspectiva de futuro (NUNES et al. 2014), religiosidade e espiritualidade (SOUZA; SILVA; NUNES, 2016; MARQUES; CERQUEIRA-SANTOS; DELL'AGLIO, 2011).

Entre esses estudos, existem aqueles (SOUZA; SILVA; NUNES, 2016; POLETTTO, KOLLER; DELL'AGLIO 2009; DELL'AGLIO et al 2005), que tratam, em especial, daquilo que um conjunto de autores (DELL'AGLIO et al, 2005; CASTOLDI; LOPES; PRATI, 2006; LIMA; MORAIS, 2007; WATHIER; DELL'AGLIO, 2007; entre outros) têm chamado de **eventos estressores**. Caso haja uma discrepância entre as demandas do ambiente e os recursos biológicos e psicossociais disponíveis frente a alguma situação adversa, o organismo poderá apresentar um conjunto de alterações em seu equilíbrio interno (LIPP; NOVAES, 2000; BUSNELLO, 2009). Esse desequilíbrio é chamado de estresse (LIPP, 2000) e as adversidades que o antecedem, causando-o, podem ser denominadas de eventos estressores (TRICOLI; BIGNOTTO, 2000).

Vale salientar que nem sempre a exposição a eventos estressores implicará em danos ao desenvolvimento, pois isso dependerá da forma como um conjunto de fatores (pessoais e contextuais) interage diante do potencial estressor, amenizando ou potencializando os seus efeitos. Assim, diante da variabilidade de exposições a eventos estressores, é essencial identificar e compreender os fatores envolvidos nesse processo, levando-se em consideração o contexto onde adolescentes e jovens estão inseridos, o seu momento de desenvolvimento, a

forma como eles percebem os eventos vivenciados e os impactos que essas adversidades têm em suas vidas (POLETTTO, 2007; LIMA, 2014).

A presente dissertação se insere nessa perspectiva, tornando-se relevante academicamente na medida em que:

- a. contribuirá na compreensão dos processos relacionados aos fatores de risco e de proteção na adolescência e juventude em diferentes contextos, já que tem como objetivo identificar eventos estressores e fatores protetivos em várias dimensões (pessoal, familiar, escolar, comunitária, etc.);
- b. desenvolveu um estudo de Revisão Sistemática de Literatura (RSL) sobre eventos estressores na infância, adolescência e juventude, o que oferece subsídios para o entendimento das peculiaridades, similaridades e lacunas dessas investigações. No mais, também não se pode esquecer que RSL é uma metodologia muito utilizada nas áreas da saúde e da psicologia, tornando-se importante sua disseminação para outros campos do conhecimento, como a educação;
- c. produziu conhecimento sobre o tema no norte do país, já que, através da RSL, não foram encontrados estudos em revistas científicas brasileiras nesta região;
- d. deu continuidade a uma pesquisa anterior (SOUZA; SILVA; NUNES, 2016) sobre eventos estressores na adolescência e juventude em Belém/PA, ampliando-se, desse modo, o foco de compreensão a partir da aplicação de um outro instrumento: O Inventário de Eventos Estressores na Adolescência – IEEA (KRISTENSEN et al., 2004). Na pesquisa citada anteriormente, aplicou-se o Questionário Juventude Brasileira (Versão Fase II; DELL'AGLIO et al. 2011) composto por 77 questões sobre diversos temas referentes à juventude, entre eles há um item que trata de eventos estressores, composto por 24 situações que podem se configurar como adversas. Já o IEEA é um instrumento próprio para investigar estressores e possui 64 situações, o que possibilita um estudo mais amplo e aprofundado sobre o assunto. No mais, destaca-se que outras escolas belenenses foram selecionadas para a pesquisa, de bairros distintos;
- e. utilizou uma concepção multimetodológica com a adoção de técnicas quanti-qualitativas através do IEEA e da metodologia dos Grupos de Diálogo (GD). O GD, por sua vez, possibilitou a apreensão dos sentidos e significados produzidos por um grupo de jovens participantes da pesquisa a respeito dos dados coletados através do IEEA. Trata-se, então, de uma pesquisa que apresentará diferentes análises acerca dos dados coletados e interpretações importantes para a literatura da área.

Em termos práticos e institucionais, esta pesquisa é relevante por:

- (a) proporcionar aos adolescentes e jovens do estudo o acesso aos conhecimentos relacionados ao tema da dissertação, uma vez que uma das metodologias utilizadas (Grupos de Diálogo – GP) têm como pressuposto a associação entre pesquisa e intervenção, isto é, tal técnica possibilita apreender as percepções e significações dos participantes, bem como socializar, discutir e (re) elaborar pontos de vista, crenças e posicionamentos. No mais, torna-se importante ressaltar que, mesmo após a finalização desta pesquisa, serão realizados outros GP e palestras com a comunidade escolar, a fim de dar continuidade aos processos formativos que o GEPJUV vem realizando ao longo dos últimos anos em escolas públicas de Belém/PA. Trata-se de um posicionamento político do grupo: realizar pesquisas, socializá-las e disseminá-las entre os coletivos acadêmicos e extracadêmicos e desenvolver ações no âmbito escolar e em defesa da adolescência e da juventude;
- (b) propor, em conjunto e a partir das falas dos jovens, caminhos de prevenção e enfrentamento ao risco;
- (c) oferecer subsídios para que as instituições (como a escola e a família) possam repensar seus papéis e articulações frente à garantia de bem-estar e desenvolvimento da juventude.

Assim sendo, na perspectiva de efetivar tais contribuições acadêmicas e sociais, a presente dissertação apresenta a seguinte questão norteadora e os seus respectivos objetivos:

1.2.1 Questão norteadora

- ❖ Quais as implicações da exposição a eventos estressores (fatores de risco) na adolescência e juventude, bem como as possíveis interações destes com os fatores de proteção ao desenvolvimento?

1.2.2 Objetivos

1.1.2.1 Geral

- ❖ Compreender as implicações da exposição a eventos estressores na vida de adolescentes e jovens estudantes de escolas públicas e as possíveis interações entre fatores de risco (eventos estressores) e fatores de proteção ao desenvolvimento.

1.1.2.2 Específicos

- i. Construir um panorama de pesquisas sobre eventos estressores no desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens brasileiros;
- ii. Caracterizar a frequência e o impacto de eventos estressores em uma amostra de adolescentes e jovens estudantes de escolas públicas do município de Belém do Pará;
- iii. Compreender as percepções e significações que esses sujeitos constroem acerca de eventos estressores vivenciados e as implicações dessas adversidades em suas vidas;
- iv. Identificar possíveis interações entre fatores de risco (eventos estressores) e fatores de proteção no desenvolvimento dos sujeitos.

1.3 Organização da dissertação

Além desta seção introdutória, este texto está estruturado da seguinte forma:

- ❖ **Seção II – Referencial Teórico: As concepções basilares e estruturantes da dissertação:** Discute as categorias centrais desta dissertação: Adolescência, Juventude, Eventos estressores, Fatores de risco e Fatores de proteção, além de conter uma discussão acerca da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH) – matriz teórica estruturante de todo o trabalho –, e um conjunto de dados estatísticos sobre adolescência e juventude no Brasil, a fim de refletir sobre o contexto de violência e desigualdades sociais que adolescentes e jovens vivenciam no país;
- ❖ **Seção III – Eventos estressores no desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens brasileiros: Um estudo de revisão sistemática:** Trata-se de um estudo de Revisão Sistemática de Literatura (RSL) que possui como objetivo mapear as produções científicas sobre eventos estressores na infância, adolescência e juventude em contexto brasileiro;
- ❖ **Seção IV – Entre risco e proteção: Eventos estressores no desenvolvimento de adolescentes e jovens estudantes de escolas públicas de Belém/PA:** Esta seção apresenta a pesquisa empírica realizada em 8 (oito) escolas públicas de Belém do Pará sobre eventos estressores na adolescência e juventude. O estudo foi constituído por duas amostragens: a primeira (Quantitativa) foi composta por 510 (quinhentos e dez) estudantes que responderam ao Inventário de Eventos Estressores na

Adolescência (IEEA); a segunda amostra (Qualitativa) foi formada por 1 (um) Grupo de Diálogo com um total de 32 jovens que debateram sobre os dados quantitativos mencionados anteriormente.

- ❖ **Considerações finais** – Nas considerações finais, retoma-se os objetivos da pesquisa, destacando os principais resultados encontrados relacionados às adversidades vivenciadas pelos participantes e os processos protetivos que atuaram positivamente no desenvolvimento. Ainda nas considerações finais, apontam-se algumas limitações da investigação, bem como proposições para estudos futuros sobre o assunto.

2 REFERENCIAL TEÓRICO: AS CONCEPÇÕES BASILARES E ESTRUTURANTES DA DISSERTAÇÃO.

Este capítulo visa discorrer sobre os conceitos e concepções que embasam e estruturam todo o debate da dissertação, com base nas seguintes categorias: Adolescência, Juventude, Fatores de Risco, Fatores de Proteção e Eventos Estressores.

O fio condutor da discussão a que se propõe esta seção é o entendimento dinâmico e processual da vida de adolescentes e jovens como produto de múltiplas relações entre características individuais e contextuais, que se constituem historicamente, inter-relacionam-se e influenciam, desse modo, o desenvolvimento humano. Essa forma dinâmica de conceber o desenvolvimento da pessoa está fundamenta na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBED), de Urie Bronfenbrenner (BRONFENBRENNER, 1996, 2011; BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998). Tal matriz teórica tem sido muito utilizada como referência em pesquisas sobre adolescência, juventude, fatores de risco e de proteção no Brasil (NUNES, 2013; MAIA, 2017; SOUZA; SILVA; NUNES, 2016; NARDI, 2010; SANTOS, 2006; CERQUEIRA-SANTOS et al, 2010; AMPARO et al, 2008).

O presente capítulo está subdividido em três subseções. A primeira apresenta justamente a TBED, haja vista que ela perpassará por todas as demais subseções e também estará presente nas análises dos dados da pesquisa empírica que possibilitou a composição do quarto capítulo deste trabalho. No mais, apresenta-se neste primeiro subitem a concepção de Pessoa, de Processos, de Contexto e de Tempo que a abordagem pressupõe. Estes quatro elementos são fundamentais para as demais discussões de todas as seções.

A segunda subseção discute as concepções de adolescência e juventude que alguns autores brasileiros abordam, cuja centralidade está na ideia de pluralizar estas duas categorias com o objetivo de se conceber múltiplas *adolescências e juventudes*, que são construídas pelos próprios sujeitos em relação com seus contextos socioculturais. Utilizar-se-á neste debate, especialmente, autores que têm produção focada nas noções e abordagens sobre adolescência e juventude e que, desse modo, atendem ao objetivo do subitem, tais como: León (2005), Dayrell (2003), Esteves e Abramovay (2007), Dayrell e Carrano (2003), Campos (2012), Pappámikail (2010), Groppo (2015), Melo, Souza e Dayrell (2012) e Carrano (2012).

Logo em seguida, na subseção de número três, apresenta-se um conjunto de dados estatísticos que demonstram que a juventude brasileira está exposta a um contexto de risco, marcado pela desigualdade social e pela violência. Este panorama é importante para que se possa visualizar (mesmo que de forma estatística) a situação macroestrutural que os jovens

vivenciam no Brasil. Na atualidade, tanto a desigualdade social quanto a violência são fatores que não podem ser ignorados e que têm afetado fortemente a adolescência e a juventude, uma vez que, quando se observam os documentos sobre essas questões, identifica-se de imediato número alarmantes de risco à adolescência e juventude. Isso justifica a relevância de pesquisas sobre ambas às etapas do desenvolvimento, assim como se propõe esta dissertação.

O quarto e último subitem discute os conceitos de fatores de risco, fatores de proteção e eventos estressores e de suas possíveis implicações no desenvolvimento humano. Essas três categorias também são apresentadas de forma dinâmica, visto que nenhum destes fatores/eventos pode ser definido *a priori*, haja vista que uma mesma situação pode (ou não) impactar o desenvolvimento, além de ser percebida de diferentes formas.

2.1 As contribuições da Teoria de Urie Bronfenbrenner para o entendimento do desenvolvimento humano, da adolescência e da juventude

O livro *The Ecology of Human Development: experiments by nature and design* (A Ecologia do Desenvolvimento Humano: experimentos naturais e planejados) do psicólogo russo Urie Bronfenbrenner (BRONFENBRENNER, 1996) é considerado um clássico na área do desenvolvimento humano (NAVAZ; KOLLER, 2004). Nesta obra, Bronfenbrenner delineou os princípios de seu primeiro modelo teórico a fim de conduzir o estudo do desenvolvimento humano, centrando-se, sobretudo, no papel que o contexto ecológico exerce sobre a vida das pessoas (COPETTI; KREBS, 2004). Assim, o autor propôs a Teoria dos Sistemas Ecológicos em que explica que “o ambiente ecológico é concebido como uma série de estruturas encaixadas, uma dentro da outra, como um conjunto de bonecas russas” (BRONFENBRENNER, 1996, p.5).

O sistema ecológico é composto pela interação recíproca de quatro níveis sistêmicos concêntricos: *microsistema*, *mesossistema*, *exossistema* e *macrossistema*. O *microsistema* é constituído por um conjunto de atividades, papéis e relações interpessoais vivenciadas face-a-face por uma pessoa em desenvolvimento num dado ambiente com características físicas e materiais específicas. Trata-se de um “complexo de relações entre a pessoa em desenvolvimento e o ambiente imediato no qual ela está contida” (BRONFENBRENNER, 2011, p. 23).

Para Bronfenbrenner (2011), de todos os contextos que influenciam do desenvolvimento da pessoa, a família é o microsistema que dispõe das principais condições para o desenvolvimento humano:

De todos os contextos que nos ajudam a sermos humanos, a família fornece as condições de desenvolvimento mais importantes [...]. Outros contextos, como a escola, igreja ou creche são importantes para o desenvolvimento de crianças, mas ninguém pode substituir esta unidade básica no nosso sistema social: a família é o mais humano, o mais poderoso e o mais econômico conhecido para tornar e manter os seres humanos mais humanos (BRONFENBRENNER, 2011, p. 279).

Apesar da importância da família, Bronfenbrenner (2011) cita outros contextos que também podem ser importantes para o desenvolvimento e que, ao se inter-relacionarem, constituem um *mesossistema*. O *mesossistema*, portanto, inclui as inter-relações entre dois ou mais microsistemas e é ampliado sempre que a pessoa em desenvolvimento participa de um novo contexto em um determinado período de sua vida. A passagem da pessoa de um contexto ecológico para outro contexto novo e diferente se chama *transição ecológica*. De forma sintética, “o mesossistema é um sistema formado por microsistemas” (BRONFENBRENNER, 2011, p. 82).

Bronfenbrenner (2011, p. 83) exemplifica essas transições e relações entre microsistemas e suas constituições em mesossistemas e comenta as possíveis implicações desses processos no desenvolvimento humano:

Os exemplos incluem entrar em uma creche, passar da pré-escola para a escola, graduar-se, encontrar seu primeiro emprego, mudar de emprego, casar e tirar férias, viajar, mudar de casa, ser hospitalizado, voltar para casa novamente, retornar do trabalho. Sugerimos que cada uma dessas transições tem consequências no desenvolvimento humano que envolvem a pessoa em novas atividades e em outros tipos de estrutura social.

O próximo nível do ambiente ecológico se chama *exossistema*. Este é formado por um ou mais ambientes que não envolvem a participação ativa da pessoa, isto é, ela não está inserida diretamente neste sistema, mas aquilo que acontece em seu âmbito pode afetar diretamente os microsistemas onde ela está inserida, do mesmo modo que podem sofrer influências destes ambientes mais imediatos, assim como pode influenciar o comportamento e o desenvolvimento da pessoa (BRONFENBRENNER, 1996; BRONFENBRENNER, 2011; KOLLER, 2004). Como exemplos de exossistema, Bronfenbrenner (2011, p. 83) cita “o local de trabalho dos pais, a escola onde o irmão mais velho estuda, a rede de amigos dos pais, a vida pessoal dos professores e as atividades do conselho escolar local”.

Por fim, o macrosistema se refere à totalidade de crenças, valores e ideologias presentes nas instituições sociais, em suas culturas e subculturas, que dão forma e conteúdo ao micro, meso e exossistema. O macrosistema engloba todos os sistemas anteriores (BRONFENBRENNER, 1996).

O macrosistema pode ser exemplificado da seguinte forma:

Dentro de determinada cultura, por exemplo, uma sala de aula parece e funciona muito como as outras. É como se todas tivessem sido construídas com base no mesmo

modelo. De forma similar, de cidade em idade, dentro de uma determinada sociedade, um estilo urbano assemelha-se ao outro [...]. Associados com cada uma dessas subculturas estão os padrões característicos de ideologias e estilos de vida que estão refletidos em objetivos e prática de socialização. Como resultado, as experiências cotidianas das crianças de um determinado grupo socioeconômico, ético ou religioso tendem a ser semelhantes (BRONFENBRENNER, 2011, p. 84).

Assim sendo,

a ecologia do desenvolvimento humano envolve o estudo científico da acomodação progressiva, mútua, entre um ser humano ativo, em desenvolvimento, e as propriedades mutantes dos ambientes imediatos em que a pessoa em desenvolvimento vive, conforme esse processo é afetado pelas relações entre esses ambientes, e pelos contextos mais amplos em que os ambientes estão inseridos (BRONFENBRENNER, 1996, p. 18).

Nessas primeiras proposições, há uma demasiada ênfase de Bronfenbrenner nos aspectos contextuais em detrimento dos aspectos pessoais. Essa é a crítica central que o próprio autor realiza à concepção inicial dos sistemas ecológicos. Estes aspectos foram revisados e possibilitaram uma segunda fase mais dinâmica e interacional na teoria, com a inserção de novos elementos, especialmente aqueles relacionados às interações sinérgicas de quatro núcleos inter-relacionados: a *Pessoa*, os *Processos*, o *Contexto* e o *Tempo* (modelo PPCT). Surge, assim, o denominado *Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano*. A explicação para a denominação “bioecológica” está assentada na ideia de unir as características e estruturas funcionais da pessoa em desenvolvimento (aspectos biológicos, psicológicos e comportamentais) para dentro do sistema ecológico (NARVAZ; KOLLER, 2004; BRONFENBRENNER, 2011; LERNER, 2011).

Assim, a partir dessas reformulações, os processos passam ter um lugar central no desenvolvimento humano, em que as diferentes formas de interação entre as pessoas não são mais compreendidas apenas como função do ambiente, mas como uma função do Processo. Assim, o Processo, primeiro elemento do novo modelo, é entendido como as interações recíprocas progressivamente mais complexas entre uma pessoa ativa – dotada de um conjunto características biopsicológicas – e o seu ambiente imediato (pessoas, objetos e símbolos). Os processos são “os principais motores de desenvolvimento” (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, p. 996).

Para que haja desenvolvimento, as interações precisam acontecer em contextos estáveis por um longo período de tempo. De acordo com Bronfenbrenner (2011, p. 46), “esses padrões duradouros de interação no contexto imediato são denominados processos proximais”. Estes, por sua vez, podem ser definidos a partir de cinco aspectos: 1) a pessoa precisa estar engajada em uma atividade, caso contrário, não haverá desenvolvimento; 2) conforme apontado anteriormente, para que a interação seja efetiva, as interações devem acontecer em uma base

relativamente regular, por meio de um longo período de tempo; 3) com o tempo, as atividades precisam ser cada vez mais complexas; 4) as relações proximais devem ser recíprocas para que os processos proximais sejam efetivos; 5) a interação recíproca depende da atenção, exploração e manipulação que a pessoa em desenvolvimento realiza dos objetivos e símbolos que estão presentes em seu contexto imediato, bem como de sua imaginação (KOLLER, 2004).

Os processos proximais podem produzir dois tipos de efeitos que conduzem a diferentes resultados no desenvolvimento: 1) o primeiro refere-se aos efeitos de competência que tem relação com a aquisição e apropriação de saberes, habilidades e capacidades para orientar o próprio comportamento; 2) o segundo resultado chama-se “efeito de disfunção” que é a manifestação recorrente de dificuldades em manter o controle e a integração do comportamento (KOLLER, 2004; LIMA, 2014).

Lima (2014, p.28) exemplifica essa questão:

A competência pode ser exemplificada na capacidade da criança/adolescente em situação de rua aprender comportamentos que possibilitam sua sobrevivência, como: estabelecer vínculos com instituições de apoio ou mesmo com pessoas da comunidade que podem lhe fornecer alimentação, roupas e calçados. Já a disfunção pode ser ilustrada na evasão escolar de crianças/adolescentes diante de um fracasso escolar, seja em relação a uma nota avaliativa ou por dificuldades de relacionamento com pares.

A Pessoa é o segundo componente do Modelo Bioecológico e envolve tanto as características pré-estabelecidas biopsicologicamente quanto às características que são construídas no processo de interação com o ambiente. As características da pessoa são, tanto produtoras, quanto produto do desenvolvimento e constituem um dos elementos que influenciam nos processos proximais. Há três tipos de características da pessoa que influenciam o desenvolvimento e os processos proximais: 1) forças: são os elementos que dão movimento aos processos proximais e os sustentam (forças geradoras), mas que também podem ser obstáculos que os impedem de operar (forças desorganizadoras). As características geradoras envolvem orientações ativas propulsoras de curiosidade, disposição para realizar atividades individuais ou coletivas, respostas às iniciativas de outras pessoas e auto-eficácia. As forças desorganizadoras, por outro lado, dificultam a pessoa em manter o controle de seu comportamento e de suas emoções e podem se evidenciar, por exemplo, através da apatia, desatenção, insegurança, impulsividade, etc. 2) recursos biopsicológicos: conjunto de experiências, habilidades e conhecimentos que envolvem o funcionamento dos processos proximais, que podem limitar/inibir a capacidade funcional do organismo (deficiências) ou ampliar a efetividade dos processos proximais através de características individuais que

evoluíram ao longo do desenvolvimento. 3) demandas: aspectos que desencadeiam estímulos ou desencorajam as reações do meio social. São os atributos que podem incitar ou inibir interações da pessoa com o contexto social e que podem favorecer ou não os processos proximais (BRONFENBRENNER, 2011; KOLLER, 2004).

O *Contexto*, conforme descrito anteriormente, é entendido como as interações entre quatro níveis ambientais: micro-, meso-, exo- e macrosistema (KOLLER, 2004; LIMA, 2014). O Tempo (*Cronossistema*) é o quarto e último componente da Bioecologia e permite compreender as influências sobre a vida da pessoa ao longo do curso de seu desenvolvimento, sendo subdividido em três níveis: *microtempo*, *mesotempo* e *macrotempo*. Por *microtempo*, entende-se à continuidade e descontinuidade que podem ser observadas dentro pequenos episódios dos processos proximais. O *mesotempo*, por sua vez, refere-se a uma maior durabilidade nos episódios desencadeadores de processos proximais, com maiores intervalos temporais como dias e semanas, que podem produzir resultados significativos no desenvolvimento. Por fim, o *macrotempo* envolve a dinâmica de mudanças entre as expectativas e eventos que acontecem dentro de uma sociedade através de gerações, bem como a forma como estes eventos afetam e são afetados pelos processos e resultados do desenvolvimento humano dentro do ciclo de vida (KOLLER, 2004).

O estudo do tempo, dentro desses três níveis, deve partir da pessoa em desenvolvimento em relação aos acontecimentos que fazem parte de sua vida, desde aqueles mais próximos até os mais distantes e remotos em transições históricas. Os quatro níveis do modelo PPCT são produzidos historicamente, mas também são produtores recíprocos de mudanças históricas (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998; KOLLER, 2004).

Para Senna e Dessen (2012, p. 104), a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBED) “traçou, portanto, as diretrizes para o planejamento de pesquisas que consideram a inter-relação dos fatores individuais, contextuais e temporais na promoção dos processos de desenvolvimento humano”. Assim, as proposições da TBDH têm sido utilizadas em pesquisas com adolescentes e jovens em diversos contextos e sobre os mais variados temas: fatores de risco e fatores de proteção na adolescência e juventude (SILVA, 2013; SILVA, 2014, SILVA, 2017), adolescentes em conflito com a lei (NARDI, 2010), adolescentes em *habitat* de rua (SANTOS, 2006), gravidez na adolescência (CERQUEIRA-SANTOS et al, 2010), adolescentes e jovens em situação de risco psicossocial (AMPARO et al, 2008), juventude em contexto escolar (NUNES, 2013) e violência intrafamiliar (MAIA, 2017).

A pesquisa de Nardi (2010), por exemplo, procurou analisar a trajetória de três adolescentes, do sexo masculino, com idades entre 15 e 18 anos, que cumpriam medidas

socioeducativas em meio aberto na cidade de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul, sob a ótica da TBDH. O primeiro caso, diz respeito a um adolescente de quinze anos que, junto com seus amigos, foi pego pela polícia com maconha. Devido a isso, ele teve de cumprir, por seis meses, medidas socioeducativas. Algumas experiências positivas vivenciadas no passado pelo adolescente demonstraram influências no processo de reflexão sobre os seus atos. Um dos fatores encontrado no microsistema familiar, que pode ter auxiliado no desenvolvimento moral do adolescente foi o seu relacionamento positivo com a mãe.

No segundo caso, observou-se que o adolescente, em decorrência do uso de drogas e da permanência nas ruas, foi morar em um abrigo, o qual se constituiu em outro microsistema fundamental para o seu desenvolvimento. De acordo com Nardi (2010), este movimento do ambiente familiar para o abrigo é chamado na TBDH de transição ecológica e provoca inúmeras mudanças na vida das crianças e adolescentes e em suas redes de apoio social e afetivas. O último caso, de um adolescente de quinze anos que morava sozinho com a irmã, retrata as possíveis influências que as mudanças de configuração familiar podem ter na adolescência. Os pais do adolescente se separaram e foram morar com outros conjugues, deixando o adolescente e a sua irmã morando a sós. Posteriormente, o adolescente foi pego junto com amigos pela polícia pichando um muro perto de sua casa e teve de cumprir medidas socioeducativas. Nardi (2010) comenta que, para a TBDH, existem implicações que podem ocorrer no desenvolvimento do indivíduo, caso algum momento ou fase de transição aconteça muito cedo ou muito tarde. No caso deste jovem, chegaria um momento em sua vida que iria morar sozinho. Porém, de acordo com ele, esse tempo chegou muito cedo, podendo ter ocasionado consequências negativas em sua vida.

O estudo de Maia (2017) procurou investigar a exposição de adolescentes e jovens estudantes de escolas públicas de Belém do Pará à violência no contexto familiar, de modo a identificar suas percepções sobre tal violência, os fatores de risco e os fatores de proteção, tendo por base analítica a teórica a TBED. Ao todo, participaram 5 adolescentes e jovens, de ambos os sexos, com idades entre 16 e 19 anos. Os resultados evidenciaram que os participantes têm percepções positivas sobre o microsistema familiar, apesar de terem sido expostos à violência física e/ou psicológica neste contexto ao longo de suas trajetórias de desenvolvimento. Ademais, as falas fluíram para além da família e possibilitam compreender a dinâmica de outros contextos de desenvolvimento. A pesquisa identificou eventos relacionados à violência em contexto comunitário (mesossistema), que se manifestaram em brigas e agressões físicas envolvendo os jovens e membros da comunidade (vizinhos e policiais, principalmente). No

mais, também se pôde observar experiências vivenciadas na escola que se constituíram como potenciais fatores de risco, expressas, por exemplo, em práticas de *bullying*.

A pesquisa de Maia (2017) também possibilitou compreender as influências que algumas relações que acontecem na família podem exercer em outros contextos, como é o caso do apoio familiar em atividades relacionadas à escola, à religiosidade e ao mundo do trabalho. Isso demonstra o quão dinâmico podem ser as interações entre os sistemas ecológicos e de suas influências no desenvolvimento na adolescência e juventude. Mais do que isso, a investigação também demonstrou a dinâmica de papéis que a família exerce diretamente na vida dos jovens, constituindo-se em alguns momentos como contexto protetivo e, em outros, sendo propulsora de fatores de risco que se evidenciaram através dos mais variados tipos de violência.

A pesquisa de Nunes (2013) também foi realizada com jovens belenenses e teve por objetivo investigar os fatores de risco e os fatores de proteção existentes na relação entre os jovens e o microsistema escolar, utilizando-se, da mesma forma, a TBED. A amostra da pesquisa foi composta por 610 estudantes de escolas públicas, com idades entre 14 a 24 anos, de ambos os sexos. Os resultados indicaram vários tipos de correlações, sobretudo, em relação ao microsistema escolar: reprovação baixas expectativas de futuro acadêmico, boas percepções quanto à escola e melhores perspectivas acadêmicas, percepção positivas sobre a escola e autoestima.

Através de todas essas pesquisas, observa-se que as proposições da TBED podem ser utilizadas em investigações voltadas à adolescência, pois ajudam na compreensão

da forma como os adolescentes estão situados em seus contextos específicos, como esses contextos influenciam o curso do seu desenvolvimento e, ao mesmo tempo, como os adolescentes influenciam esses contextos direta ou indiretamente. Estes conhecimentos têm permitido avanços no sentido de ultrapassar a visão inicial de adolescência como um período de turbulência e instabilidade, para incorporar uma visão mais positiva do desenvolvimento do adolescente (SENNA; DESSEN, 2012, p. 104).

Dentro dessa perspectiva, portanto, a adolescência e a juventude (assim como outras fases da vida humana) devem ser compreendidas como produtos de múltiplos fatores (individuais e contextuais) que interagem e produzem o desenvolvimento humano. As proposições da TBDH nos ajudam a pensar a adolescência e a juventude de forma mais ampla, isto é, como categorias que não podem ser individualizadas, mas que estão interligadas a um conjunto de processos que se desenrolam historicamente nos ambientes ecológicos. O desenvolvimento, então, passa a ser visto como resultado desse conjunto de processos e interações que se estabelecem entre o próprio adolescente/jovem (dotado de características

biopsicológicas), os contextos mais imediatos nos quais ele está inserido (escola, família e comunidade, por exemplo) e os contextos que independem de sua presença física (conjunto de valores culturais, por exemplo).

Todos esses processos acontecem de forma diferenciada em cada sociedade e vão produzir distintas *adolescências* e *juventudes*. Assim, estas duas categorias adquirem contornos específicos em função das múltiplas possibilidades interacionais entre fatores individuais e contextuais no desenvolvimento humano que nos permitem flexioná-las e compreendê-las de forma plural, na perspectiva da diversidade. Esse debate será o ponto central da próxima subseção deste trabalho que tem por objetivo discutir as concepções acerca da adolescência e juventude presentes na literatura brasileira, bem como defender a necessidade de diversificar e compreender as vicissitudes de ambas às etapas da vida humana.

2.2 Adolescência (s) e juventude (s): uma discussão teórico-conceitual

As temáticas da adolescência e da juventude no Brasil têm ganhado certo destaque nos últimos anos, tanto por parte da chamada “opinião pública” (expressa nos meios de comunicação de massa) como da produção acadêmica, bem como por parte de ações governamentais e/ou de instituições não governamentais. Entre os meios de comunicação de massa, há um crescimento de produtos pensados para adolescentes e jovens e também um aumento nos noticiários relacionados a eles. No caso do mercado de consumo, os produtos, normalmente, estão relacionados à cultura e comportamento: música, moda, estilo de vida, esporte e lazer. Quanto ao protagonismo dos jovens nos noticiários, os temas mais rotineiros são aqueles relacionados aos “problemas sociais” que esses sujeitos podem ocasionar à comunidade onde estão inseridos (ABRAMO, 1997).

Para além disso, pensar em adolescência e juventude requer uma compreensão aprofundada das múltiplas características pessoais e sociais que operam e influenciam o desenvolvimento humano nessas etapas de vida, também exige compreender as formas pelas quais adolescentes e jovens vivenciam esses fatores nos contextos onde estão inseridos. Isso significa assumir a visão ecológico, sistêmica e interacional proposta por Bronfenbrenner, de modo que as investigações no campo da adolescência e juventude possam olhar a totalidade dos processos que envolvem o indivíduo e os variados níveis ambientais (microsistema, mesossistema, exossistema, macrosistema e cronossistema) do contexto onde está inserido e vivencia.

De acordo com León (2005), de forma disciplinar, a adolescência tem sido uma categoria analisada, sobretudo, pela Psicologia, que busca compreender os processos e transformações particulares de cada indivíduo. A juventude, por sua vez, ganha maior atenção em outras áreas das ciências sociais – e também das humanidades –, em especial nos estudos sociológicos, antropológicos, culturais e nos campos da educação e da comunicação.

O que cada área do conhecimento busca compreender é a diversidade e complexidade de ambas as etapas de vida, já que a adolescência e a juventude são tratadas na literatura como categorias complexas, polissêmicas e de difícil compreensão (TRANCOSO; OLIVEIRA, 2014; CARA; GAUTO, 2007; PAPPÁMIKAIL, 2010; DAYRELL; CARRANO, 2002).

Desse ponto de vista,

Já não se trata de novidade, mas sim de uma necessidade, pluralizar o momento de referirmo-nos a estes coletivos sociais, isto é, a necessidade de falar e conceber diferentes “adolescências” e “juventudes”, em um sentido mais amplo das heterogeneidades que se possam apresentar e visualizar entre adolescentes e jovens (LEÓN, 2005, p. 10).

Trata-se, então, de compreender ambas às fases para além de um conjunto de representações e modelos que acabam vendo a adolescência e a juventude de forma descontextualizada, estática e reducionista. À juventude é atribuído um caráter de transitoriedade, de “vir a ser”, ou seja, as ações dos jovens no presente só terão significado se forem associadas às atividades que eles irão exercer no futuro, quando estiverem adultos (DAYRELL; CARRANO, 2002; PAPPÁMIKAIL, 2010). Sobre os jovens são depositadas as esperanças da renovação, idealizando-se, muitas vezes, uma natural capacidade destes sujeitos para a participação, transformação e mudança (CARRANO, 2012). Também há um entendimento da juventude como uma etapa problemática e de crise, cujas atitudes infligem as normas e geram problemas sociais (ABRAMO, 2005). O jovem seria aquele que se integra mal e resiste à ação socializadora, desviando-se do padrão normativo (PERALVA; 1997), e cuja identidade encontra-se em conflito, provocando problemas de autoestima e personalidade (DAYRELL; CARRANO, 2002). Parece que os jovens vêm de fora da sociedade para estabelecer com ela um conflito (ZANETI, 2001). É nessa perspectiva que os jovens são “para o pensamento e a para a ação social como ‘problema’: como objeto de falha, disfunção ou anomalia no processo de integração social; e, numa perspectiva mais abrangente, como tema de risco para a própria continuidade social” (ABRAMO, 1997, p. 29).

Assim, são elaboradas políticas focadas

na busca de enfrentamento dos “problemas sociais” que afetam a juventude (cuja causa ou culpa se localiza na família, na sociedade ou no próprio jovem, dependendo do caso e da interpretação), mas, no fundo, tomando os jovens eles próprios como problemas sobre os quais é necessário intervir, para salvá-los e reintegrá-los à ordem social (ABRAMO, 1997, p. 26).

Por outro lado, mesmo sendo um período “problemático”, a juventude é tida como um estágio importante e estratégico para o desenvolvimento econômico, sendo os jovens “atores dinâmicos da sociedade e como potencialidades para responder aos desafios colocados pelas inovações tecnológicas e transformações produtivas” (SILVA; LOPES, 2009, p. 102). Também se costuma relacionar o jovem a modelos sociais baseados e construídos nas grandes mídias (DAYRELL; CARRANO, 2003).

No entanto, essas concepções precisam ser problematizadas, pois

Quando arraigados nesses modelos socialmente construídos, corremos o risco de analisar os jovens de forma negativa, enfatizando as características que lhes faltariam para corresponder a um determinado modelo de “ser jovem”. Dessa forma não conseguimos apreender os modos pelos quais os jovens, principalmente se forem de camadas populares, constroem as suas experiências (DAYRELL, 2003, p. 41).

Ademais, a adolescência e a juventude também podem ser analisadas a partir de critérios etários. Convencionalmente, em âmbito nacional, costuma-se delinear a adolescência entre 12 e 18 anos, enquanto a juventude situa-se, aproximadamente, entre os 15 e 29 anos de idade, que, por sua vez, divide-se “em três subgrupos etários: de 15 a 19 anos, de 20 a 24 anos e de 25 a 29 anos” (LEÓN, 2005, p. 13). De forma completar a isso, León (2005) comenta que para o caso de designar o período da juventude, em determinados contextos e por usos instrumentais associados, este se amplia para baixo e para cima, podendo se ampliar entre um período máximo desde os 12 aos 35 anos.

Porém, a categoria etária também não é suficiente para discutir as condições e características históricas que cada grupo de jovens vivencia:

Um jovem de zona rural não tem a mesma significância etária que um jovem da cidade, como tampouco os de setores marginalizados e as classes de alto ingresso econômico. Por esta razão, não se pode estabelecer um critério de idade universal que seja válido para todos os setores e todas as épocas: a idade se transforma somente em um referente demográfico (LEÓN, 2005, p. 13).

Isso significa que a forma de ser e os papéis sociais exercidos por jovens que têm a mesma idade, mas que residem em contextos diferentes e com condições socioeconômicas díspares, não são os mesmos, haja vista que o desenvolvimento humano e, portanto, do adolescente e do jovem, constitui-se como “o conjunto de processos pelos quais as propriedades da pessoa e do ambiente interagem para produzir a constância e a mudança das características biopsicológicas da pessoa ao longo do seu ciclo vital” (BRONFENBRENNER, 2011, p. 139).

Para além daqueles paradigmas simplistas que reduzem a adolescência e a juventude, por exemplo, a “anomalias” e destas delimitações etárias institucionais, a adolescência e juventude devem ser compreendidas como construções sociais, históricas, culturais e relacionais, que ao longo das diferentes épocas e processos histórico-sociais vieram adquirindo denotações e recortes diferenciados (LEÓN, 2005). Logo, ao contrário das concepções citadas anteriormente, não existe um bloco monolítico, cristalizado e homogêneo composto por adolescentes e jovens, senão culturais juvenis, com visões convergentes e divergentes, com pensamentos e ações que podem se assemelhar, mas que são, muitas vezes, totalmente contraditórias entre si (ESTEVES; ABRAMOVAY, 2007).

Em específico no que diz respeito à adolescência, pode-se encontrar alguns traços frequentes entre as concepções clássicas e contemporâneas sobre essa etapa de vida, seja do ponto de vista biológico e fisiológico, ou do desenvolvimento físico. É na adolescência que acontecem várias mudanças maturacionais que levam o indivíduo a alterações em seu crescimento físico e em sua capacidade de reprodução. Trata-se da entrada do sujeito na puberdade, entendida como um fenômeno relacionado às transformações no processo de maturação da espécie humana (maturação sexual; alterações no crescimento, na aparência física e na voz, etc.) (COSTA, 2011). Assim, pode-se falar que “não se completa a adolescência até que todas as estruturas e processos necessários para a fertilização, concepção, gestação e lactação não tenham terminado de amadurecer” (LEÓN, 2005, p. 11).

Todavia, para além da puberdade, especificamente, a adolescência é um fenômeno sociocultural, ou seja, os seres humanos ao longo de seu percurso desenvolvimental passam pela puberdade, no entanto, a forma como constroem, significam e vivenciam a adolescência é muito distinta. A adolescência é marcada por mudanças físicas advindas da puberdade e também por um conjunto de relações entre o próprio adolescente e o contexto sociocultural onde está inserido (MOREIRA; ROSÁRIO; SANTOS, 2011).

Além disso, na adolescência surgem profundas mudanças qualitativas na organização do pensamento. A configuração do raciocínio passa a ser mais social, sendo relevantes os processos de identidade individuais e coletivos, os quais ajudam no entendimento de si, das relações interpessoais, das instituições e de costumes socioculturais. Torna-se mais intensa e intencional a articulação do conhecimento sobre o eu e os outros, a aquisição de novas habilidades sociais, evidenciando-se um conjunto de princípios éticos e morais que podem ser aceitos ou negados pelo adolescente (LEÓN, 2005). Sobre essas mudanças no desenvolvimento mental, Campos (2012, p.44) comenta que na adolescência há um

aumento da capacidade de controlar a imaginação, essencial para frear a fantasia excessiva e prejudicial ao desenvolvimento do pensamento lógico. O pensamento mágico, fabuloso, que predominava na infância, cede lugar ao pensamento baseado nas evidências dos fatos reais. A criança que sempre esperava pelo extraordinário, pela intervenção da fada que modifica o panorama da logicidade e da fatalidade dos acontecimentos, passa a procurar as relações de causa e efeito no que ocorre a seu redor.

Ainda sobre a adolescência, Campos (2012) e Frota (2007) realizam algumas considerações que demonstram a complexidade desta etapa de vida:

Os diferentes pontos de vista suscitam diversos problemas de definição, além da questão se a adolescência deve começar com as mudanças do crescimento pubescente ou com o atingimento da puberdade.

Primeiro, deve-se reconhecer que qualquer tentativa de fixar idades específicas para este desenvolvimento físico é impropriedade. A idade cronológica, geralmente, é um indicador falho a idade biológica – e, especialmente, na adolescência, devido às grandes diferenças individuais que caracterizam este período do desenvolvimento. Segundo, paralelamente às condições específicas de idade, os critérios de puberdade ou maturidade sexual são ilusórios.

E, ainda, seja qual for o critério biológico de puberdade usado, é errôneo tentar delimitar os anos adolescentes. Uma vez que as meninas, em média, atingem a puberdade dois anos antes que os rapazes, é necessário considerar, separadamente, e pelos sexos, as idades que limitam os fenômenos da adolescência (CAMPOS, 2012, p. 14).

Adolescência, portanto, deve ser pensada para além da idade cronológica, da puberdade e transformações físicas que ela acarreta, dos ritos de passagem, ou de elementos determinados aprioristicamente ou de modo natural. A adolescência deve ser pensada como uma categoria que se constrói, se exercita e se re-constrói dentro de uma história e tempo específicos (FROTA, 2007, p. 154).

As autoras parecem partilhar da ideia de que a adolescência deve ser pensada para além de critérios etários e biológicos. Campos (2012) destaca que as características individuais de cada ser humano produzem especificidades quanto ao crescimento e à maturação biológica que impedem a generalização de critérios etários. Frota (2007), por sua vez, comenta que a adolescência é uma categoria que está em constante movimentação e reconstrução dentro do curso histórico.

Quanto à categoria juventude, ela, em diversos aspectos, inclui a categoria adolescência. Dentro das diferentes abordagens, a juventude foi concebida como uma construção social, histórica, cultural e relacional. Esses critérios ajudam a designá-la como um fenômeno dinâmico e em permanente mutação. Assim, ser jovem está ligado a critérios etários (categoria sociodemográfica), a características de amadurecimento em diversas dimensões da vida humana (sexualidade, afetividade, relações sociais, alterações intelectuais e físicas), a valores culturais (LEÓN, 2005).

Para além da questão etária, o conceito de juventude está carregado de significados: é utilizado tanto para designar um estado de ânimo, quanto para qualificar algo como novo e/ou atual, inclusive, chegou-se a considerá-lo com um valor em si mesmo que não contém uma pluralidade de significados (LEÓN, 2005).

Contudo, Dayrell e Carrano (2003, p.1) alertam que

o conceito de juventude não pode ser encerrado em esquemas modulares tendentes à homogeneização. A pluralidade e circunstâncias que caracterizam a vida juvenil exigem que os estudos incorporem o sentido da diversidade e das múltiplas possibilidades do sentido de ser jovem. Essa diversidade presente no cotidiano nem sempre encontra correspondência nas representações existentes na sociedade sobre a juventude; é comum que essas sejam ancoradas em modelizações sobre o que seria o jovem típico e ideal. Quase sempre os modelos se espelham em jovens de classe média e alta – as propagandas comerciais não se cansam de recorrer a esse padrão sedutor para o consumo –, reforçando estereótipos nas relações entre as classes sociais.

De modo geral, essas visões sobre o ser jovem aparecem na sociologia da juventude e, de acordo com Pais (1990), podem ser agrupadas e traduzidas de forma sintética em duas grandes linhas: A primeira, conforme já pontuamos, considera a juventude como grupo social homogêneo, composto por indivíduos cuja característica mais importante é estarem vivenciando certa fase da vida, isto é, pertencerem a um dado grupo etário. Aqui, a prioridade é conferida ao estudo daqueles aspectos tidos como mais unitários e constantes dessa etapa da existência. A segunda tendência, de caráter mais difuso, compreende que, em função da coexistência de uma multiplicidade de culturas juvenis, compostas a partir de diferentes interesses e inserções na sociedade (situação socioeconômica, oportunidades, poder, etc.), define a juventude para muito além de um bloco unitário.

Como base nessa segunda tendência, “vem se tornando cada vez mais corriqueiro o emprego do termo *juventudes*, no plural, no sentido não de se dar conta de todas as especificidades, mas, justamente, apontar a enorme gama de possibilidades presente nessa categoria” (ESTEVES; ABRAMOVAY, 2007, p. 22). Assim,

Construir uma noção de juventude na ótica da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento numa perspectiva de totalidade, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado ao se entrar na vida adulta (DAYRELL; CARRANO, 2003, p. 3).

Com isso, observa-se a complexidade da categoria juventude, que abarca um conjunto de grupos com suas experiências individuais e coletivas. Trata-se de uma única expressão que carrega consigo incontáveis possibilidades de ser jovem, que, de modo geral, não estão presas

a critérios rígidos, muito menos estão estáticas no tempo, mas que estão em constante movimento no curso histórico, transformando-se e transformando o contexto sociocultural (MELO; SOUZA; DAYRELL, 2012).

As concepções da juventude como um conjunto unitário e como um conjunto diversificado não invalidam uma a outra, elas coexistem. Isso acontece porque, de acordo com Pais (1990), dependendo do enfoque, a juventude pode se apresentar tanto como um grupo aparentemente homogêneo quanto heterogêneo. No primeiro caso, por exemplo, quando a compreendemos a partir de critérios etários; no segundo, quando ela é percebida em função das peculiaridades socioculturais e históricas.

No mais, entendemos que a adolescência e a juventude são, ao mesmo tempo, condições biopsicossociais e um tipo de representação. Se há uma característica universal entre todos os indivíduos, composta por alterações no desenvolvimento físico e psicológico, é muito diversa a forma pela qual as sociedades, em cada momento histórico, vão lidar e representar esse momento. Essa diversidade encontra materialidade na sociedade e vai transversalizar ambas às categorias por meio de diferentes condições socioeconômicas (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores), de gênero e de regiões geográficas, dentre outros aspectos, que possibilitam falar em múltiplas *adolescências* e *juventudes*, que vivenciam diferentes condições de vida (PERALVA, 1997; DAYRELL, MOREIRA; STENGEL, 2011; GROppo, 2015; MELO; SOUZA; DAYRELL, 2012).

No Brasil, em especial, as condições de vida de adolescentes e jovens tem sido perpassada por fatores relacionados à desigualdade social, que vão colocar, por exemplo, a adolescência e a juventude no topo das estatísticas de vítimas de violência. Isso significa que existem processos contextuais e externos que interferem negativamente no desenvolvimento nessas etapas de vida. Torna-se relevante frisar que essas condições parecem se acentuar por idade, gênero, raça, território e classe social, uma vez que, os dados que compuseram o próximo subitem deste trabalho, demonstram que a violência tem atingido, principalmente, adolescentes e jovens do sexo masculino, que são negros, moradores de periferias e áreas metropolitanas dos centros urbanos, que possuem baixas condições socioeconômicas.

2.3 Dados sobre adolescência e juventude no Brasil: entre estatísticas sobre violência e desigualdades sociais

Neste estudo, objetivamos abordar uma parcela específica da adolescência e juventude, que convive em contextos de risco marcados pela desigualdade social e violência. Como

veremos mais à frente, de modo geral, os mais afetados por esse cenário são jovens pobres e negros. Há uma série de dados que convergem para essa constatação e que nos ajudam a pensar em como a juventude de países em desenvolvimento e, em específico no Brasil, são vítimas de um sistema excludente, desigual e racista. É um cenário que se evidencia, dentre outros fatores, através da pobreza, da violência, da desigualdade de oportunidades em áreas como educação e saúde e também através de mecanismos de resistência que a própria juventude elabora e materializa em seu cotidiano (RAIMUNDO, 2014).

Em relação aos números de habitantes mundiais, os jovens representam uma parcela significativa e em crescimento. No ano de 1950, os jovens com idades entre 10 e 24 anos representavam 721 milhões de pessoas em uma população mundial composta por 2,5 bilhões de habitantes. Após 55 anos, em 2005, os jovens, nesta mesma faixa-etária, somavam 1,02 bilhão, ou 15,8% da população mundial (UNFPA, 2010), que era formada por 6,5 bilhões de pessoas (PISON, 2005). Dados mais recentes de 2014 revelaram um novo aumento nesses números: a população mundial passa a totalizar 7 bilhões de pessoas, com cerca de 1,8 bilhão de jovens com idades entre 10 e 24 anos, isso significa que na atualidade existem “mais jovens com idades entre 10 e 24 anos do que em qualquer outro momento da história humana” (FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – UNFPA, 2014, p. 1).

Vale destacar que a maior parte dessa população jovem, encontra-se em países com baixas condições socioeconômicas, os quais apresentam maiores barreiras à plena realização do potencial da juventude. Um total de 89% desses jovens, aproximadamente nove em cada 10, vivem em países em desenvolvimento. Nesses países, é menor o acesso a serviços básicos de saúde e educação e maior a exposição à violência (UNFPA, 2014).

No Brasil, os dados do último Censo Demográfico (IBGE, 2010) mostraram que havia 190,7 milhões de brasileiros, dentre os quais, 51,3 milhões eram adolescentes e jovens com idades entre 15 e 29 anos, dentre os quais 84,8% viviam nas cidades e 15,2% no campo. Houve um aumento significativo de aproximadamente três milhões de jovens em relação ao Censo de 2000, que era de 47,9 milhões (IBGE, 2000; IBGE 2010). Isso significa que a juventude representava aproximadamente 26% da população brasileira, que estava distribuída da seguinte forma por regiões:

- i. Sudeste: 20,7 milhões de jovens – 40%;
- ii. Nordeste: 15 milhões de jovens – 29%;
- iii. Sul: 7 milhões de jovens – 14%;
- iv. Norte: 4,6 milhões de jovens – 9%;
- v. Centro-Oeste: 4 milhões de jovens – 8%.

O Pará, em particular, apresentava uma população total de 7,6 milhões de pessoas (aproximadamente 4% da população brasileira), concentradas, sobretudo, na capital do estado (Belém): 18,4%. A população do estado com idades entre 15 e 29 anos era formada por 2 milhões de adolescentes e jovens, isto é, 26,3% dos paraenses e 3,9% da população jovem brasileira (IBGE, 2010).

Conforme se pode observar nesses dados, o Brasil tem vivenciado um fenômeno demográfico caracterizado por uma grande “onda jovem”, já que os adolescentes e jovens representavam um quarto dos habitantes do país, fato que também é verificado no estado do Pará. Isso representa uma série de desafios às políticas públicas, posto que as demandas da população jovem incluem a busca por garantia de direitos, tais como a vivência de uma educação pública de qualidade e o acesso a serviços básicos de saúde (UNFPA, 2014).

Além disso, na atualidade, outros fatores também se constituem como desafiadores à adolescência e juventude brasileira, como é o caso da forte exposição à violência. Um conjunto de dados tem demonstrado que a adolescência e a juventude, em especial, na atual conjuntura do país, têm sido etapas duramente afetadas pela violência urbana. Os índices de violência contra adolescentes e jovens aparecem no topo das estatísticas nacionais (WAISELFISZ, 2015; BRASIL, 2014; WAISELFISZ, 2014; WAISELFISZ, 2016).

Essa violência se expressa por meio de práticas violentas as quais não se efetivam apenas nos homicídios, mas em diferentes configurações como assassinatos, sequestros, roubos, dentre outros tipos de violação de direitos. A violência se expressa também na brutalidade da vida, da pobreza, nas carências, na marginalização, no desrespeito, na negação, na violação, na coisificação, na humilhação e na discriminação. A violência urbana caracteriza-se como violência social e traz traços profundos da violência estrutural, que, no Brasil, atinge, sobretudo, populações negras e, em especial, adolescentes e jovens (SILVA; CARNEIRO, 2009; IBGE, 2015; BORGES; CANO, 2014; WAISELFISZ, 2014; BORGES; CANO, 2014).

De acordo com o relatório *Violência Letal Contra as Crianças e Adolescentes do Brasil* (WAISELFISZ, 2015), em média, a violência matou uma criança ou adolescente a cada 24 minutos no ano de 2013. Durante todo o ano de 2013, 22.041 jovens morreram por “causas externas” (homicídios, suicídios, acidentes e outras ocorrências não naturais). O aumento foi de 34%, se comparado ao ano de 1980. No período analisado (1980 – 2013), 689,6 mil crianças e adolescentes morreram em decorrência da violência, e 3,8 milhões por causas naturais. Os dados apontam, ainda, que o homicídio é maior entre jovens de 16 e 17 anos, sendo que, em 2013, eles foram vítimas de um em cada três assassinatos de menores de idade. A violência também incide com mais intensidade sobre os homens jovens, vítimas de nove em cada 10 homicídios. Consideradas as

proporções populacionais, os jovens negros de 16 a 17 anos morreram três vezes mais que os brancos da mesma idade. Em 2013, proporcionalmente, mais de dez crianças e adolescentes negros morreram para cada branco.

O relatório *Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência e Desigualdade Racial – 2014* (BRASIL, 2014) apresenta um indicador sintético (Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência – IVJ) que agrega dados relativos às dimensões que podem contribuir para a vulnerabilidade dos jovens à violência, tais como: taxa de frequência taxa de mortalidade por causas internas, taxa de mortalidade por causas violentas, valor do rendimento familiar médio mensal, entre outros. De modo geral, o documento destaca algo preocupante: todos os estados brasileiros, à exceção do Paraná, os negros (que incluem pretos e pardos), com idade de 12 a 29 anos, correm mais risco de exposição à violência que os brancos (que incluem brancos e amarelos) na mesma faixa etária.

No caso específico dos homicídios, o risco de uma pessoa negra ser assassinada no Brasil é, em média, 2,5 vezes maior que uma pessoa branca. O documento mostra ainda que a cor da pele dos jovens está relacionada diretamente ao risco de exposição à violência. No Paraná, a título de exemplo, um jovem negro possui 13,4 vezes mais chances de ser assassinado do que um jovem branco. O estado do Pará, especificamente, apresenta cinco municípios entre os 20 com maior IVJ: Altamira (3º), Marabá (4º), Parauapebas (6º), Marituba (10º), Ananindeua (13º) e Belém (18º). Destaca-se que, neste grupo dos 20 municípios com maior IVJ, Belém é a única capital da região norte presente na lista e a segunda capital brasileira, atrás, apenas de Maceió (14º) (BRASIL, 2014).

O documento *Homicídios na Adolescência no Brasil* (IHA)⁶ (BORGES; CANO, 2014) também encontramos uma estimativa alarmante: com base em dados de 2012, o documento estima que quarenta e dois mil adolescentes brasileiros, com idades entre 12 e 18 anos, poderão ser vítimas de homicídio, entre os anos de 2013 e 2019, nos municípios brasileiros com mais de 100 mil habitantes. Isso quer dizer que, para cada mil adolescentes com 12 anos completos em 2012, 3,32 podem ser assassinados antes de completarem 19 anos de idade. Em relação a 2011, houve um aumento de 17%, quando o índice era de 2,84. Ainda de acordo com o estudo,

⁶ “Para a elaboração do IHA, foram analisados 288 municípios brasileiros com mais de 100 mil habitantes. O levantamento tem como base os dados dos censos 2000 e 2010, do IBGE, e do Sistema de Informações sobre Mortalidade, do Ministério da Saúde. O IHA faz parte das ações do Programa de Redução da Violência Letal Contra Adolescentes e Jovens (PRVL), criado em 2007”. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/01/indice-de-homicidios-na-adolescencia-ih-e-divulgado>. Acesso em: 20 ago. 2017

36,5% das mortes na adolescência têm como causa os homicídios, enquanto que na população de modo geral o percentual é bem menor (4,8%).

Novamente, o documento registra que os jovens negros têm maiores chances de morrer antes dos 19 anos, uma vez que a probabilidade de um jovem negro ser assassinado é 2,96 vezes maior do que a de um branco. No que tange ao gênero, os adolescentes do sexo masculino têm pelos menos 10 vezes mais chances de serem assassinados, isso pode ser observado em todo o período analisado (2005/2014). Quanto à região, o Nordeste apresentou o índice mais elevado em 2014: 6,50. O documento ressalta que se esses dados de 2014 se mantiverem constantes, estima-se que, ao longo dos próximos sete anos (2015/2021), mais de 16.500 adolescentes nordestinos entre 12 e 18 serão mortos. A região Norte, o estado do Pará e o município de Belém apresentaram, respectivamente, os seguintes índices: 3,03; 4,16; e 5,42. A capital paraense foi a que apresentou o maior IHA em todas as capitais do Norte do país, apesar do declínio que o município apresentou entre os anos de 2010 e 2014, a saber: i. 2010 – 6,08; ii. 2011 – 6,03; iii. 2012 – 6,0; iv. 2013 – 5,09 (BORGES; CANO, 2014).

O *Mapa da Violência 2014* (WASELFISZ, 2014), por sua vez, registra que em 2012 aconteceram mais de 56 mil homicídios em todo o país. Isso significa 154 vítimas por dia no Brasil. Além do mais, o documento destaca um aumento de 13,4% nos registros de homicídios em comparação aos números apresentados no ano de 2002, sendo “a principal causa de morte de jovens de 15 a 29 anos no Brasil, e atingem especialmente jovens negros do sexo masculino, moradores das periferias e áreas metropolitanas dos centros urbanos” (WASELFISZ, 2014, p. 9, grifo nosso). O estado do Pará, em especial, apresentou um aumento de 175% nas taxas de homicídios entre os anos de 2002 e 2012. Só em 2012, verifica-se uma taxa 41,7 mortes por 100 mil habitantes paraenses, uma taxa total de 126,9 homicídios por 100 mil no período analisado (2002/2012). Ao realizar-se um recorte nestes dados para a população com idades entre 15 e 29 anos, observa-se que o Pará ocupa a posição 6ª posição com um aumento de 188% de homicídios contra os jovens. A taxa de vitimização aumenta para 77,9 por 100 mil habitantes em 2012, e de 140,0 homicídios por 100 mil habitantes no período analisado (WASELFISZ, 2014).

No *Mapa da Violência 2016* (WASELFISZ, 2016), observa-se que, enquanto no período compreendido entre 2003 e 2014, o número de homicídios por arma de fogo dentre a população branca diminuiu 26,1%, dentre a população negra aumentou 46,9%. Enquanto no ano de 2003 morriam, proporcionalmente, 71,7% mais negros do que brancos. Em 2014 esse número saltou para 158,9%, ou seja, morrem 2,6 mais negros do que brancos no país. O documento também registra que as principais vítimas de Homicídios por Armas de Fogo (HAF)

são os jovens. Os HAF entre a população brasileira passaram de 6.104, em 1980, para 42.291, em 2014, isso significa um crescimento de 592,8%. Contudo, entre jovens com idades entre 15 e 29 anos, houve um crescimento bem mais assustador: salta de 3.159, em 1980, para 25.255, em 2014: aumento de 699,5%.

Os dados do documento apontam, de forma preliminar, que, só no ano de 2014, foram registradas 25,255 HAF de jovens, com idades entre 15 e 29 anos, em todo o Brasil. A região norte, especificamente, registrou, neste mesmo ano, o menor número de HAF entre jovens: foram 2.223 jovens (8,8%). O Nordeste, primeiro lugar da lista, apresentou mais do que o dobro de jovens atingidos por HAF: 11.363 mil jovens (45%). As regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste registraram, respectivamente, os seguintes números: 6.794 – 27%; 2.529 – 10%; e 2.346 – 9,2% (WAISELFISZ, 2016).

Apesar da violência não se restringir a determinados grupos sociais, raciais, econômicos e/ou geográficos, ela pode se intensificar a partir de questões etárias, de gêneros, raciais e de classe social (ABRAMOVAY; PINHEIRO, 2003). No caso dos dados citados anteriormente, percebe-se que, nos últimos anos, a violência no Brasil tem atingido, principalmente adolescentes e jovens pobres e negros. Esse panorama possui fortes vínculos com as condições sociais nos quais esses sujeitos se encontram, bem como destacam Cara e Gauto (2007, p. 180):

No tocante à violência, há questões estruturais que precisam ser analisadas. A noção conservadora de que o envolvimento com a violência e com a criminalidade – na condição de agressor – depende, centralmente, da vontade individual ou de elementos exclusivos de caráter é, no mínimo, limitada. Se não é comprovada uma causalidade unívoca, existe forte relação entre desigualdades sociais e violência [...] A violência aparece aí não só como um sintoma da convulsão social, mas também como uma eficaz, embora triste, maneira de comunicar à sociedade essa degradação social e comunitária. Contudo, as vítimas da violência urbana têm o mesmo perfil de seus agressores, denotando o que em algumas letras de rap se denomina como genocídio coletivo da população negra das periferias. Além disso, como resultado da crise econômica, a consecutiva degradação da qualidade de vida (saúde, educação e moradia, entre outros) fez das favelas e periferias – estruturas primordialmente urbanas – locais propícios à violência, principalmente em pontos onde não há infraestrutura.

Um conjunto de insumos fundamentais para o desenvolvimento da juventude apresenta-se distribuído de forma desigual. Aos jovens são oferecidas diferentes estruturas de oportunidades nos campos da educação, saúde, cultura, lazer e trabalho. Isso reduz as chances de aquisição e aperfeiçoamento desses recursos que são necessários para que os jovens usufruam das oportunidades disponíveis pelo Estado, mercado e sociedade em prol de seu crescimento (ABRAMOVAY; PINHEIRO, 2003). Essa discrepância entre distribuição e acesso

a recursos materiais e simbólicos coloca muito jovens em situação de vulnerabilidade social, entendida como

o resultado negativo da relação entre a disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos, e o acesso à estrutura de oportunidades sociais, econômicas, culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade. Esse resultado se traduz em debilidades ou desvantagens para o desempenho e mobilidade social dos atores (ABRAMOVAY et al., 2002, p. 29).

Esse contexto de perversidade e vulnerabilidade social, em conjunto com outras condições socioeconômicas de vários países da América Latina, produz uma grande tensão entre a juventude e prejudica diretamente os processos de integração destes sujeitos na sociedade e, em algumas situações, fomenta e contribui para o aumento da violência e da criminalidade (ABRAMOVAY; PINHEIRO, 2003). Destaca-se que a violência, embora, em muitos casos, esteja associada às condições de pobreza, não pode ser considerada como sua consequência direta e exclusiva, mas como resultado da forma como as desigualdades sociais e a negação de direitos operam nas dinâmicas de cada grupo e produzem comportamentos violentos (ABRAMOVAY et al., 2002).

De acordo com Silva e Lopes (2009), sabe-se que os jovens pobres são reconhecidamente os mais vulneráveis. Jovens, pobres, negros e do sexo masculino são as características que tem determinado aqueles que têm maior probabilidade de fazer parte das estatísticas de violência e criminalidade.

No caso da conjuntura brasileira, os mais pobres são em sua grande maioria negra:

[...] E esse excesso de pobreza concentrado entre a comunidade negra mantém-se estável ao longo do tempo, em particular na última década. Ocorre que, dos 53 milhões de brasileiros pobres, 19 milhões são brancos, 30,1 milhões pardos e 3,6 milhões, pretos. Entre os 22 milhões de indigentes temos 6,8 milhões brancos, 13,6 milhões pardos e 1,5 milhão, pretos (HENRIQUES, 2001, p. 9).

Dentro desse entendimento podemos deduzir que a violência atinge de maneira específica jovens negros, que vivenciam outras circunstâncias adversas, tais como a pobreza, o desemprego, a segregação socioespacial. Assim, é possível apontar que a juventude negra está sujeita a inúmeras situações de violências. Assim sendo, a violência não deve ser analisada considerando apenas um aspecto, mas suas múltiplas especificidades (RAIMUNDO, 2014).

No que concerne a outras áreas da vida de adolescentes e jovens brasileiros, também se observam dados preocupantes. Sobre escolaridade, dados do *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA* (SILVA; OLIVEIRA, 2016), mostraram que há uma grande defasagem entre a idade e o grau de escolaridade atingido, principalmente jovens na faixa de 15 a 17 anos, que

deveriam estar cursando o ensino médio ou já tê-lo concluído. Em 2013, aproximadamente um terço dos adolescentes de 15 a 17 anos ainda não havia finalizado o ensino fundamental e 1,32 havia concluído o ensino médio. Nos adolescentes com idades entre 12 e 14 anos, que corresponde aos últimos anos do ensino fundamental, os dados registraram que a grande maioria (93,3%) tinha o fundamental incompleto e apenas 3,47% havia completado esse nível de ensino.

Em 2015, a juventude que não estudavam e nem trabalhavam no Brasil representava quase um quarto (22,5%) de todos os jovens do país, sendo um dado mais alto do que os 20% encontrados em 2014. O grupo na faixa etária de 18 a 24 anos era o que possuía maior taxa de jovens que não estudavam nem trabalhavam (24%), seguido pelos jovens de 25 a 29 anos (24,1%). Isto posto, pode-se afirmar que “não estudar nem trabalhar é uma característica mais marcante entre os jovens que já deveriam ter concluído o ensino médio” (IBGE, 2015, [s/p]). Outro aspecto significativo presente no documento do IPEA diz respeito à diferença de gênero quanto aos jovens que não estudavam e nem trabalhavam. O percentual de jovens homens que não estudavam e nem trabalhavam foi de 34,5%, enquanto que o de mulheres foi de 65,5%.

Esse panorama tem causado certa tensão entre adolescentes e jovens, que percebem, sobretudo, eventos relacionados à violência como muito ruins em suas vidas (POLETTI; KOLLER; DELL’AGLIO, 2009; KRISTENSEN et al., 2004; SOUZA; SILVA; NUNES, 2016). Em pesquisa realizada com 650 adolescentes e jovens de Belém do Pará, Souza; Silva e Nunes (2016) observaram que, em uma lista de vinte e quatro eventos considerados potencialmente estressores à juventude, “ser assaltado” foi a segunda situação percebida como “mais ruim” pelos os jovens. A pesquisa também identificou as percepções que os jovens tiveram ao passar por essa experiência: “deu medo”, “fiquei em pânico”, “apavorado”, “dá um trauma”.

Essas constatações apontam para a necessidade de um olhar específico para essas populações e também para a urgência intervenções, de modo a aumentar a participação e valorização das formas de organização e expressão do jovem, como estratégia de ação para envolver a sociedade e seus recursos na busca de soluções para esses problemas. Ao mesmo tempo, são dados que divergem da forma romantizada como a adolescência e a juventude são tratadas nas grandes mídias e que nos ajudam a elaborar um pensamento mais crítico do que significa ser adolescente e jovem em nosso país.

Desse ponto de vista, investigar os fatores que produzem essas tensões na vida de adolescentes e jovens pode ajudar no entendimento de suas vivências e necessidades, além de sinalizar formas de pensar e potencializar fatores de proteção diante desses eventos, seja através

de políticas mais ampla de promoção ao desenvolvimento ou, até mesmo, através da ressignificação de vínculos, relações e papéis institucionais.

2.4 Eventos estressores, fatores de risco e fatores de proteção: definições e implicações no desenvolvimento humano

A definição de fator de risco é um consenso entre os pesquisadores (SAPIENZA; PEDROMÔNICO, 2005), ou seja, é uma variável que aumenta a probabilidade de um indivíduo apresentar problemas físicos, psicológicos e/ou sociais (POLETTTO; KOLLER, 2011) e “quando em associação interativa, constituem-se em mecanismos de risco, aumentando a probabilidade ou desencadeando um desfecho desenvolvimental negativo para o indivíduo” (SAPIENZA; PEDROMÔNICO, 2005, p. 211). É importante ressaltar que os fatores de risco podem se configurar de diferentes formas, em diferentes períodos do desenvolvimento (YUNES; SZYMANSKI, 2001), sendo necessário compreendê-los enquanto um processo e não como um evento estático (POLETTTO; KOLLER, 2011).

Deve-se focar nos mecanismos de risco e não em um fator isolado em si, pois o que é risco numa determinada situação pode ser proteção em outra. O estudo isolado de um evento, atribuindo-lhe a condição de adversidade, tanto em casos individuais como coletivos, não parece ser a maneira mais adequada de ser abordar essa discussão. Assim sendo, uma análise criteriosa dos processos ou mecanismos de risco é imprescindível para que se possa ter a dimensão da diversidade de respostas que podem ser observadas, sobretudo quando se trata de riscos psicossociais ou riscos socioculturais (YUNES; SZYMANSKI, 2001).

O risco poderá desencadear uma série de problemas ao desenvolvimento humano de acordo com a sua severidade, duração, frequência e intensidade (POLETTTO; KOLLER, 2011). Em pesquisa realizada em 10 escolas públicas de Belém do Pará, com 650 jovens estudantes, com idade entre 13 e 24 anos, uma variedade de indicadores de risco foram identificados, tais como: exposição à violência em diversos contextos, exposição às drogas, comportamentos de risco relacionados à sexualidade, abuso sexual, reprovação escolar, entre outros. De modo geral, os dados permitiram compreender as dinâmicas que envolvem instituições e sujeitos, que ora atuam como protetores e em outras circunstâncias como agressores. Assim, antes de definir *a priori* o papel que algumas instituições, como a escola e a família, exercem na vida dos jovens, deve-se analisar com cautela como os mecanismos de risco operam nesses contextos e agem na vida dos jovens (SILVA, 2013).

A literatura aponta que alguns dos fatores de risco citados anteriormente podem se configurar enquanto eventos de vida estressores na adolescência e juventude. É o caso, por exemplo, de situações de violência física e psicológica em diferentes instituições (SCHNEIDER; PACHECO, 2010; ZAPPE; DELL'AGLIO, 2016), e da violência sexual (CALCING; BENETTI, 2014; SCHNEIDER; PACHECO, 2010).

Os eventos de vida são experiências vitais, de ordem física e/ou psicológica, que podem representar mudanças significativas ou discretas na vida das pessoas (WOYCIEKOSKI; NATIVIDADE; HUTZ, 2014). Já os eventos de vida estressores (ou apenas “estressores”) são situações causadoras de estresse (LIPP, 2000; MARGIS et al., 2003). Destaca-se que na literatura esses últimos eventos têm recebido algumas nomenclaturas: estressores (LIPP, 2000), eventos de vida estressores (JANSEN et al., 2014), eventos estressores (POLETTI; KOLLER; DELL'AGLIO, 2009), eventos estressantes (DELL'AGLIO; HUTZ, 2002) e situações estressoras (MATSUKURA et al., 2013).

O termo estresse, cientificamente, é um conceito muito difícil de ser definido (YUNES; SZYMANSKI, 2001), mas pode indicar o estado gerado pela percepção de estímulos (estressores) que provocam excitação emocional e, ao perturbarem o equilíbrio interno do sujeito, disparam um processo de adaptação caracterizado, entre outras alterações, pelo aumento de adrenalina que produz diversas manifestações sistêmicas, com distúrbios fisiológicos e psicológicos (MARGIS et al., 2003).

O estresse pode se manifestar em diferentes momentos da vida, no entanto,

O estresse que se torna opressivo pode acarretar problemas psicológicos. Uma doença, o nascimento de um irmão, a frustração diária e a ausência temporária dos pais são fontes comuns de estresse para quase toda criança. O divórcio ou a morte dos pais, uma hospitalização, o abuso de substâncias pelos pais e a instabilidade da falta de moradia e a pobreza afetam muitas crianças. Algumas crianças sofrem o trauma da guerra, de terremotos, de sequestro ou de abuso infantil. Esses graves estressores podem ter efeitos de longo prazo no bem-estar físico e psicológico (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006, p. 428).

Os eventos causadores de estresse vão desde acontecimentos diários menores, como esperar em filas, perder algum objeto, ouvir o som do despertador ou o barulho provocado por vizinhos, até eventos percebidos como mais estressantes: divórcio ou a morte dos pais, violências, hospitalizações, uso de substâncias lícitas ou ilícitas na família, negligência e guerras (MARGIS et al., 2003; PAPALIA, OLDS; FELDMAN, 2006).

Ao ser exposta a um evento estressor, a pessoa utiliza seus recursos emocionais, sociais e intelectuais e atribui uma dada importância ao acontecimento, conforme suas percepções e condições. Assim, a determinação do impacto desses eventos no desenvolvimento humano tem

relação com as percepções que o sujeito atribui ao estressor vivenciado (POLETTTO; KOLLER; DELL'AGLIO, 2009; POLETTTO, 2007).

Contudo, deve-se destacar que, ao longo da experiência estressora, as percepções podem se modificar sob influência de outras variáveis, tais como a duração dos recursos de apoio e o grau de controle sobre a situação (ABAID, 2013). Além disso, a relação do indivíduo com eventos estressores passa por distintos graus de ocorrência, intensidade, frequência, duração e severidade (KOLLER; DE ANTONI, 2004; KRISTENSEN et al, 2004), o que constitui uma considerável variação de reações a um mesmo evento estressor (POLETTTO, 2007).

A mediação entre o impacto dos eventos estressores e sua resolução de forma eficaz e adaptativa depende dos recursos internos e externos de cada indivíduo (KATSURAYAMA et al., 2009), entre os quais, a literatura aponta para os fatores de proteção que são influências “que modificam, melhoram ou alteram respostas individuais a determinados riscos de desadaptação” (POLETTTO; KOLLER, 2011, p. 31).

Os fatores de proteção podem agir a partir de características pessoais e/ou contextuais. Os fatores pessoais têm relação com características biológicas, por meio da saúde física e do temperamento, e relacionam-se às experiências com o ambiente social, através da autoestima e da confiança. Já os recursos ambientais se evidenciam através do “poder aquisitivo ou o apoio social oferecido pela comunidade e a afetividade oportunizada pela família e pelos amigos” (POLETTTO; KOLLER, 2011, p. 36).

A título de exemplo,

a maneira como uma criança que foi violentada fisicamente lidará com esta situação dependerá do contexto no qual essa violência aconteceu, quais são os ambientes que ela frequenta, sua rede de apoio, seu momento no desenvolvimento, suas experiências, seus processos psicológicos e características individuais (POLETTTO; KOLLER, 2008, p. 409).

A ação de fatores de proteção pode não eliminar os efeitos psicológicos da situação vivenciada, mas influencia e gera mudanças na forma como a pessoa enfrenta os mecanismos de risco em sua vida, sobretudo, quando é submetida a circunstâncias causadoras de estresse e desvantajosas (POLETTTO; KOLLER, 2011). É importante destacar também que os fatores de proteção “podem não apresentar efeito na ausência de um estressor, pois seu papel é o de modificar a resposta do indivíduo em situações adversas mais do que favorecer diretamente o desenvolvimento normal” (YUNES; MIRANDA; CUELLO, 2004, p. 203).

Em síntese, os fatores de risco e de proteção requerem uma compreensão processual e dinâmica, pois não são necessariamente eventos estáticos, mas interações elásticas e mutáveis

por natureza (POLETTTO; KOLLER, 2008), que interagem entre si e alteração a trajetória da pessoa (POLETTTO; KOLLER, 2011).

Portanto, existe um conjunto de variáveis individuais e contextuais envolvidas em uma experiência estressora que influenciam na forma como o sujeito percebe e enfrenta o potencial estressor. Assim sendo, diante da variabilidade de reações ao estresse e considerando esses múltiplos aspectos que o envolvem, deve-se ter cautela ao classificá-los como um fator de risco que pode gerar problemas psicológicos (POLETTTO; KOLLER; DELL'AGLIO, 2009).

Nessa mesma perspectiva de compreender os eventos estressores de forma processual e multifacetada, Morais, Koller e Raffaelli (2010) argumentam que o risco tende a ser cumulativo, pois as adversidades não costumam estar isoladas, elas se entrecruzam dentro de um contexto social. Normalmente, os fatores de risco estão ligados a um contexto complexo, sendo ainda responsáveis por desencadear outros eventos estressores.

As autoras exemplificam essa questão:

Uma criança submetida à violência familiar no ambiente doméstico pode fugir para a rua, como uma alternativa para evitar o tratamento austero e a violência sofrida. Na rua, porém, outros eventos adversos continuam a ocorrer (fome, frio, violência de policiais, exposição às drogas, exploração sexual etc.). Essas experiências adversas se acumulam ao longo da sua história de vida (MORAIS; KOLLER; RAFFAELLI, 2010, p. 790).

O que já se sabe é que alguns indivíduos são mais suscetíveis ou vulneráveis a certos eventos estressores, quando comparados a outros na mesma situação de risco, por diferenças fisiológicas e psicológicas. Quando diversas situações de risco se associam, elas podem agir dificultando o cumprimento da agenda desenvolvimental da pessoa e o seu engajamento em certos papéis sociais, bem como na aquisição de habilidades específicas. Por isso, a importância em se prever fatores de risco não está tanto associada ao prognóstico ruim, mas, principalmente, em demonstrar a necessidade e de se prevenir e, também, de se intervir, quando for necessário (SAPIENZA; PEDROMÔNICO, 2005).

Na adolescência, o estresse pode estar relacionado a eventos diários (provas, brigas com o namorado), mudanças de vida (mudar de cidade, de escola), como também a eventos estressantes traumáticos (morte de um ente querido, abuso sexual) (COMPAS, 1987). As mudanças que acontecem na adolescência também podem ser caracterizadas como estressoras, bem como destacam Kristensen et al., (2004, p. 45)

Muitos eventos estressores vividos pelos adolescentes estão relacionados à aquisição e transição de papéis como, por exemplo, adaptação a novos ambientes, a diferentes demandas acadêmicas e a mudanças nas relações com pares do mesmo sexo ou do sexo oposto, em jovens mais novos.

Os eventos traumáticos aos quais se refere Compas (1987) podem acontecer, por exemplo, em alguma fase da infância, mas suas implicações podem reverberar em outros momentos da vida humana, isso significa que muitos jovens podem sofrer com as consequências de eventos que aconteceram quando ainda eram crianças (FEIJÓ; RAUPP; JOHN, 1999). De acordo com Margis et al., (2003, p. 66),

O evento traumático é aquele em que, uma vez a ele exposto, o sujeito poderá sofrer consequências psíquicas por um tempo longo, podendo chegar a décadas, mesmo após seu afastamento do mesmo. O evento traumático grave inclui aspectos relacionados ao comprometimento da integridade física do próprio indivíduo ou de outrem.

Além do mais, os eventos estressores podem ser categorizados em dependentes e independentes. Os primeiros são aqueles que dependem da participação do sujeito, ou seja, estão relacionados à forma como o sujeito desenvolve suas relações interpessoais, como se relaciona com o meio, sendo seu comportamento provocador de situações desfavoráveis para si mesmo. Já os eventos estressores independentes estão além do controle do sujeito, pois independem de suas ações, sendo inevitáveis, como por exemplo, a morte de um familiar (MARGIS et al., 2003).

Podem-se categorizar também os eventos estressores em normativos e não normativos (BALTES, 1987; ABAID, 2013). Os eventos normativos podem ser graduados por idade ou por história, sendo que os que dizem respeito à idade têm uma época esperada para acontecer, como queda dos dentes de leite e menopausa, por exemplo, e os relacionados à história são esperados num contexto social (como entrar na escola, casar-se ou aposentar-se). Esses eventos têm certo grau de controlabilidade, já que se pode prever seu acontecimento durante o desenvolvimento. Já os eventos idiossincráticos ou não normativos podem representar uma ameaça ao senso de controle individual, dada sua imprevisibilidade. Nessa dimensão, vale reafirmar que tanto ganhar um presente (evento positivo) quanto sofrer um acidente de automóvel (evento negativo) exige grande esforço de adaptação para restabelecer o curso normal de desenvolvimento (ABAID, 2013).

Os estudos têm encontrado uma série de eventos estressores que se configuram como muito frequentes e/ou de alto impacto no desenvolvimento de adolescentes e jovens, tais como eventos relacionados à morte (CALCING; BENETTI, 2014; WATHIER; DELL'AGLIO, 2007; POLETTO; KOLLER; DELL'AGLIO, 2009; NARDI; JAHN; DELL'AGLIO, 2014), à violência física e psicológica em diferentes contextos (SCHNEIDER; PACHECO, 2010; ZAPPE; DELL'AGLIO, 2016), à violência sexual (CALCING; BENETTI, 2014;

SCHNEIDER; PACHECO, 2010), à negligência (DELL'AGLIO et al., 2005; CALCING; BENETTI, 2014) e a problemas socioeconômicos (JANSEN et al., 2014).

No mais, esses eventos têm sido apontados na literatura, até mesmo, como fator de risco para sintomas depressivos (WATHIER; DELL'AGLIO, 2007; ABAID; DELL'AGLIO; KOLLER, 2010) e depressão (DELL'AGLIO; BORGES; SANTOS, 2004). Dados recentes da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2016) apontaram que 322 milhões de pessoas no mundo sofrem de depressão, o que representa 4,4% da população mundial. O relatório estima ainda que 5,8% da população brasileira (aproximadamente 11,5 milhões de pessoas) convivem com a doença. Isso significa que o Brasil é o quinto país com o maior número de pessoas com depressão no mundo e o primeiro na América Latina. A Organização Mundial da Saúde explica que

A depressão resulta de uma complexa interação de fatores sociais, psicológicos e biológicos. Pessoas que passaram por eventos adversos durante a vida (desemprego, luto, trauma psicológico) são mais propensas a desenvolver depressão. A depressão pode, por sua vez, levar a mais estresse e disfunção e piorar a situação de vida da pessoa afetada e o transtorno em si (OMS, 2016, [s/p]).

A vivência de situações adversas pode ainda influenciar em um mal que tem afetado fortemente a adolescência e a juventude, que é o suicídio (FEIJÓ; RAUPP; JOHN, 1999). Essa tem sido a principal causa de morte de meninas adolescentes com idades entre 15 e 19 anos no mundo (OMS, 2014).

No município de Belém do Pará, em uma amostra de 650 adolescentes e jovens, Souza e Silva (2015) identificaram como mais frequentes, respectivamente, os eventos estressores relacionados a problemas socioeconômicos (desemprego e queda no nível econômico da família), à morte de uma pessoa importante e à violência (assalto). Como eventos de maior impacto no desenvolvimento sobressaíram-se, respectivamente, a morte de uma pessoa importante, a violência (ser assaltado) e a situação “passar fome”.

Para Benetti et al. (2010), estresses altamente impactantes, como separações, mortes e eventos de violência grave, precisam ser tratados de forma emergencial pelos profissionais envolvidos nos diferentes contextos dos sujeitos (escola, família, comunidade) em razão dos prejuízos psíquicos que essas situações podem ocasionar.

Os eventos estressores, conforme será destacado na próxima seção deste trabalho, são tratados pela literatura como fatores que podem ocasionar danos ao desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens, tendo relação com problemas de saúde mental e de comportamento.

3 EVENTOS ESTRESSORES NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS, ADOLESCENTES E JOVENS BRASILEIROS: UM ESTUDO DE REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA.

Este capítulo apresenta um estudo de Revisão Sistemática de Literatura (RSL) que teve por objetivo central “*construir um panorama das pesquisas sobre eventos estressores no desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens brasileiros*”. Em um primeiro momento, apresenta-se o percurso metodológico da pesquisa, que seguiu as sete etapas da Colaboração Cochrane. Posteriormente, após a seleção dos artigos nas bases de dados, buscou-se caracterizar de forma quantitativa o material reunido, de modo a descrever algumas características gerais desses estudos. Logo em seguida, procurou-se, com base nos objetivos gerais, categorizar as principais temáticas abordadas nas pesquisas, a fim de compreender o que vem sendo pesquisado acerca de eventos estressores na infância, adolescência e juventude no Brasil. Esta RSL, portanto, parte do pressuposto de que é preciso conhecer o que a literatura nacional vem produzindo e discutindo sobre o assunto, as especificidades dessas investigações, o que elas têm em comum, bem como apontar possíveis lacunas e perspectivas para pesquisas futuras.

3.1 Método

3.1.1 Delineamento

Conforme mencionado anteriormente, o presente estudo consiste numa Revisão Sistemática de Literatura (RSL) de abordagem mista e com caráter descritivo e exploratório. Numa revisão de literatura, uma diversidade de trabalhos pode ser encontrada com diferentes abordagens e perspectivas teóricas e com resultados e as conclusões distintas. Uma possibilidade coerente para tentar esclarecer controvérsias acerca de uma temática é utilizar apenas estudos confiáveis. A partir desse princípio, surgiu um novo delineamento de pesquisa: a Revisão Sistemática de Literatura (RSL) (GALVÃO; PEREIRA, 2014).

A RSL é uma metodologia rigorosa que visa captar, reconhecer e sintetizar evidências científicas sobre um determinado tema em questão, utilizando-se de métodos explícitos e sistematizados de busca, bem como de análises rigorosas para verificar a qualidade e a validade dos estudos encontrados. Cada etapa da RSL é planejada em um protocolo que deve levar em consideração critérios que possibilitem a sua validação, a fim de evitar vieses que coloquem em dúvida a sua qualidade. Em uma RSL, objetiva-se responder a uma pergunta mais pontual, o que a diferencia de uma revisão tradicional (também conhecida como revisão narrativa). No

mais, todos os procedimentos adotados devem ser registrados de modo que a RSL possa ser reproduzida e conferida por outros pesquisadores (DE-LA-TORRE-UGARTE-GUANILO; TAKAHASHI; BERTOLOZZI, 2011; CORDEIRO et al, 2007; RAMOS, 2015).

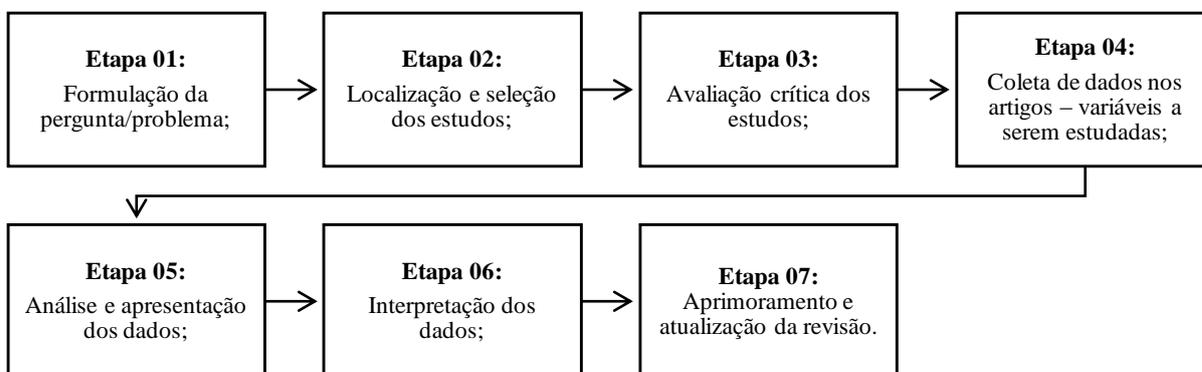
As revisões sistemáticas são consideradas estudos secundários, que têm nos estudos primários sua fonte de dados. Por estudos primários, entendem-se os estudos científicos que relatam os resultados de pesquisa em primeira mão (GALVÃO; PEREIRA, 2014).

3.1.2 Procedimentos de coleta e análise de dados

Neste estudo, optou-se em seguir as 7 (sete) etapas propostas pela Colaboração Cochrane que é reconhecida mundialmente pelo seu rigor metodológico no planejamento e execução de RSL. A Colaboração Cochrane é a principal organização internacional que concentra as RSL. É uma entidade sem fins lucrativos, criada em 1993, com o objetivo de aumentar a qualidade das decisões de cuidados de saúde ao promover a acessibilidade às revisões que tratam dos efeitos das intervenções na área da saúde. Essa ideia foi inspirada nos preceitos do médico epidemiologista escocês Archie Cochrane, que defendia que os serviços de atenção em saúde deveriam se fundamentar em evidências científicas, trata-se, portanto, de uma Medicina Baseada em Evidências (MBE). Apesar de ser uma proposta voltada a estudos da área da saúde, tais contribuições podem ser adaptadas para outras áreas do conhecimento, em revisões com temáticas diferentes, como é o caso deste estudo (MEDINA; PAILAQUILÉN, 2010; RAMOS, 2015).

A Colaboração Cochrane estabelece sete etapas para realização de revisões sistemáticas (CORDEIRO et al., 2007; RAMOS, 2015), a saber:

Figura 01 - Sete etapas da Colaboração Cochrane.



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

A pergunta/problema desta pesquisa (**etapa 01**) foi elaborada com base na técnica PVO, sendo: P – situação problema, participantes ou contexto; V – Variáveis do Estudo e O –

Desfechos ou resultados esperados. A técnica é uma adaptação do modelo PICO, destinado a estudos de intervenção clínicos, sendo: P – Participantes; I – Intervenção; C – Controle; O – Resultados. A estratégia PVO, portanto, destina-se a pesquisas relacionadas às áreas de ciências humanas e sociais (BIRUEL; PINTO, 2011; RAMOS, 2015).

Desse modo, o problema desta pesquisa foi construído da seguinte forma: P (situação problema, participantes ou contexto) – Crianças, adolescentes e/ou jovens brasileiros; V (variável do estudo) – Eventos Estressores; O (resultado esperado) – construir um panorama de estudos sobre a temática em questão. Por fim, obteve-se a seguinte questão norteadora da revisão: *Qual o panorama de pesquisas sobre eventos estressores no desenvolvimento de crianças, adolescentes e/ou jovens brasileiros?*

Na **etapa 02** (localização e seleção dos estudos), definiram-se, em primeiro lugar, os descritores relacionados à temática que iriam ser utilizados durante as buscas, levando-se em consideração os termos que compuseram a problemática central da pesquisa. Logo em seguida, procedeu-se à construção da estratégia de busca a ser submetida às bases de dados. Para ser eficaz, a estratégia precisa ser bem elaborada, envolvendo um vocabulário controlado, conectado a Operadores Booleanos⁷ corretamente (RAMOS, 2015). Assim, aplicaram-se os operadores booleanos aos dois primeiros componentes da escala PVO, compondo uma estrutura, a saber: (P) AND (V). O quadro 01 apresenta os descritores utilizados e a configuração da estratégia de busca:

Quadro 01 - Definição e cruzamentos dos descritores.

Descritor 1 (V)	Descritor 2 (P)	Descritor 3 (P)	Descritor 4 (P)
1. Eventos Estressores;	2. Infância;	3. Adolescência;	4. Juventude;
5. Eventos Estressantes;	6. Crianças;	7. Adolescentes;	8. Jovens.
EQUAÇÃO DE BUSCA			
“(Eventos estressores OR Eventos estressantes) AND (Infância OR Crianças) AND (Adolescência OR Adolescentes) AND (Juventude OR Jovens)”			
CRUZAMENTO DE DESCRITORES			
1. Eventos estressores AND Infância;	2. Eventos estressores AND Adolescentes;	3. Eventos estressantes AND Infância;	4. Eventos estressantes AND Adolescentes;
5. Eventos estressores AND crianças;	6. Eventos estressores AND Juventude;	7. Eventos estressantes AND crianças;	8. Eventos estressantes AND Juventude;
9. Eventos estressores AND Adolescência;	10. Eventos Estressores AND Jovens;	11. Eventos estressantes AND Adolescência	12. Eventos Estressantes AND Jovens.

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

⁷ Os Operadores Booleanos ou Lógicos auxiliam a filtrar os resultados de uma pesquisa e podem ser demonstrados como: AND (e), NOT (não) e OR (ou). Quando utilizados, estes operadores ajudam no processo de refinamento da pesquisa para que o material que se deseja encontrar seja localizado com mais rapidez e relevância (NEUZING, 2004).

A composição dos descritores foi realizada com base nos dois primeiros elementos da técnica PVO, ou seja, “P” (Crianças, adolescentes e/ou jovens) e “V” (Eventos Estressores), conforme mencionado anteriormente. Estes são os quatro primeiros descritores que estão destacados em negrito no quadro 01. Posteriormente, selecionou-se, a partir desses termos, outros descritores equivalentes a eles, totalizando **8 (oito) descritores** para a pesquisa. Com o auxílio dos Operadores Booleanos, estabeleceu-se o critério de cruzamento entre grupos de descritores referentes às variáveis (V) com os demais descritores referentes ao “P” da técnica PVO, tendo em vista um melhor refinamento dos objetos a serem levantados. Isso acontece para que haja uma maior probabilidade de localização de artigos através da estratégia de busca, bem como podemos observar nos **12 cruzamentos** finais que foram gerados após a utilização dos Operadores Booleanos.

Destaca-se que a escolha do descritor “eventos estressores” e de seu equivalente “eventos estressantes” foi baseada em dois estudos bibliográficos anteriores (não sistemáticos) sobre eventos estressores na adolescência e juventude (SOUZA; SILVA, 2015; SOUZA; SILVA; NUNES, 2016) que já apontavam algumas pesquisas que utilizavam, principalmente, a primeira terminologia. Nestes mesmos estudos, observou-se que algumas pesquisas apresentavam na composição dos participantes, simultaneamente, crianças e adolescentes. Desse modo, optou-se por incluir os descritores “Infância” e “Crianças”, a fim de garantir uma maior amplitude de artigos, por mais que coexistam crianças, adolescentes e/ou jovens nas amostras das pesquisas.

Logo em seguida, os dozes cruzamentos foram submetidos aos diretórios de busca. Esse processo de levantamento dos artigos se deu em três bases de dados *online*, sendo essas:

- 1) **Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Periódicos CAPES):** É uma biblioteca virtual que conta com um acervo de mais de 38 mil títulos com texto completo, 134 bases referenciais, 11 bases dedicadas exclusivamente a patentes, além de livros, enciclopédias e obras de referência, normas técnicas, estatísticas e conteúdo audiovisual. O *Periódicos CAPES* é considerado um modelo de consórcio de bibliotecas único no mundo, pois é inteiramente financiado pelo governo brasileiro e atende às demandas dos setores acadêmico, produtivo e governamental, propiciando o aumento da produção científica nacional e o crescimento da inserção científica brasileira no exterior⁸.

⁸ Essas informações estão presentes no próprio Portal de periódicos da CAPES e podem ser acessadas a partir do seguinte link:

- 2) **Scientific Electronic Library Online (SciELO):** É o resultado de um projeto de pesquisa da FAPESP – SP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) em parceria com o Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (BIREME) e conta com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Tem por objetivo o desenvolvimento de uma metodologia comum para a preparação, armazenamento, disseminação e avaliação da produção científica em formato eletrônico⁹.
- 3) **Biblioteca Virtual em Saúde Brasil (BVS-BR):** A BVS é o espaço de integração de fontes de informação em saúde na América Latina e Caribe. Como parte integrante da BVS para América Latina e Caribe, a BVS-Brasil tem por objetivo convergir as redes temáticas brasileiras da BVS e integrar suas redes de fontes de informação em saúde, fortalecendo-as e dando visibilidade a elas por meio do Portal da BVS Brasil. A escolha desta base de dados justifica-se pela natureza do tema deste estudo de revisão sistemática, discutido, sobretudo, pela área da psicologia¹⁰.

Para o refinamento das buscas foram pré-estabelecidos alguns **critérios de inclusão**, com base naquilo que se almejava alcançar com esta revisão. O objeto deveria:

- i. Ser um artigo empírico em português com amostra composta **exclusivamente** por crianças, adolescentes e/ou jovens brasileiros;
- ii. Apresentar no título e/ou no objetivo geral da pesquisa os termos referentes ao elemento “V” da técnica PVO (“eventos estressores” e “eventos estressantes”) e/ou equivalentes, tais como: “experiências estressoras”, “estressores”, etc.
É importante ressaltar que o elemento “P” não foi considerado nas buscas por títulos e/ou objetivos. Os participantes (“P”) foram identificados na descrição das amostras que compuseram as pesquisas, conforme mencionado no critério de inclusão anterior;
- iii. Estar completo e disponível gratuitamente na íntegra;
- iv. Ter sido revisado por pares;
- v. Investigar os efeitos psicossociais de eventos estressores em crianças, adolescentes e/ou jovens.

http://www.periodicos.capes.gov.br/index.php?option=com_pcontent&view=pcontent&alias=missao-objetivos&Itemid=102

⁹ Informações presentes no link: <http://www.scielo.br/?lng=pt>

¹⁰ Informações presentes nos links:

BVS - <http://bvsalud.org/sobre-o-portal/> / **BVS-Brasil**: <http://brasil.bvs.br/vhl/sobre-a-bvs/o-portal-da-bvs-brasil/>

Quanto aos **critérios de exclusão** foram desconsiderados:

- a) Os artigos que apresentavam avaliação e/ou modelos de intervenção;
- b) Estudos relacionados à construção e/ou validação de instrumentos;
- c) Artigos repetidos que foram encontrados em mais de uma base de dados; e
- d) Estudos que não deixavam claro a etapa de desenvolvimento dos participantes e/ou que apresentavam uma indefinição na idade dos sujeitos.

Torna-se importante explicitar que neste estudo não foi delimitado um recorte temporal como critério de inclusão por dois motivos: 1) intenção de levantar todos os estudos empíricos sobre a temática no Brasil, independente do ano, a fim garantir uma maior compreensão sobre o assunto; 2) hipótese inicial de que o quantitativo de artigos não seria tão elevado em decorrência da peculiaridade do tema.

Após a seleção dos artigos foi realizado um Teste de Relevância – TR (**etapa 3**) para avaliação crítica dos estudos. Este teste foi aplicado por dois juízes independentes, que possuíam conhecimento prévio sobre a temática e foram esclarecidos sobre os objetivos desta RSL e dos critérios de inclusão/exclusão adotados na seleção dos artigos. No mais, também se pediu aos juízes para que analisassem os artigos na íntegra, a fim de garantir uma maior confiabilidade nas análises. O TR (apêndice 01) foi composto pelas seguintes perguntas, baseadas em Azevedo (2010): O objetivo do estudo tem relação com o que está sendo estudado? O método está descrito com clareza? O estudo deve ser incluído na revisão sistemática?

A concordância do TR foi verificada através do cálculo do Índice de Concordância – IC entre os pesquisadores a partir da seguinte fórmula:

Figura 02 - Fórmula para o cálculo do Índice de Concordância.

$$IC = A \times 100 / A + D$$

Legenda:
 IC = Índice de Concordância;
 A = Concordância;
 D = Discordância.

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Trata-se de uma técnica que visa indicar se os critérios utilizados em uma revisão são confiáveis e que outros pesquisadores poderiam encontrar resultados semelhantes. Deve-se considerar como ponto de corte $IC > 80\%$ (PEREIRA, 2006, p. 54). Neste trabalho, aplicou-se

o TR e o IC em cada um dos artigos separadamente em uma planilha no *Software Excel* (Apêndice 02). Os artigos que não apresentaram IC > 80% foram excluídos.

A **etapa 04** (Coleta de dados nos artigos – variáveis a serem estudadas), por sua vez, diz respeito à coleta de dados nos artigos com base em 5 (cinco) variáveis que foram estabelecidas para guiar o processo de caracterização e análise dessas pesquisas:

1. Ano de publicação;
2. Tipo de pesquisa e de análise de dados;
3. Instrumentos e procedimentos de coleta de dados;
4. Caracterização dos participantes;
5. Objetivos.

A coleta dessas informações foi realizada com o auxílio de uma planilha eletrônica elaborada no *Software Excel* (apêndice 03).

Logo em seguida, na **etapa 05** (análise e apresentação dos dados), todos esses dados (menos os objetivos) foram analisados estatisticamente com o auxílio do *Excel*, observando-se a frequência e a porcentagem das informações que foram organizadas em tabelas e gráficos, que serão apresentados no item seguinte desta revisão. Os objetivos gerais, por sua vez, foram explorados de forma qualitativa com Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977) e com o auxílio do *Software NVIVO 10*¹¹.

A caracterização dos objetivos gerais permite compreender o que a literatura da área tem investigado e produzido sobre eventos estressores na infância, adolescência e juventude. Isso possibilita a construção de um panorama de pesquisas sobre o tema, o que está de acordo com o objeto geral desta RSL. O uso da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977) justifica-se pela necessidade de tratamento desses dados, que foram organizados em categorias temáticas, de acordo com a similaridade entre aquilo que os artigos se propuseram a pesquisar. O *Software NVIVO 10* contribui na visualização dos dados e apresentação dos resultados, para além dos tradicionais métodos de organização em tabelas e/ou gráficos, e também, permite uma melhor compreensão das informações, sendo utilizado neste estudo, unicamente, para análise dos objetivos.

Por fim, na **etapa 06** (interpretação dos dados), utilizou-se como suporte teórico para as inferências e interpretações a literatura especializada da área, e, na **etapa 07** (aprimoramento e

¹¹ O *Qualitative Solutions Research N-vivo 2.0 (QSR)* é um *software* elaborado para a análise qualitativa de dados. Lançado em meados do ano de 2002, o *QSR Nvivo 2.0* teve como um de seus precursores o *software NUD*IST*. Ambos os programas foram desenvolvidos pela Universidade de La Trobe (Melbourne – Austrália), e se fundamentam no princípio da codificação e armazenamento de textos em categorias específicas (GUIZZO; KRZIMINSKI; OLIVEIRA, 2003).

atualização da revisão), aperfeiçoou-se o estudo seguindo as orientações de duas avaliadoras que compuseram o exame de qualificação da presente dissertação do qual esta revisão sistemática é parte integrante.

3.2 Resultados e discussão

3.2.1 Resultados das buscas

O processo de localização e refinamento dos artigos nas bases de dados está descrito de forma detalhada na tabela 01:

Tabela 01 – Processo quantitativo de seleção dos artigos por descritor e base de dados.

DESCRITORES	CAPES							SCIELO							BVS - BR						
	N1	ID	TM	GI	RP	N3	N4	N1	ID	TM	GI	RP	N3	N4	N1	ID	TM	GI	RP	N3	N4
1. Eventos estressores AND Infância	73	38	30	x	29	6	5	7	7	7	x	x	0	0	14	11	10	9	x	0	0
2. Eventos estressores AND crianças	104	50	43	x	42	4	3	14	14	13	x	x	2	2	20	27	22	21	x	1	1
3. Eventos estressores AND Adolescência	69	37	33	x	30	1	1	13	13	13	x	x	1	1	45	39	38	28	x	2	1
4. Eventos estressores AND Adolescentes	120	62	55	x	53	1	1	20	20	20	x	x	0	0	49	44	43	34	x	0	0
5. Eventos estressores AND Juventude	29	15	13	x	13	0	0	0	0	0	x	x	0	0	35	30	30	23	x	0	0
6. Eventos Estressores AND Jovens	124	56	50	x	49	0	0	0	0	0	x	x	0	0	41	35	34	26	x	0	0
7.Eventos estressantes AND Infância	71	33	26	x	26	0	0	0	0	0	x	x	0	0	872	37	33	25	x	1	1
8.Eventos estressantes AND crianças	124	45	39	x	38	2	2	0	0	0	x	x	0	0	4534	115	96	76	x	1	1
9.Eventos estressantes AND Adolescência	61	30	25	x	25	1	1	0	0	0	x	x	0	0	5970	131	112	79	x	1	1
10. Eventos estressantes AND Adolescentes	127	59	52	x	52	0	0	0	0	0	x	x	0	0	6188	125	104	72	x	0	0
11. Eventos estressantes AND Juventude	26	15	9	x	9	0	0	0	0	0	x	x	0	0	6002	121	100	68	x	0	0
12. Eventos Estressantes AND Jovens	147	75	66	x	65	0	0	0	0	0	x	x	0	0	6613	139	118	85	x	0	0

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Legenda:

N1: Número inicial;

ID: Idioma – português;

TM: Tipo de material – Artigo;

G.I: Gratuito e disponível na íntegra;

RP: Revisado por pares;

N3: Artigos pré-selecionados com base nos critérios de inclusão/exclusão;

N4: Artigos selecionados após o teste de relevância/Número Final de Artigos;

x: Filtro não disponível na base de dados.

Esse processo de seleção dos objetos foi desenvolvido no período de junho/2017 a julho/2017, sendo que a apropriação de todos os procedimentos e das técnicas adotadas durante as buscas foi realizada anteriormente, no período de agosto/2016 a abril/2017.

No mais, quanto à tabela 01, torna-se importante destacar que a combinação entre todos os descritores foi feita, primeiramente, no Periódicos CAPES e, logo em seguida no SCieLO e na BVS-BR. Também pode-se observar na tabela 01 que, apesar da BVS apresentar o maior número de artigos na busca inicial, o número de artigos selecionados é composto, principalmente, por trabalhos presentes no Periódicos CAPES. Isso aconteceu, sobretudo, por dois motivos: 1) grande parte dos trabalhos presentes na BVS estavam em outras línguas e foram excluídos após o refinamento por idiomas; e 2) alguns artigos que foram encontrados na BVS já haviam sido catalogados nas bases anteriores e foram eliminados com base no critério de exclusão “*artigos repetidos que foram encontrados em mais de uma base de dados*”.

A tabela 02 apresenta uma síntese do processo de seleção dos artigos através de valores absolutos por refinamento e diretório:

Tabela 02: Valores absolutos da seleção dos artigos por descritor e base de dados.

Refinamentos	CAPEs	SCIELO	BVS	VALORES ABSOLUTOS
N1 – Busca Inicial;	1075	54	30383	31512
ID – Idioma;	515	54	854	1423
TM – Tipo de material;	441	53	740	1234
G.I – Gratuito e disponível na íntegra;	x	x	546	987
RP – Revisado por pares;	431	x	X	431
N3 – Critérios de inclusão/exclusão;	15	3	6	24
N4 – Artigos selecionados após TR.	13	3	5	21

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

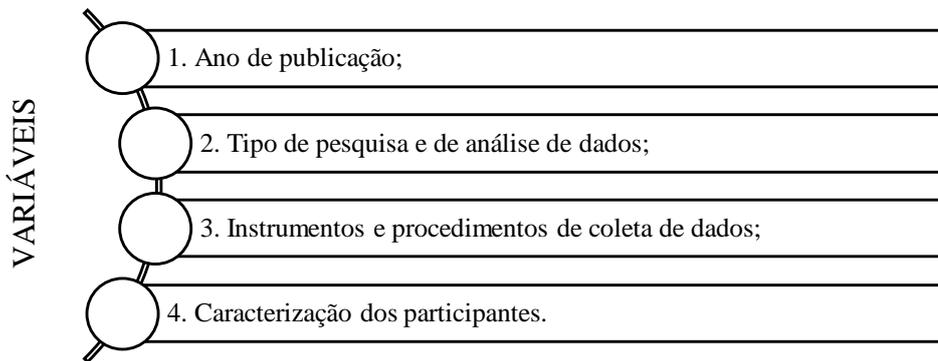
No diretório da CAPES e da BVS, o refinamento por idioma excluiu mais da metade dos artigos, o que pode indicar certa limitação desta revisão, já que pesquisas realizadas em âmbito nacional também podem ser publicadas em revistas estrangeiras. Alguns estudos encontrados na BVS apresentavam todos os itens necessários à inclusão na RSL, exceto o critério “*Gratuito e disponível na íntegra*”, sendo, desse modo, excluídos.

Aos juízes foram encaminhados 24 artigos e, após a aplicação do Teste de Relevância – TR e realização do Índice de Concordância – IC, permaneceram 21 estudos, isto é, 87,5% dos objetos selecionados. Foi observado, de acordo com os juízes, que os artigos excluídos tinham consonância com o tema desta revisão, no entanto, não possuíam clareza na descrição metodológica, não atendendo, portanto, a todos os critérios necessários para serem incluídos na revisão.

3.2.2 Caracterização geral dos artigos

O processo de caracterização visa descrever de forma conjunta algumas informações coletadas nos artigos que ajudam a analisar o período temporal em que eles foram publicados, os procedimentos metodológicos utilizados, bem como estabelecer algumas características dos participantes. Neste primeiro momento, portanto, objetiva-se traçar um perfil mais geral dessas pesquisas, levando-se em consideração as seguintes variáveis:

Figura 03: Variáveis analisadas nos artigos.



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

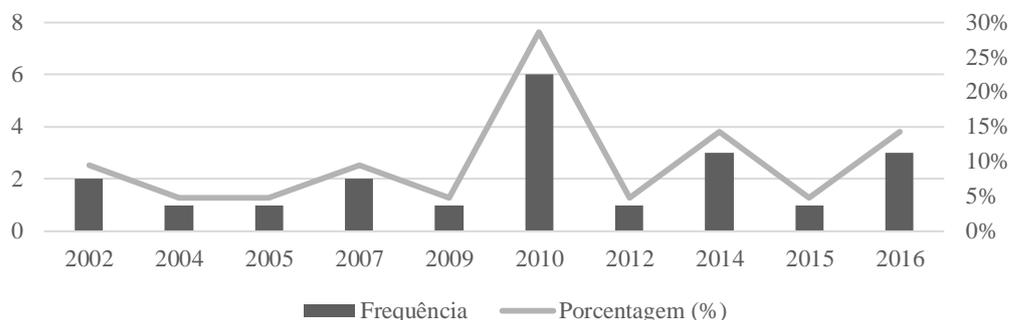
É interessante salientar que a análise dessas variáveis deve ser feita à luz dos critérios adotados neste estudo, isto é, os achados e conclusões desta pesquisa têm como base o percurso metodológico utilizado durante todo o processo de coleta de dados, o que permitiu que fossem identificadas certas evidências e não outras. A adoção de critérios diferentes, portanto, poderia (ou não) indicar outras interpretações relacionadas ao tema da revisão.

3.2.2.1 Ano de publicação

A caracterização dos artigos por ano tem por objetivo identificar a dinâmica das publicações ao longo de um determinado período temporal, isso permite analisar, por exemplo, o ano e o tema da primeira publicação e as possíveis modificações na forma como o assunto é abordado em estudos posteriores.

O gráfico 01 demonstra esse processo:

Gráfico 01: Ano de publicação dos artigos.



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Pode-se identificar que os anos com maior frequência de publicação foram, respectivamente, 2010 ($f=6$; 28,6%), 2014 ($f=3$; 14,3%), 2016 ($f=3$; 14,3%) e 2007 ($f=2$; 9,5%), o que corresponde a 66,7% do total da amostra. Os anos de 2004, 2005, 2009, 2012 e 2015 apresentaram apenas uma publicação, totalizando 24% dos objetos encontrados.

É interessante salientar que há 12 (doze) anos que a literatura registra publicações na área, apesar de estas não serem feitas de forma consecutiva, uma vez que não houve evidências de produções nos anos de 2003, 2011 e 2013. Também pode-se constatar que, entre os anos de 2002 e 2009, foram publicados entre 1 e 2 artigos e que, nos anos de 2010, 2014 e 2016 houve um crescimento de publicações.

Os dois primeiros estudos publicados no ano de 2002 investigaram eventos estressores e estratégias de *coping*¹², sendo que um deles enfatizou a infância (DELL'AGLIO; HUTZ, 2002a) e o outro a infância e a adolescência (DELL'AGLIO; HUTZ, 2002b). Essa mesma temática aparece em 2010 na pesquisa de Kristensen, Schaefer e Busnello (2010), acompanhada por outras 5 (cinco) investigações sobre temas diferentes: 1. Eventos estressores e sintomas depressivos (ABAID; DELL'AGLIO; KOLLER, 2010); 2. Eventos estressores e ajustamento (MORAIS; KOLLER; RAFAELLI, 2010); 3. Eventos estressores e gravidez na adolescência; 4. Eventos estressores e conduta social (SCHNEIDER; PACHECO, 2010); e 5. Eventos estressores e problemas de saúde mental (BENETTI et al, 2010). Em 2016, a temática dos eventos estressores aparece relacionada a outras variáveis, a saber: bem-estar subjetivo (LIMA; MORAIS, 2016), sentimento de comunidade (ABREU et al, 2016) e eventos de vida positivos (GIACOMONI; SOUZA; HUTZ, 2016).

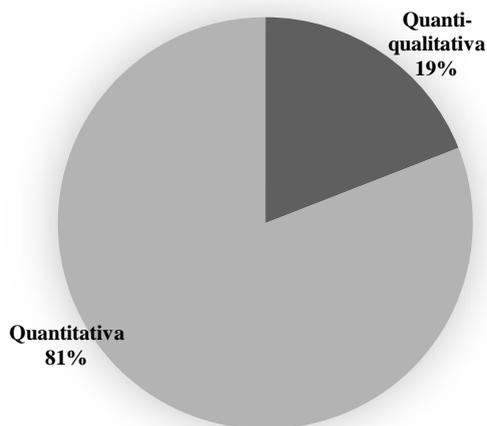
¹² “Esforços cognitivos e comportamentais utilizados frente a circunstâncias adversas” (DELL'AGLIO; HUTZ, 2002, p. 5).

Esses achados indicam a variabilidade de associações feitas na literatura sobre o assunto, que, de início, esteve relacionado às estratégias de *coping* e, logo em seguida, foi investigado em conjunto com outras variáveis.

3.2.2.2 Tipo de pesquisa e de análise de dados

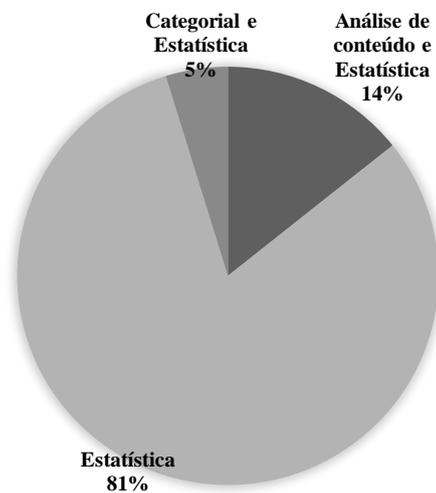
Neste item, objetiva-se identificar as abordagens utilizadas nas pesquisas (quantitativa, qualitativa ou quanti-qualitativa) e os procedimentos de análise de dados adotados. O gráfico 02 apresenta os dados referentes ao tipo de pesquisa e o gráfico 03 se refere aos procedimentos de análise de dados adotados.

Gráfico 02: Tipo de pesquisa.



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Gráfico 03: Tipo de análise de dados.



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

O gráfico 02 permite visualizar que, de modo geral, a temática dos eventos estressores é mais frequentemente tratada de forma quantitativa nas pesquisas ($f=17$; 81%). Foram encontrados estudos utilizando técnicas qualitativas, mas que estiveram associadas a métodos quantitativos, o que caracteriza essas pesquisas como quanti-qualitativas ($f=04$; 19%). Os estudos quantitativos, conforme se pode notar no gráfico 03, utilizaram-se de análises estatísticas ($f=17$; 81%) e as pesquisas quanti-qualitativas adotaram Análise de Conteúdo associada à estatística ($f=3$; 14,3%) e análise categorial associada à estatística ($f=01$; 4,8%).

Um exemplo de estudo quantitativo é a pesquisa de Poletto, Koller e Dell' Aglio (2009) que procurou investigar a ocorrência e o impacto de eventos estressores para 297 crianças e adolescentes, de ambos os sexos, de Porto Alegre. Quanto, especificamente, aos aspectos metodológicos e analíticos, os dados da pesquisa foram tabulados no *Pacote Estatístico para*

Ciências Sociais, versão 12 para *Windows* (SPSS 12.0), sendo, logo em seguida, analisados de forma estatística. De início, as autoras apresentaram análises estatísticas descritivas de frequência e percentagem das informações biossociodemográficas dos participantes, referentes às suas famílias e escolas. Logo em seguida, procederam-se outras análises estatísticas, a saber: verificação da frequência e impacto dos eventos estressores; testes t de *Student* e qui-quadrado para verificação de diferenças entre grupos com relação às variáveis sexo e contexto; e análise multivariada (*general linear model*) a fim de identificar interações entre grupos.

A pesquisa de Giacomoni, Souza e Hutz (2016), por sua vez, é um exemplo de estudos quanti-qualitativos que também adotaram análise estatística, mas que a associaram a procedimentos e técnicas qualitativas. O estudo teve por objetivo investigar quais eventos de vida (positivos e negativos) são mais frequentes na vida de 200 crianças, de acordo com suas percepções, e realizar comparações por sexo, por escola e faixa etária. Quanto aos aspectos metodológicos, em especial, observa-se a utilização de **entrevista** para investigar os eventos de vida (EV), a partir de duas questões que as crianças deveriam responder: 1. “O que aconteceu de bom na tua vida?”; 2. “O que aconteceu de ruim na tua vida?”. Cada criança poderia mencionar quantos EV desejasse.

As respostas foram transcritas e tiveram seu conteúdo analisado por dois avaliadores independentes que verificaram o significado semântico das falas com critérios de **categorização** sugeridos por Bardin (2011), criando-se categorias para EV positivos e para EV negativos. Posteriormente, foram **calculadas frequências e porcentagens** de respostas por categoria, bem como comparações por sexo e tipo de escola com base no teste binomial de diferenças entre duas proporções e comparações através de teste qui-quadrado para várias proporções visando analisar diferenças por faixa etária.

Neste estudo, observa-se que a coleta e o tratamento das informações foram feitos de forma qualitativa e que a análise foi estatística, o que configura uma pesquisa quanti-qualitativa multimétodos. De acordo com Creswell (2007), os métodos mistos podem contemplar múltiplas possibilidades de análises, tanto estatísticas como textuais. Essa integração pode ocorrer

em diversos estágios do processo de pesquisa: na coleta de dados, na análise de dados, na interpretação ou em alguma combinação de locais. Integração significa que o pesquisador “junta” os dados. Por exemplo, na coleta de dados, essa “mistura” pode envolver combinações de questões fechadas e abertas de um questionário (CRESWELL, 2007, p. 215).

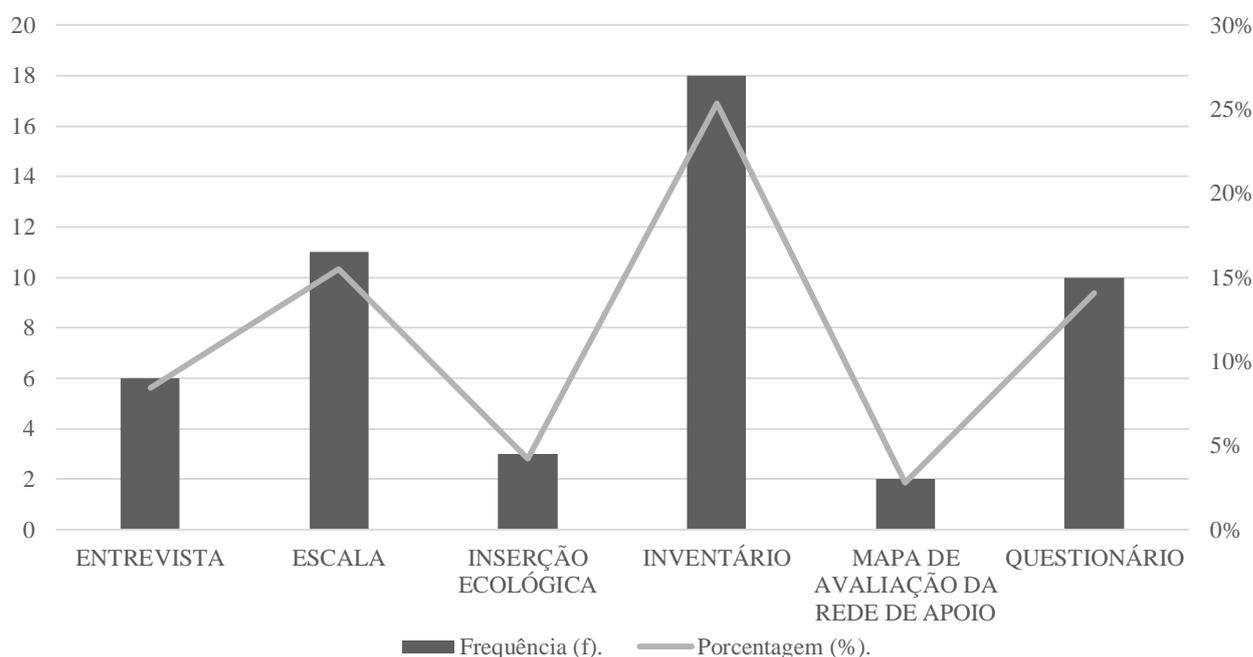
A construção de estudos com métodos mistos pode proporcionar pesquisas de grande relevância, no entanto os pesquisadores precisam identificar com clareza as potencialidades e

limitações dos métodos que almejam utilizar e associar em suas pesquisas (DAL-FARRA; LOPES, 2013).

3.2.2.3 Instrumentos e procedimentos de coleta de dados

No processo de coleta de dados, observa-se a utilização de um conjunto amplo de instrumentos, como demonstrado no gráfico 04:

Gráfico 04: Instrumentos e procedimentos de coletas de dados.



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

O gráfico 04 representa a totalidade de instrumentos e procedimentos utilizados nas pesquisas. Nem todos têm relação direta com eventos estressores, já que algumas pesquisas investigam outras variáveis e suas relações com estressores, como é o caso do estudo de Wathier e Dell'Aglio (2007) que buscou verificar a manifestação de sintomas depressivos e a frequência e o impacto de eventos estressores em crianças e adolescentes institucionalizados e não-institucionalizados. As autoras utilizaram dois instrumentos: um sobre depressão (*Children's Depression Inventory*) e outro sobre eventos estressores (*Inventário de Eventos Estressores na Infância e Adolescência*). A análise estatística de correlação de Pearson possibilitou às autoras verificarem as diferenças e associações entre ambas as variáveis. Com isso, objetiva-se demonstrar que nem todos os instrumentos que aparecem no gráfico dizem respeito diretamente à temática desta revisão sistemática.

Os instrumentos que se sobressaem são os inventários ($f=18$; 24,5%) e as escalas ($f=11$; 15,5%). Entre esses quantitativos, salienta-se a presença, em 52% ($f=11$) das pesquisas, do *Inventário de Eventos Estressores na Adolescência* - IEEA (FERLIN et al, 2000) ou de versões adaptadas (KRISTENSEN et al, 2004; RAFFAELLI, KOLLER; MORAIS, 2007). É o recurso metodológico mais frequente entre os estudos.

O IEEA tem por objetivo avaliar a frequência e o impacto de eventos estressores na adolescência. Originalmente, possui 64 itens em forma de situações que podem ser causadoras de estresse. Em cada um dos itens, em primeiro lugar, o sujeito deve indicar se já vivenciou ou não o evento em sua trajetória, indicando “sim” em caso de já ter experienciados e “não” para situações que nunca vivenciou. Logo em seguida, deve indicar, apenas para os eventos que já experenciou, o impacto percebido em uma escala *Likert* de 5 (cinco) pontos, sendo: (1) Nada estressante; (2) Um pouco estressante; (3) Mais ou menos estressante; (4) Muito estressante, e (5) Totalmente estressante (POLETTTO; KOLLER; DELL’AGLIO, 2009a).

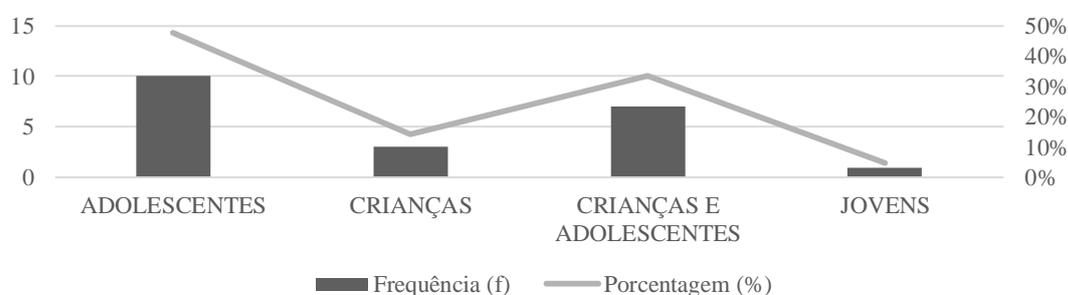
3.2.2.4. Caracterização dos participantes

Este item tem por objetivo traçar um perfil dos participantes das pesquisas, de modo a identificar:

- a etapa de vida destes sujeitos, isto é, se são crianças, adolescentes ou jovens;
- a região e a cidade de onde são provenientes e
- algumas características relacionadas ao seu contexto de desenvolvimento, isto é, se são estudantes de escolas públicas, se estão em situação de rua, se cumprem medidas socioeducativas, etc.

Os dados referentes ao primeiro item a ser analisado estão expressos no gráfico 05:

Gráfico 05: Etapa de desenvolvimento dos participantes.



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

É interessante observar que, dentre as três etapas do desenvolvimento investigadas, sobressaem-se estudos especificamente com adolescentes ($f=10$; 47,6%) e estudos que

investigam tanto a infância quanto a adolescência ($f=07$; 33,3%), enquanto que se encontrou apenas uma pesquisa formada por jovens na amostra. Este estudo com jovens é de autoria de Jansen et al. (2014) e buscou identificar associações entre eventos vitais estressores e transtornos de humor em uma amostra comunitária de jovens com idades entre 18 e 24 anos do Sul do Brasil.

Quanto ao local de proveniência, nota-se que as pesquisas foram realizadas, respectivamente, com participantes dos seguintes estados: Rio Grande do Sul ($f=17$; 81%), Rio de Janeiro ($f=9,5$; 02%), Ceará ($f=1$; 4,8%) e São Paulo ($f=1$; 4,8%). Esses dados indicam uma maior frequência de pesquisas no Sul do país, enquanto que não foram encontradas pesquisas nas regiões Centro-Oeste e Norte.

Quanto aos contextos de desenvolvimento, observa-se que as amostras têm em sua composição, principalmente, estudantes de escolas públicas:

Tabela 03 – Características dos participantes.

CARACTERÍSTICAS	f	%
1) Estudantes de escolas públicas.	7	33,3
2) Adolescentes que cumpriam medidas socioeducativas em regime fechado.	2	9,5
3) Crianças/Adolescentes em situação de rua; Crianças/Adolescentes que moravam com a família e frequentavam uma ONG.	2	9,5
4) Adolescentes grávidas.	1	4,8
5) Crianças que conviviam ou não com depressão materna.	1	4,8
6) Crianças/Adolescentes com experiência de rua.	1	4,8
7) Crianças/Adolescentes estudantes de escolas públicas que moravam com a família; Crianças/Adolescentes que moravam em instituições de abrigo de proteção.	1	4,8
8) Crianças/Adolescentes que moravam em casas de acolhimento.	1	4,8
9) Crianças/Adolescentes que moravam em instituições de abrigo de proteção.	1	4,8
10) Crianças/Adolescentes que residiam em instituições de proteção (abrigos); Crianças/Adolescentes que moravam com a família.	1	4,8
11) Estudantes de escolas públicas e privadas.	1	4,8
12) Estudantes de escolas públicas que moravam com a família; Estudantes de escolas públicas abrigados em órgão de proteção.	1	4,8
13) Jovens moradores de uma comunidade.	1	4,8
Total	21	100,0

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

A tabela 03 demonstra a diversidade de perfis dos participantes das pesquisas, cujos contextos de desenvolvimento vão desde escolas públicas até instituições de proteção. As instituições públicas de ensino aparecem em 47,7% (percentual acumulado) das pesquisas. No mais, também se observa a institucionalização (medidas socioeducativas em regime fechado, abrigo de proteção, etc) como elemento característico entre os participantes, que estiveram inseridos, por exemplo, em casas de acolhimento.

Existem pesquisas que fazem coletas de dados em mais de um contexto de desenvolvimento, o que permite, por exemplo, a comparação de resultados entre grupos com características contextuais distintas. Isso acontece, por exemplo, no estudo de Poletto, Koller e

Dell'Aglio (2009) que pesquisou a ocorrência e o impacto de eventos estressores no desenvolvimento de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social na cidade de Porto Alegre. A amostra foi subdividida em dois grupos: O primeiro grupo (G1) foi constituído por 142 participantes que viviam com suas famílias; o segundo grupo (G2) foi formado por 155 participantes institucionalizados. O estudo encontrou um resultado significativo quanto à ocorrência de eventos estressores, sendo que G2 apresentou médias mais altas que G1.

Após este processo de caracterização geral dos artigos, procedeu a análise dos objetivos dos estudos encontrados, utilizando-se para isso, a Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977).

3.2.3 Os objetivos gerais das pesquisas

O estudo dos objetivos gerais dos artigos nos ajuda a compreender o que a literatura da área tem discutido sobre a temática em questão. Nesta RSL, isto será feito com o auxílio do *Software NVIVO* (Versão 10) e da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977).

3.2.3.1 Análise exploratória e de frequência no NVIVO 10

O NVIVO 10 é uma ferramenta desenvolvida para facilitar o uso de técnicas qualitativas, com o objetivo de promover uma melhor organização, tratamento e visualização dos dados (RAMOS, 2015).

Nesta revisão utilizaram-se os seguintes procedimentos no *software*:

- 1) **Nuvem de palavras:** Trata-se de uma técnica que demonstra o grau de frequência que alguns termos aparecem em um texto. Quanto mais um termo é utilizado, maior será sua representação no gráfico. De forma contrária, os termos citados poucas vezes não irão apresentar grande representatividade na nuvem de palavras. As expressões podem aparecer em fontes, tamanhos e cores variadas, indicando o que pode ser mais relevante ou não em um contexto.
- 2) **Árvore de palavras:** Destacam-se as palavras mais frequente na base de dados para construir, a partir delas, uma série de conexões textuais, que permitem visualizar os contextos em que essas palavras estão integradas (MAIA, 2017).

A figura 04 apresenta a frequência dos termos utilizados nos objetivos gerais das pesquisas através da nuvem de palavras:

15. Indicador;	4	0,65
16. Ocorrência;	4	0,65
17. Sintomas.	4	0,65

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Na nuvem, os 05 termos que mais se destacam são, respectivamente: “eventos” ($f=20$; 3,23%), “adolescentes” ($f=18$; 2,91%), “estressores” ($f=14$; 2,26%) e “crianças” ($f=13$; 2,10%). Em primeiro lugar, esses resultados podem ter relação com os descritores utilizados durante as buscas nas bases de dados. Também indicam que, entre os objetos selecionados, há uma maior frequência de investigações sobre eventos estressores na adolescência e infância, o que converge com as informações de caracterização das etapas de desenvolvimento dos participantes apresentadas anteriormente. Outra informação que também entra em concordância com a caracterização dos participantes é a de que os termos “juventude” e “jovens”, que igualmente foram utilizados como descritores, não apareceram na nuvem de palavras, o que permite inferir que há uma tendência entre essas pesquisas em adotar posicionamentos teóricos voltados à infância e adolescência.

A árvore de palavras, por sua vez, apresenta as conexões feitas a partir dos termos “evento” e “estressores”:

Figura 05: Árvore de palavras gerada no NVIVO 10 a partir dos objetivos.



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

As duas expressões nucleares da árvore de palavras são “Eventos” e “Estressores”. Isso aconteceu justamente por serem os dois termos mais frequentes nos objetivos, bem como se identificou anteriormente na nuvem de palavras. Ademais, nota-se a existência de um conjunto

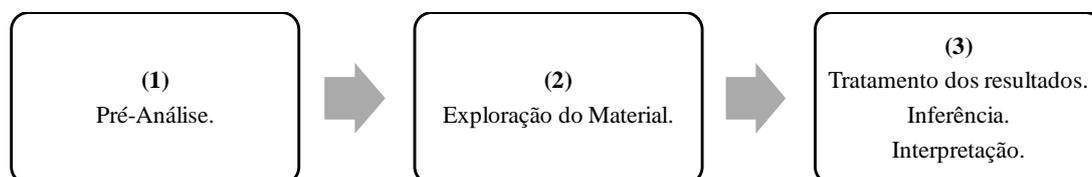
de conexões que formam frases e que só passam a ter sentido quando são relacionadas às palavras centrais. Além do mais, torna-se importante salientar que “eventos estressores” é a nomenclatura mais utilizada pelos autores para se reportar às situações causadoras de estresse, por isso ambos os termos se encontram conectados em praticamente todas as ligações, a não ser por uma conexão que está sinalizada em amarelo na árvore, a saber: “Identifica a associação entre eventos vitais estressores”. Isso quer dizer que nem todos os estudos utilizam a expressão “eventos estressores”.

3.2.3.2 Processo de codificação dos objetivos com Análise de Conteúdo

A Análise de Conteúdo é entendida como uma variedade de técnicas de análise de comunicações. Não se trata, então, de um único dispositivo, mas de um conjunto de “apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações” (BARDIN, 1977, p.31).

Existem três polos que organizam as etapas da análise de conteúdo:

Figura 06: Etapas da Análise de Conteúdo.



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

A **Pré-análise** diz respeito ao processo de seleção e organização do material (*corpus*) e às primeiras relações que o pesquisador estabelece com os seus achados (organização dos documentos, leitura flutuante, formulação de hipóteses, etc). A **Exploração do Material** consiste na construção das operações de codificação, considerando-se os recortes nos textos em unidades de registros, a definição de regras de contagem e a classificação e agregação das informações em categorias simbólicas ou temáticas. A terceira e última fase do processo compreende ao **Tratamento dos resultados e interpretação**. Tratar o material, para Bardin (1977), é codificá-lo, isto é, transformar os “dados brutos” através de recortes, agregações e enumerações. Esses dados são transformados sistematicamente em unidades que possibilitam uma descrição das características do conteúdo. A autora explica que a codificação compreende três escolhas a serem realizadas de forma quantitativa e categorial:

- a) O recorte e seleção das unidades (unidades de registro) dentro de um contexto mais amplo (unidade de contexto);

- b) Regras de contagem: deve-se decidir quais os procedimentos de quantificação de ocorrência serão utilizados na análise;
- c) A classificação e a agregação: escolha das categorias.

Neste estudo, a Pré-análise e a Exploração do Material já foram realizadas anteriormente durante todo o processo de seleção, caracterização geral dos artigos e de estudo exploratório no *software* NVIVO 10. Na etapa de Tratamento dos resultados, utilizou-se um processo de refinamento categorial, seguindo as 3 (três) etapas descritas anteriormente, isto é, a transformação de contextos maiores (Unidades de Contexto – UC) em unidades menores (Unidades de Registro – UR) e, posteriormente, em categorias.

As unidades de contexto têm relação com os recortes feitos em um texto que dão sentido às unidades de registro, cujas dimensões permitem compreender a significação exata dos recortes realizados. Tem-se, então, uma determinada comunicação (*corpus*) que será submetida a recortes mais amplos (Unidades de Contexto) e menores (Unidades de Registro) (BARDIN, 1977).

As unidades de registro, em especial, podem ser agrupadas em categoria, de acordo, por exemplo, com a similaridade semântica, isto é, levando-se em consideração a proximidade temática entre os recortes realizados (BARDIN, 1977).

Neste estudo, o *corpus* é representado pelo conjunto de artigos selecionados, a unidade de contexto são os objetivos das pesquisas e as variáveis extraídas desses objetivos são as unidades de registro e, neste trabalho, também receberam o nome de “categorias iniciais”, já que serão reagrupadas posteriormente em outras categorias.

O quadro 02 apresenta o processo inicial de codificação dos objetivos:

Quadro 02: Processo inicial de codificação dos objetivos.

UNIDADES DE CONTEXTO – UC (OBJETIVOS)	UNIDADES DE REGISTRO – UR (CATEGORIAS INICIAIS)
1. Investigar a relação existente entre eventos estressores cotidianos , senso de comunidade e bem-estar subjetivo em alunos de escolas urbanas e rurais do Nordeste do Brasil, focando nas diferenças por contexto territorial.	Eventos Estressores Cotidianos; Senso de Comunidade; Bem-Estar Subjetivo.
2. Avaliar a relação entre eventos estressores ocorridos no último ano na família de crianças e adolescentes com indicativos de problemas de saúde mental em uma amostra de estudantes de duas escolas de uma cidade no sul do Brasil.	Eventos Estressores; Problemas de Saúde Mental.
3. Descrever e comparar dois grupos de adolescentes em situação de vulnerabilidade social (um grupo em situação de rua e um grupo que vive com sua família) quanto à sua rede de apoio social e afetiva , ao número	Rede de Apoio Social e Afetiva; Eventos Estressores;

e impacto dos eventos estressores e ao indicador geral de mau ajustamento ; e verificar se as características da rede de apoio (tamanho e qualidade) moderaram o efeito do número e impacto dos eventos estressores sobre o índice geral de mau ajustamento.	Mau Ajustamento.
4. Analisar a relação da resiliência com eventos de vida desfavoráveis e fatores de proteção .	Resiliência; Eventos de Vida Desfavoráveis; Fatores de Proteção.
5. Verificar a existência de relação entre a ocorrência de eventos estressores e a conduta social de adolescentes.	Eventos Estressores; Conduta Social.
6. Investigar a ocorrência e o impacto de eventos estressores no desenvolvimento de adolescentes que cumprem medidas sócio-educativas.	Eventos Estressores.
7. Caracterizar o bem-estar subjetivo de crianças e adolescentes em situação de rua de três capitais brasileiras: Fortaleza, Porto Alegre e Salvador, verificando os fatores a ele associados (idade, sexo, eventos estressores e rede de apoio).	Bem-Estar Subjetivo; Eventos Estressores; Rede de Apoio.
8. Comparar eventos de vida (EV) negativos , as estratégias de enfrentamento e de regulação emocional relatadas por crianças que convivem com a depressão materna, em comparação a crianças que convivem com mães sem história psiquiátrica	Eventos de Vida Negativos; Estratégias de Enfrentamento; Regulação Emocional
9. Verificar a manifestação de sintomas depressivos e a frequência e o impacto de eventos estressores em crianças e adolescentes institucionalizados e não-institucionalizados.	Sintomas Depressivos; Eventos Estressores.
10. Identificar associações entre eventos vitais estressores e transtornos de humor em uma amostra comunitária de jovens do Sul do Brasil.	Eventos Vitais Estressores; Transtornos de Humor.
11. Identificar estratégias de coping utilizadas por adolescentes diante de eventos estressores , bem como a manifestação de sintomas de stress .	Estratégias de Coping; Eventos Estressores; Sintomas de Stress.
12. Investigar quais eventos de vida, positivos e negativos , são mais frequentes na vida das crianças, na sua percepção, e realizar comparações por sexo, por tipo de escola e por faixa etária.	Eventos de Vida Positivos; Eventos de Vida Negativos.
13. Avaliar a ocorrência de eventos estressores e seu impacto na vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.	Eventos Estressores.
14. Investigar eventos de vida estressantes , variáveis psicossociais e preditores de sintomas depressivos em crianças e adolescentes institucionalizados.	Eventos de Vida Estressantes; Preditores de Sintomas Depressivos.
15. Identificar as situações individuais, familiares e contextuais associadas às manifestações de problemas de saúde mental em adolescentes estudantes da região metropolitana de Porto Alegre.	Situações Individuais, Familiares e Contextuais; Problemas de Saúde Mental.
16. Identificar as experiências de vida traumáticas e a prevalência de problemas de comportamento em crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional.	Experiências de Vida Traumática; Problemas de Comportamento.
	Estratégias de Coping;

17. Investigou estratégias de coping , definidas como esforços cognitivos e comportamentais utilizados frente a circunstâncias adversas, e o estilo atribucional de crianças de oito a dez anos.	Circunstâncias Adversas; Estilo Atribucional.
18. 1) investigar o número e o impacto de eventos estressores de vida em dois grupos de adolescentes (adolescentes em situação de rua e adolescentes em situação de vulnerabilidade social que vivem com suas famílias); 2) descrever e comparar os resultados de indicadores de ajustamento (número de sintomas físicos, comportamento suicida, uso de drogas, comportamento sexual de risco, afeto positivo e afeto negativo) nos dois grupos; e 3) avaliar a associação dos eventos estressores com o indicador geral de mau ajustamento , criado a partir da soma dos diferentes indicadores de ajustamento avaliados.	Eventos Estressores de Vida; Ajustamento; Eventos Estressores; Mau Ajustamento.
19. Estimar a prevalência da depressão em adolescentes grávidas e identificar os principais fatores de risco .	Depressão; Fatores de Risco.
20. Investigou o perfil de adolescentes em conflito com a lei que cumpriam medida socioeducativa em regime fechado nas unidades da FASE-RS, em Porto Alegre, observando a ocorrência de eventos estressores, uso de drogas e expectativas de futuro .	Eventos Estressores; Uso de Drogas; Expectativas de Futuro.
21. Investigar o processo de coping em crianças e adolescentes institucionalizados e crianças e adolescentes que moravam com a família, através de eventos estressantes envolvendo pares (ou seja, pessoas de mesma idade) e adultos	Processo de Coping; Eventos Estressantes.

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Houve pequenos recortes nas UC (objetivos) que se tornaram categorias iniciais, mas que, ao mesmo tempo, são UR. Essas primeiras categorias dizem respeito às variáveis presentes nos objetivos que serão reagrupadas em função da *similaridade semântica* e irão originar as categorias intermediárias. Estas, por sua vez, serão aglutinadas em função da ocorrência dos temas e irão resultar nas categorias finais. O quadro 03 demonstra a segunda etapa do processo de categorização:

Quadro 03: Processo de refinamento das categorias iniciais.

CATEGORIAS INICIAIS	CONCEITO NORTEADOR	CATEGORIAS INTERMEDIÁRIAS	CATEGORIAS FINAIS
1. Eventos estressores ($f=10$).	<i>Conjunto de eventos, situações e experiências causadores de estresse (LIPP, 2000; MARGIS et al., 2003).</i>	Eventos Estressores. $f=22.$	FATORES DE RISCO $f=24.$
2. Eventos de vida negativos ($f=2$).			
3. Eventos de vida estressantes ($f=1$).			
4. Circunstâncias adversas ($f=1$).			
5. Eventos de vida desfavoráveis ($f=1$).			
6. Eventos estressantes ($f=1$).			
7. Eventos estressores de vida ($f=1$).			
8. Eventos vitais estressores ($f=1$).			
9. Experiências de vida traumáticas ($f=1$).			
10. Eventos estressores cotidianos ($f=1$).			
11. Situações individuais, familiares e contextuais ($f=1$).			
12. Preditores de sintomas depressivos ($f=1$).			
13. Fatores de risco ($f=1$).	<i>Variáveis que aumenta a probabilidade de um indivíduo apresentar problemas físicos, psicológicos e/ou sociais (POLETTI; KOLLER, 2011).</i>	Fatores de Risco $f= 2.$	
14. Uso de drogas ($f=1$).			
16. Mau ajustamento ($f=2$).	<i>Tem relação com os possíveis resultados ao desenvolvimento após a exposição a fatores de risco.</i>	Resultados Desenvolvimentais $f=15.$	RESULTADOS DESENVOLVIMENTAIS $f=15.$
17. Problemas de comportamento ($f=1$).			
18. Sintomas de stress ($f=1$).			
19. Sintomas depressivos ($f=1$).			
20. Depressão ($f=2$).			
21. Problemas de saúde mental ($f=2$).			
22. Transtornos de humor ($f=1$).			
23. Ajustamento ($f=1$).			
24. Conduta social ($f=1$).			

25. Bem-estar subjetivo (f=2).			
26. Estilo atribucional (f=1).			
27. Estratégias de <i>coping</i> (f=2).	<p><i>“Esforços cognitivos e comportamentais utilizados frente a circunstâncias adversas”</i> (DELL’AGLIO; HUTZ, 2002, p. 5).</p>	<p>Estratégias de Coping f= 5.</p>	<p>PROCESSOS MODERADORES f= 12</p>
28. Estratégias de enfrentamento (f=1).			
29. Processo de <i>coping</i> (f=1).			
30. Regulação emocional (f=1).			
30. Rede de apoio (f=1).			
31. Rede de apoio social e afetiva (f=1).			
32. Senso de comunidade (f=1).			
33. Fatores de proteção (f=1).	<p><i>Influências “que modificam, melhoram ou alteram respostas individuais a determinados riscos de desadaptação”</i> (POLETTTO; KOLLER, 2011, p. 31).</p>	<p>Fatores de proteção f=3.</p>	
34. Eventos de vida positivos (f=1).			
35. Expectativas de futuro (f=1).			
36. Resiliência (f=1).	<p><i>“(…) processos que possibilitem incrementar a adaptação e a saúde emocional”</i> (POLETTTO; KOLLER, 2008).</p>	<p>Resiliência f=1.</p>	

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

O quadro 03 demonstra que, inicialmente, havia **36 categorias iniciais**, que foram extraídas dos objetivos gerais dos artigos, sem nenhuma alteração. Logo em seguida, essas categorias foram agrupadas através de similaridade semântica, isto é, conceitos semelhantes e/ou que tratavam do mesmo assunto, e foram aglutinadas com base em um **conceito norteador**, resultando em sete **categorias intermediárias**. Por fim, ainda com o auxílio da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), as categorias intermediárias foram reagrupadas em três **categorias finais**, a saber:

1. Fatores de Risco ($f=24$): Em síntese, essa categoria se refere a um conjunto de situações que vão interferir negativamente no desenvolvimento e que podem desencadear o estresse.

2. Resultados Desenvolvimentais ($f=15$): Após a exposição a fatores de risco e, em especial a eventos estressores, a pessoa em desenvolvimento pode apresentar alguns resultados em seu desenvolvimento, que vão se manifestar, por exemplo, em problemas de comportamento e/ou de saúde mental.

3. Processos moderadores ($f=12$): Diante da exposição a eventos estressores, existem processos que vão interagir com o risco e irão alterar os seus efeitos na vida do sujeito. São processos promotores de desenvolvimento.

Estas três categorias, por sua vez, vão ser analisadas separadamente, a fim de descrever e discutir os resultados das pesquisas, relacionando-os a outras investigações e dados presentes na literatura. Salienta-se que os estudos complementares usados nesta revisão foram selecionados de forma aleatória, mas que trazem importantes contribuições às análises que serão desenvolvidas.

3.2.3.1.1 Fatores de risco ao desenvolvimento e eventos estressores

Esta primeira categoria tem relação com um conjunto de variáveis que podem interferir negativamente no desenvolvimento, intituladas de *fatores de risco*. Esses fatores são condições que estão associadas a uma maior probabilidade de resultados desenvolvimentais negativos e/ou indesejáveis que, quando presentes no contexto, podem ocasionar danos biopsicossociais ao ser humano (MORAIS; KOLLER; RAFAELLI, 2012; POLETTTO; KOLLER, 2011).

Algumas experiências de vida podem comprometer o desenvolvimento, de modo a desestabilizar o equilíbrio interno do indivíduo, conduzindo-o a tensões e excitações emocionais, comportamentais e fisiológicas que interferem em suas respostas (MARGIS et al,

2003). São situações consideradas, portanto, como potenciais fatores de risco (POLETTI; KOLLER; DELL'AGLIO, 2009). Em grande parte dos artigos encontrados nesta revisão, conforme se pode notar nas categorias iniciais presentes no quadro 03, essas situações são denominadas de eventos estressores ($f=10$).

Todas as pesquisas identificadas apresentam no objetivo geral algum termo referente às situações desencadeadoras de estresse. No entanto, percebe-se que essa nomenclatura não é consenso entre os autores. Os conceitos aparecem da seguinte forma nos objetivos dos artigos: eventos estressores (DELL'AGLIO et al, 2005; CASTOLDI; LOPES; PRATI, 2006; LIMA; MORAIS, 2007; WATHIER; DELL'AGLIO, 2007; MORAIS; KOLLER; RAFFAELLI, 2010; MORAIS; KOLLER; RAFFAELLI, 2012; KRISTENSEN; SCHAEFER; BUSNELLO, 2010; SCHNEIDER; PACHECO, 2010; NARDI; JOHN; DELL'AGLIO, 2014; MATOS et al, 2015; LIMA; MORAIS, 2016), eventos de vida negativos (LOPES; LOUREIRO, 2007; GIACOMONI; SOUZA; HUTZ, 2016), eventos de vida desfavoráveis (PESCE et al, 2004), eventos estressores cotidianos (ABREU et al, 2016), eventos vitais estressores (JANSEN et al, 2014), situações individuais, familiares e contextuais (BENETTI et al, 2010), eventos de vida estressantes e preditores de sintomas depressivos (ABAID; DELL'AGLIO; KOLLER, 2010); eventos estressantes (DELL'AGLIO; HUTZ, 2002a), circunstâncias adversas (DELL'AGLIO; HUTZ, 2002b), experiências de vida traumáticas (CALCING; BENETTI, 2004), eventos estressores de vida (MORAIS; KOLLER; RAFFAELLI, 2010).

Por se tratarem de conceitos que dizem respeito a fenômenos semelhantes e/ou iguais, todos foram agrupados na categoria intermediária “eventos estressores” ($f=22$) e, posteriormente, na categoria final “fator de risco” ($f=24$), já que eles aparecem como risco ao desenvolvimento nestes artigos.

As pesquisas que tratam única e especificamente das implicações dos eventos estressores no desenvolvimento, sem relacioná-los com outras variáveis são: Dell'Aglio et al (2005) e Nardi, Jahn e Dell'Aglio (2014). Ambos os estudos serão descritos e relacionados com outras literaturas complementares selecionadas sobre o tema.

A pesquisa de Dell'Aglio et al (2005) buscou investigar a ocorrência de eventos estressores no desenvolvimento de 50 adolescentes do sexo feminino, com idades entre 13 e 20 anos, autoras de ato infracional, que cumpriam medidas socioeducativas em órgão governamental no estado do Rio Grande do Sul. Foram identificados eventos estressores em diferentes dimensões, tais como a pessoal, familiar, social e judicial/institucional. Alguns eventos foram percebidos pelas adolescentes como muito estressantes, tais como maus-tratos,

abuso sexual, uso de drogas, repetência escolar, desemprego e morte dos pais, que se constituíram como potenciais fatores de risco ao desenvolvimento.

Em pesquisa de Nardi, Jahn e Dell'Aglio (2014), com adolescentes que também cumpriam medidas socioeducativas, em regime fechado, em unidades da Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul (FASE-RS), de ambos os sexos, com idades entre 14 e 20 anos, encontramos resultados semelhantes. A pesquisa teve por objetivo analisar o perfil desses adolescentes, no que tange ao uso de drogas, eventos estressores e expectativa de futuro. Em relação aos eventos estressores, identificou-se que mais da metade dos participantes vivenciou experiências estressoras (desemprego e prisão de membros da família, bem como a morte de pessoas significativas), que também se constituíram enquanto potenciais fatores de risco. De acordo com os autores, esses achados podem indicar que muitas vezes os adolescentes que estão em conflito com a lei não apresentam um desenvolvimento visto como característico da adolescência, uma vez que “são surpreendidos com uma ampla variedade de fatores de risco ao longo de suas vidas com os quais precisam aprender a lidar” (NARDI; JAHN; DELL'AGLIO, 2014, p. 130).

As etapas da adolescência e da juventude são consideradas vulneráveis por se tratarem de fases em que o indivíduo pode estar exposto a diversos fatores de risco que podem ser precursores de transtornos psicossociais ao longo da vida (MATOS et al, 2015). Alguns dos eventos estressores encontrados nos estudos de Dell'Aglio et al (2005) e Nardi, Jahn e Dell'Aglio (2014) demonstram a vulnerabilidades vivenciadas nessas etapas, que se evidenciaram em: (a) **Situações de violência**; (b) **Estressores relacionados ao contexto familiar**; e (c) **Comportamentos de risco**.

No estudo de Dell'Aglio et al (2005), os **eventos de violência** estiveram relacionados aos maus-tratos e ao abuso sexual. Os maus-tratos, de acordo a definição da Organização Mundial da Saúde (OMS), referem-se a:

Toda forma de maus-tratos físicos e/ou emocionais, abuso sexual, abandono ou trato negligente, exploração comercial ou outro tipo, da qual resulte um dano real ou potencial para a saúde, sobrevivência, desenvolvimento ou dignidade da criança, no contexto de uma relação de responsabilidade, confiança ou poder (OMS, 2002, p. 59).

Percebe-se que tal compreensão é ampla e engloba diversos tipos de violência, que vão desde a violência física e psicológica à negligência e exploração dos mais variados tipos. Nota-se também que o abuso sexual pode ser considerado um tipo de maus-tratos. O abuso sexual, por sua vez, pode ser entendido como:

Qualquer contato ou interação de uma criança ou adolescente com alguém em estágio mais avançado do desenvolvimento, na qual a vítima estiver sendo usada para estimulação sexual do perpetrador. A interação sexual pode incluir toques, carícias,

sexo oral ou relações com penetração (digital, genital ou anal). O abuso sexual também inclui situações nas quais não há contato físico, tais como *voyerismo*, assédio, exposição a imagens ou eventos sexuais, pornografia e exibicionismo (HABIGZANG, 2008, p. 338).

Quanto aos **estressores vivenciados na família**, outros estudos demonstram que tal contexto se constitui enquanto um cenário conflitante (PALUDO, 2011; NARDI; DELL'AGLIO, 2012; GOMES; PEREIRA, 2005; SOUZA; SILVA, 2015; COSTA; DELL'AGLIO, 2011). Deve-se pensar na família como uma estrutura que não está isolada do contexto histórico, econômico e social, mas como um microsistema em que se encontram presentes e se enfrentam os poderes macrosistêmicos da sociedade (FALEIROS; FALEIROS, 2008; BRONFENBRENNER, 2011).

Por fim, os **comportamentos de risco** referem-se às participações em atividades que podem comprometer a saúde física e/ou mental do sujeito. Na adolescência, muitas dessas condutas podem iniciar apenas pelo caráter exploratório, bem como pela influência do ambiente (relações entre pares, família, etc.); no entanto, caso não sejam identificadas e enfrentadas precocemente, podem levar à efetivação destas ações com significativas consequências nas dimensões individual, familiar e social da vida do jovem (FEIJÓ; OLIVEIRA, 2001).

A vivência de experiências adversas pode ter relação, até mesmo com a tentativa e a própria efetivação do suicídio. Isso foi identificado no levantamento de pesquisas epidemiológicas sobre suicídio de Prieto e Tavares (2005). De acordo com os autores,

A história de desenvolvimento emocional das pessoas que cometem ou tentam suicídio guarda similaridades, apontando para a elevada incidência de experiências adversas (*adverse life events*). Detectou-se história positiva para situações de violência física, sexual, negligência e rejeição na infância e adolescência. Há evidências de elevada incidência, nessa população, de mudanças frequentes em suas condições de vida: separações conjugais dos pais, trocas frequentes das pessoas responsáveis por seus cuidados; e comunicação pouco frequente e pouco satisfatória com os pais na adolescência. Esses aspectos apontam para uma relação com os pais marcada por dificuldades, expressas pela violência, pela instabilidade e pelo conflito (PRIETO; TAVARES, 2005, p. 152).

Essas constatações entram em concordância com dados da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2016) que apontam que o suicídio e a morte acidental por autoagressão foram a terceira causa de morte entre adolescentes em 2015, resultando em cerca de 67 mil óbitos. As “experiências adversas”, conforme denominam Prieto e Tavares (2005), podem afetar fortemente o bem-estar do ser humano, ao ponto de seus efeitos serem insuportáveis, conduzindo a pessoa, assim, ao suicídio. Além disso, os eventos estressores vão despontar outros resultados no desenvolvimento. O próximo item deste estudo visa apresentar as pesquisas que, além de identificar a presença e o impacto de eventos estressores na trajetória

dos participantes, investigam os resultados desenvolvimentais após a exposição a essas situações, isto é, as implicações de estressores no comportamento e na saúde mental de crianças, adolescentes e jovens.

3.2.3.1.2 Resultados desenvolvimentais após exposição a eventos estressores

A categoria final **Resultados Desenvolvimentais** ($f=15$) engloba as pesquisas que analisam as implicações da exposição a eventos estressores (fatores de risco) no desenvolvimento humano, que podem ocasionar, por exemplo, transtornos e problemas psicossociais. As evidências encontradas de resultados desenvolvimentais estiveram relacionadas a 6 (seis) variáveis, a saber:

- i. Problemas de saúde mental em geral ($f=2$): Benetti et al (2010) e Matos et al (2015).
- ii. Problemas depressivos ($f=2$): Pereira et al (2010), Abaid, Dell'aglio e Koller (2010).
- iii. Questões comportamentais: ajustamento, conduta social e problema de comportamento ($f=5$): Schneider e Pacheco (2010), Calcing e Benetti (2014), Morais, Koller e Raffaelli (2010) e Morais, Koller e Raffaelli (2012).
- iv. Transtornos de humor ($f=1$): Jansen et al (2014).
- v. Sintomas de *stress* ($f=1$): Kristensen, Schaefer e Busnello (2010).
- vi. Bem-estar subjetivo ($f=2$): Lima e Morais (2016) e Abreu et al. (2016).

Quanto a esses estudos, faz-se necessário destacar algumas observações: a pesquisa de Morais, Koller e Raffaelli (2012) avaliou o efeito moderador das características (tamanho e proximidade) da rede de apoio dos participantes sobre a associação entre eventos estressores e mau ajustamento. A pesquisa de Kristensen, Schaefer e Busnello (2010) desenvolveu algumas relações entre sintomas de *stress* e estratégias de *coping*. Ambos os estudos, portanto, não investigaram unicamente os resultados da exposição a vivências adversas, mas também alguns fatores (rede de apoio e estratégias de *coping*) que atuam como moderadores diante dos fatores de risco. Assim serão incluídas na última categoria referente justamente aos processos moderadores.

Antes de iniciar a discussão de cada uma das variáveis citadas anteriormente e apresentar os respectivos estudos encontrados na revisão, torna-se importante salientar que, por desenvolvimento humano, entende-se o "conjunto de processos através dos quais as particularidades da pessoa e do ambiente interagem para produzir constância e mudança nas características da pessoa no curso de sua vida" (BRONFENBRENNER, 1996, p.191). Isso significa que, ao longo do desenvolvimento, existem interações entre fatores pessoais e

ambientais que vão influenciar nas peculiaridades das pessoas. Nessa perspectiva, não se pode falar em desenvolvimento humano sem levar em consideração as características biopsicológicas do ser humano (talentos, habilidades, deficiências, temperamento, etc.) e os diversos níveis ambientais do qual ele participa e está inserido, que vão desde os contextos mais imediatos, tais como a família e a escola, até aqueles mais remotos, tais como as instituições governamentais e os padrões culturais (BRONFENBRENNER, 1996; 2011; PAPALIA; FELDMAN; 2006).

Existem diversas possibilidades para o desenvolvimento percorrer, sendo essa diversidade a melhor ilustração da existência de uma plasticidade no desenvolvimento humano ao longo da vida, como consequência das interações entre um indivíduo e um mundo em transformação (FONSECA, 2007). Assim, devem-se analisar os fatores que podem de alguma forma influenciar negativamente o desenvolvimento e discutir os resultados que essa exposição pode gerar na vida das pessoas, entre eles estão os eventos estressores que podem ocasionar manifestações psicopatológicas diversas como sintomas depressivos, ansiedade e/ou transtornos psiquiátricos, que vão afetar a saúde mental do indivíduo (MARGIS et al, 2003).

A saúde mental foi definida pela OMS como “o estado de bem-estar no qual o indivíduo realiza as suas capacidades, pode fazer face ao stress normal da vida, trabalhar de forma produtiva e frutífera e contribuir para a comunidade em que se insere” (OMS, 2007, s/p). Na adolescência, a vivência de eventos estressores, sobretudo quando esse processo é cumulativo, intensifica as chances de manifestações psicopatológicas podem interferir na saúde mental. Experiências de violência, condições de desigualdades sociais, rompimentos de vínculos familiares, experiências de luto e doenças crônicas são algumas das situações caracterizadas como potenciais fatores de risco para ocorrências de transtornos mentais (BENETTI, 2010).

A ocorrência de situações traumáticas é apontada em duas pesquisas incluídas na revisão como fator de risco para a saúde mental. A primeira é de autoria de Benetti et al (2010) e procurou investigar as características das práticas familiares de socialização e cuidado, situações traumáticas ao longo do desenvolvimento e exposição a eventos de violência em 245 adolescentes estudantes da região metropolitana de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Foram encontradas associações entre situações estressoras a nível pessoal e problemas psicopatológicos em duas dimensões: a primeira é caracterizada por manifestações de sintomas de ansiedade, depressão, transtornos somáticos e obsessivos; enquanto que a segunda diz respeito aos comportamentos agressivos, uso de substâncias, conduta antissocial e delinquência.

O segundo estudo, de autoria de Matos et al (2015), avaliou a relação entre eventos estressores ocorridos na família no último ano e indicativos de problemas de saúde mental em 1075 crianças com idade escolar em duas escolas do Rio Grande do Sul. A pesquisa encontrou

associação entre quatro tipos de problemas (emocionais, conduta, hiperatividade e relações entre pares) com o relato de estressores experienciados no último ano no contexto familiar. Quanto aos problemas emocionais, os autores argumentam que crianças e adolescentes que vivenciam experiências estressantes têm um risco maior de apresentar problemas emocionais. Em relação aos problemas de conduta, destacam que fatores de risco contextuais podem ser preditores de comportamentos delinquentes e/ou de transtornos de conduta. No que tange à hiperatividade, a pesquisa salienta que “a ocorrência de eventos estressores na família pode causar impacto no rendimento escolar acarretando em dificuldades de concentração, problemas de memória e principalmente comportamento hiperativo” (MATOS et al, 2015, p. 2161). Por fim, no que concerne às relações entre pares, os autores comentam que as dificuldades no relacionamento com irmãos e colegas podem se constituir como estressoras em si.

A produção científica em saúde mental, em especial, na adolescência tem se ampliado continuamente, o que indica que as investigações têm se voltado aos quadros psicopatológicos e fatores a eles associados. Há um crescente interesse no entendimento e identificação de quadros clínicos e também no delineamento de pesquisas relacionadas ao atendimento dos casos. No entanto, mesmo tendo em vista esses aspectos, a produção nacional em saúde mental na adolescência precisa de maiores investimentos nos objetivos de intervenção e prevenção (BENETTI et al, 2007).

Os problemas depressivos, em específico, também apareceram em duas pesquisas identificadas na revisão como resultados da exposição a eventos estressores, a saber: Pereira et al (2010) e Abaid, Dell’aglio e Koller (2010).

Pereira et al (2010) procurou estimar a prevalência de depressão gestacional em uma amostra de 120 gestantes adolescentes atendidas em uma unidade básica de saúde do Rio de Janeiro e os principais fatores de risco associados. Alguns eventos estressores vivenciados no último ano de vida das jovens demonstraram associação à depressão durante a gravidez, tais como: episódios depressivos anteriores à gravidez, sangramento anômalo e hospitalização na atual gravidez, história de acidentes, incêndios ou catástrofes e violência contra a mulher, sobretudo os maus-tratos durante a vida. Os autores afirmam que “por trás da presença de depressão em gestantes adolescentes, está outro problema: a própria gravidez na adolescência e sua alta frequência em países de baixa renda como o Brasil” (PEREIRA et al, 2010, p. 221).

Esses dados entram em concordância com pesquisas complementares encontradas na literatura, tanto em um estudo que identificou prevalência de depressão na gravidez (FREITAS; BOTEAGA, 2002) quanto em outra pesquisa que apontou a associação entre gravidez precoce e condição de vulnerabilidade social na adolescência (FONSECA; MELCHIORI, 2010)

Na pesquisa de Abaid, Dell'aglio e Koller (2010), com 127 crianças e adolescentes de 7 a 16 anos que viviam em abrigos de proteção, foram identificados eventos se caracterizando como preditores da depressão, como problemas com professores e com pares e afastamento de um dos pais. Ademais, o evento “sentir-se rejeitado por colegas e amigos” apresentou-se como um potencial preditor de sintomas depressivos.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2014), a depressão é a causa central de doenças e de inaptidão entre adolescentes com idades entre 10 e 19 anos. Nesta faixa etária, os transtornos mentais aparecem como um dos principais problemas enfrentados na adolescência. A agência afirma que “pessoas que passaram por eventos adversos durante a vida (desemprego, luto, trauma psicológico) são mais propensas a desenvolver depressão” (OMS, 2017, [s/p]).

Quanto às relações entre eventos estressores e questões comportamentais (ajustamento, conduta social e problema de comportamento) as pesquisas de Schneider e Pacheco (2010), Calcing e Benetti (2014) e Morais, Koller e Raffaelli (2010) identificadas na revisão apresentam importantes contribuições.

O estudo de Schneider e Pacheco (2010) foi composto por 144 jovens estudantes de escolas públicas de Porto Alegre e identificou que os adolescentes que vivenciaram a situação “ser xingado ou ameaçado verbalmente” apresentaram média maior para comportamentos antissociais e comportamentos caracterizados pela dificuldade em identificar seus próprios erros e por um padrão persistente de ações negativas, hostis, vingativas e desafiadoras à figura de autoridade (Comportamentos de Desafio-Oposição – CDO). Além disso, a intensidade percebida dessa mesma situação demonstrou correlação positiva com comportamentos antissociais. Já entre os adolescentes que vivenciaram as situações “sofrer agressões física ou ameaça de agressão por parte dos pais” e “sofrer castigos e punições” apresentaram médias maiores quanto a CDO. No mais, o impacto percebido do último evento apresentou correlação significativa para CDO. De acordo com os autores, esses dados sugerem relação entre abuso psicológico e físico e o desenvolvimento de problemas de comportamento na adolescência.

A pesquisa de Calcing e Benetti (2014), com 41 crianças e adolescentes de ambos os sexos, com idade de 7 a 18 anos, em acolhimento institucional, também identificou resultados semelhantes, sendo que as meninas com comportamentos externalizantes (agressividade, uso de substâncias, conduta antissocial e delinquência) apresentaram média significativamente maior na intensidade percebida dos eventos estressores se comparada com a dos meninos. Para as autoras, a trajetória de vida de crianças e adolescentes institucionalizados é marcada por vivências traumáticas, o que exige das instituições de acolhimento uma equipe técnica

preparada para lidar com esses sujeitos, de modo a realizar um trabalho especializado para as questões de prevenção e intervenção em saúde mental.

O estudo de Morais, Koller e Raffaelli (2010) teve dentre seus objetivos avaliar a associação entre eventos estressores e indicativo geral de mau ajustamento em dois grupos de adolescentes, com idades entre 11 e 18 anos, em situação de vulnerabilidade social: G1 – Grupo em situação de rua; G2 – Grupo que vivia com a família. As correlações entre o número e o impacto de eventos estressores com o indicador geral de mau ajustamento indicaram, nos dois grupos, que, quanto maior o número de eventos estressores, maior o mau ajustamento. O maior impacto, por sua vez, demonstrou-se correlacionado apenas no grupo de adolescentes com base familiar. Esses resultados, de acordo com os autores, comprovam a hipótese do efeito cumulativo do risco, segundo a qual, quanto maior o número de riscos enfrentados, maior será a probabilidade de problemas de ajustamento.

Os transtornos da conduta identificados nessas pesquisas abrangem os comportamentos de risco que podem comprometer a saúde física e mental do adolescente, como o uso de substâncias, violência, agressividade e violação de normas e regras sociais (CRUZEIRO et al, 2013). No entanto, isso precisa ser analisado à luz das exposições a ambientes desfavoráveis, bem como da carência de desfechos favoráveis no decorrer na infância e adolescência, que podem aumentar as probabilidades do desenvolvimento de problemas comportamentais (VILHENA; PAULA, 2017).

No que concerne aos transtornos de humor, a pesquisa de Jansen et al (2014) buscou identificar associações entre eventos estressores e transtornos de humor em uma amostra comunitária de 1172 jovens com idades entre 18 e 24 anos do Rio Grande do Sul. As categorias de eventos estressores que apresentaram associações estatísticas significativas com alteração de episódios de humor foram: perdas do suporte social, família, dificuldades pessoais e finanças. A média de eventos estressores foi maior, respectivamente, entre os jovens com episódios de humor misto atual¹³ e entre aqueles com episódios depressivos atual. Os autores argumentam que a maior ocorrência de eventos estressores entre os jovens adultos em episódios mistos

¹³ Os episódios de humos estão divididos em quatro grupos: 1) **Episódio depressivo maior**: Caracteriza-se por um período mínimo de duas semanas, durante as quais há um humor deprimido ou perda de interesse ou prazer por quase todas as atividades; 2) **Episódio Maníaco**: Refere-se a um período distinto, durante o qual existe um humor anormal e persistentemente elevado, expansivo ou irritável; 3) **Episódio Misto**: Diz respeito a um período de tempo (no mínimo 1 semana) durante o qual são satisfeitos os critérios tanto para Episódio Maníaco quanto para Episódio Depressivo Maior, quase todos os dias; 4) **Episódio Hipomaníaco**: é definido como um período distinto, durante o qual existe um humor anormal e persistentemente elevado, expansivo ou irritável, com duração mínima de 4 dias.

Disponível em: < <https://www.psiquiatriageral.com.br/humor/eh.htm>>. Acesso em: 03 jan. 2018

sugere a possibilidade de relação entre a frequência de eventos estressores e a gravidade dos sintomas, uma vez que tal episódio apresenta mais intensidade e acarreta grande prejuízo para o funcionamento do indivíduo.

Vale destacar que outra pesquisa brasileira (ANDRADE et al, 2002) também encontrou a prevalência de transtornos de humor em jovens residentes do estado de São Paulo. Da amostra total, 45,9% apresentaram pelo menos um diagnóstico de transtorno mental ao longo da vida, 26,8% no ano e 22,2% no mês anterior à pesquisa. Entre os distúrbios mais frequentes, apresentou-se em primeiro lugar a dependência de nicotina e em segundo, justamente, os transtornos de humor. O estudo verificou que, ao longo da vida dos participantes, houve a prevalência de 18,5% de transtornos de humor, sendo a depressão o transtorno de humor mais comum, expresso em 16,8% da amostra.

A revisão também possibilitou identificar dois estudos sobre eventos estressores e bem-estar subjetivo. Abreu et al (2016) investigou a relação entre eventos estressores, senso de comunidade e bem-estar subjetivo em 757 alunos, com idades entre 9 e 18 anos, de escolas públicas de 7 municípios do Ceará. Os resultados indicaram que estudantes de contextos urbanos estiveram mais expostos ao estresse cotidiano e apresentaram menores níveis de satisfação com âmbitos específicos da vida. A segunda investigação que trata do mesmo assunto é de Lima e Moraes (2016) que buscou caracterizar o bem-estar subjetivo de 111 crianças e adolescentes a fim de compreender os fatores a ele associados (idade, sexo, eventos estressores e rede de apoio). Entre os resultados, destaca-se que os altos níveis de afetos positivos indicaram que, mesmo após a vivência de eventos estressores, não houve prejuízo na expressão emocional positiva dos participantes.

Todos os resultados descritos são possíveis implicações da exposição a eventos estressores, mas que podem sofrer influências de processos moderadores que atuam em situações de risco e favorecem o desenvolvimento positivo. Os estudos encontrados que tratam dessa relação serão apresentados no item seguinte.

3.2.3.1.3 Processos moderadores, fatores de risco e eventos estressores

Um terceiro foco temático entre as pesquisas está em compreender as relações existentes entre eventos estressores e **processos moderadores** ($f=12$) que podem amenizar, modificam, enfrentam e/ou ajudam a lidar com o risco, isto é, para além dos impactos desses eventos no desenvolvimento, estes estudos investigam os processos que atuam como moderadores e que podem atuar positivamente na vida dos sujeitos.

Neste item, de forma introdutória e complementar, utiliza-se Martins (2004) para discutir a mudança paradigmática acerca do conceito de risco, que inicialmente era compreendido de forma estática, sem levar consideração outros fatores que podem atuar como moderadores.

A autora comenta que, nessa primeira visão, o risco ao desenvolvimento estava alicerçado em uma matriz biológica que se detinha na disfuncionalidade biológica, visando a sua detecção em tempo oportuno a fim de evitar ou diminuir suas eventuais consequências negativas, traduzidas na morbidade ou mortalidade. O diagnóstico dos fatores de risco assentava-se em uma lógica prognóstica e antecipatória do desenvolvimento futuro. Se o risco biológico se tornou o primeiro a adquirir estatuto científico, nas duas últimas décadas dos anos 90, observa-se uma diversificação e amplitude acerca da compreensão, através do reconhecimento da complexidade interativa entre fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais que se inter-relacionam no risco (MARTINS, 2004).

Martins (2004) mostra a evolução deste conceito do intitulado “modelo simples de risco” para o “modelo complexo de risco”. O primeiro diz respeito às pesquisas que consideravam o risco de forma cristalizada, estática, causal e linear. O modelo complexo de risco envolve pesquisas que, além do risco, passam a investigar os processos que influenciam positivamente o desenvolvimento, por meio de variáveis que podem moderar, amenizar, mediar e/ou isolar o risco.

Esses fatores podem explicar, portanto, como diferentes indivíduos, submetidos à mesmas condições adversas, alcançariam resultados desenvolvimentais diversos, uma vez que são eles os responsáveis por fazer a mediação entre a experiência do risco e tais resultados. A mediação pode produzir um resultado positivo ou reduzindo/evitando um resultado negativo (MORAIS; KOLLER; RAFFAELLI, 2012).

Entre as evidências encontradas nesta revisão, identificaram-se os seguintes processos moderadores:

- i. **Estratégias de Coping** ($f=5$): São os esforços cognitivos e comportamentais que uma pessoa utiliza diante de demandas específicas, internas ou externas, que surgem em situações estressoras e que acabam sobrecarregando ou excedendo os seus recursos pessoais (DELL’AGLIO, 2000). Os estudos localizados que investigam essas estratégias são: Dell’Aglío e Hutz (2002a); Dell’Aglío e Hutz (2002b); Lopes e Loureiro (2007) e Kristensen, Schaefer e Busnelo (2010).
- ii. **Rede de apoio social e afetiva** ($f=3$): A rede de apoio social e afetiva refere-se à rede de relações próximas e significativas que os indivíduos estabelecem, as quais

representam o apoio percebido e recebido (BRITO; KOLLER, 1999). Encontrou-se a pesquisa de Morais, Koller e Rafaelli (2012) que trata especificamente da rede social e afetiva.

- iii. **Fatores de proteção** ($f=3$): Os fatores protetivos são “influências que modificam, melhoram ou alteram respostas individuais a determinados riscos de desadaptação” (POLETTI; KOLLER, 2011, p. 31). Foram identificadas 3 (três) pesquisas que investigam essa variável, a saber: Nardi, Jahn e Dell’Aglío (2014); Giacomoni, Souza e Hutz (2016); e Pesce et al (2004).

Destaca-se que o estudo de Nardi, Jahn e Dell’Aglío (2014) analisa separadamente três variáveis: eventos estressores, uso de drogas e expectativa de futuro. A expectativa de futuro é considerada um fator de proteção pessoal, no entanto não foram realizadas correlações entre expectativas de futuro dos participantes com os eventos estressores vivenciados. Os resultados a respeito dos eventos estressores da pesquisa já foram apresentados anteriormente no tópico sobre fatores de risco, assim sendo o estudo não será considerado nesta discussão.

- iv. **Resiliência** ($f=1$): A resiliência diz respeito “ao conjunto de processos sociais e intrapsíquicos que possibilitam o desenvolvimento de uma vida sadia, mesmo vivendo em ambientes não sadios” (PESCE et al, 2004, p. 135). O estudo de Pesce et al (2004), já citado anteriormente, discute a resiliência em conjunto com os fatores de proteção.

Todas essas pesquisas serão descritas e discutidas de acordo com cada uma dessas quatro categorias temáticas, iniciando-se pelas estratégias de *coping*.

Dell’Aglío e Hutz (2002a) investigaram as estratégias de *coping* utilizadas por 100 crianças com idades entre oito e 10 anos, de ambos os sexos, pertencentes ao estado do Rio Grande do Sul, frente a circunstâncias adversas e o seu estilo atribucional. As crianças relataram já ter vivenciado 100 eventos estressantes (44 crianças relataram dois eventos e 12 apenas um). Os resultados indicaram que as estratégias mais utilizadas diante dessas situações foram aquelas voltadas à busca de apoio social e de ações agressivas. Como estratégia alternativa, as crianças apontaram preferência pelos comportamentos de ação direta, que permitem eliminar o estressor ou modificar as características da situação estressante.

Em outra pesquisa realizada pelos mesmos autores (DELL’AGLIO; HUTZ 2002b), foram investigadas estratégias de *coping* em 215 crianças e adolescentes com idades entre sete e 15 anos. Assim como as crianças do estudo anterior, as crianças com idades entre sete e 10

anos desta pesquisa relataram a busca de apoio social como uma estratégia muito utilizada, enquanto que nos adolescentes de 11 a 15 anos houve uma preferência em utilizar estratégias de ação direta.

No estudo de Kristensen, Schaefer e Busnello (2010), com 220 adolescentes, de ambos os sexos, provenientes de uma escola da rede pública de Porto Alegre (RS), identificou-se que as estratégias de *coping* mais utilizadas pelos participantes foram autocontrole, afastamento e fuga e esquiva, e as menos utilizadas foram estratégias de confronto. Esses achados não corroboram com os resultados mencionados anteriormente da pesquisa de Dell’Aglío e Hutz (2002b). Kristensen, Schaefer e Busnello (2010) explicam que essa divergência pode ser explicada pelo fato de que a pesquisa avaliou as estratégias de *coping* utilizadas pelos adolescentes sem levar em consideração eventos estressores específicos, enquanto que na pesquisa de Dell’Aglío e Hutz (2002b) foram identificados os esforços empreendidos pelos indivíduos diante de um evento estressor particular.

A partir da correlação entre estratégias de *coping* e sintomas de stress, Kristensen, Schaefer e Busnello (2010) também identificaram que, entre os sujeitos que apresentaram mais sintomas de stress, as estratégias mais utilizadas foram: fuga e esquiva, suporte social, confronto e afastamento. De forma geral, os resultados desta pesquisa indicam que os adolescentes, diante de eventos estressores, tenderam a empreender esforços de regulação dos próprios sentimentos e ações, utilizar estratégias para evitar ou escapar do problema e empregar esforços cognitivos de desprendimento e minimização da situação.

Quanto à rede de apoio social e afetiva, especificamente, Morais, Koller e Raffaelli (2012) identificaram entre 98 crianças e adolescentes de Porto Alegre (RS) que a proximidade do contexto familiar agiu como um importante moderador do efeito do número de eventos estressores sobre o mau ajustamento, isto é, na presença de muitos estressores, quanto mais elevada for a proximidade com a família, menor o mau ajustamento.

A rede de apoio pode se configurar “como um mecanismo de proteção ao disponibilizar espaço para convivências saudáveis, aprendizagem, reforço de habilidades e de capacidades sociais e emocionais importantes para o desenvolvimento” (POLETTI; KOLLER, 2011, p. 36). Na pesquisa de Morais, Koller e Raffaelli (2012a), a família, em especial, apareceu como uma moderadora importante diante da frequência de estressores. É nesse contexto que o sujeito poderá encontrar apoio material (moradia, alimentação, roupas, etc.) e afetivo, sendo tais elementos essenciais para o pleno desenvolvimento da pessoa humana. Assim, outros estudos apontam a família como um importante componente da rede de apoio social e afetiva que atua

na prevenção e enfrentamento de fatores de risco (SOUZA; OLIVEIRA, 2011; NARDI; DELL'AGLIO, 2012; CASSOL; DE ANTONI, 2011; SOUZA; SILVA; NUNES, 2016).

Ainda sobre a terceira categoria final, torna-se importante destacar o estudo de Pesce et al (2004) que buscou analisar a relação da resiliência com eventos de vida desfavoráveis e fatores de proteção em uma amostra de 997 adolescentes da rede pública de ensino de São Gonçalo/RJ. Os resultados indicaram inexistência de associação da resiliência com todos os eventos adversos de vida investigados, sejam eles oriundos ou não de violência. Por outro lado, os fatores protetivos correlacionaram-se positivamente com os processos de resiliência, ou seja, os adolescentes com maiores evidências de processos de resiliência apresentaram níveis maiores de autoestima, possuíam uma boa supervisão da família, bem como uma boa relação interpessoal e a presença de apoio social, emocional e afetivo. Para os autores da pesquisa, esses resultados confirmam a hipótese teórica de que os fatores de proteção moldam esse constructo.

A resiliência é um conceito complexo, diversificado, contextual e dinâmico no qual os fatores protetivos têm a função de interagir com os eventos potencialmente estressores e acionar na pessoa em desenvolvimento “processos que possibilitem incrementar a adaptação e a saúde emocional” (POLETTI; KOLLER, 2008, p. 408). Os fatores de proteção, portanto, podem desencadear processos de resiliência, ou melhor, eles são as “fontes de resiliência” (WALSH, 2005, p.13). Estes, por sua vez, também devem ser tratados como processuais, nos quais diferentes fatores interagem entre si e alteram a trajetória do indivíduo, levando-o a experiências de cuidado, fortalecimento ou anteparo ao risco (POLETTI; KOLLER, 2008).

3.3. Considerações finais acerca da RSL

Esta Revisão Sistemática de Literatura teve por objetivo “*construir um panorama de pesquisas sobre eventos estressores no desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens brasileiros*”. O percurso metodológico adotado possibilitou a inclusão de 21 artigos relacionados à temática do estudo.

Neste quantitativo, observaram-se muitas peculiaridades dentro da literatura sobre o tema. O processo de caracterização inicial indica a presença de investigações ao longo dos últimos doze anos no Brasil. No entanto, os *lócus* desses estudos estão centrados na região Sul do país, que concentra aproximadamente 80% dos artigos. Assim, sugere-se que novas pesquisas possam ser desenvolvidas em outras regiões, sobretudo no Centro-Oeste e no Norte, já que não foram localizadas evidências em estados dessas áreas.

No mais, a revisão possibilitou identificar uma tendência do uso de técnicas quantitativas de coleta e análise de dados. Desse modo, também se sugere a utilização de metodologias qualitativas por possuírem um potencial de análise das interações entre fatores de risco e de proteção, bem como das percepções e significações que os sujeitos constroem acerca desses fatores. Outra tendência está em compreender estressores, sobretudo, na vida de adolescentes e crianças. Caso existam jovens nas amostras, a categoria “juventude” não é evidenciada na descrição dos participantes das pesquisas e nem nos objetivos gerais dos trabalhos.

Por outro lado, foi possível observar que os contextos de desenvolvimento e o perfil dos participantes dos estudos são diversos e abrangentes, que vão desde as escolas públicas, as famílias, as instituições de proteção, a comunidade e chegam, até mesmo, em crianças em situação de rua.

No que tange às análises dos objetivos gerais, pôde-se notar que as pesquisas sobre o tema podem ser reunidas em três grupos: 1. Aquelas que tratam das implicações dos eventos, sem relacioná-los com outras variáveis; 2. Os estudos que realizam relações entre estressores e resultados desenvolvimentais; e 3. As investigações que identificam os eventos estressores, mas que ao mesmo tempo analisam os processos que podem atenuar os seus efeitos.

Tanto os estudos incluídos na categoria “fatores de risco” quanto aqueles agrupados na categoria “resultados desenvolvimentais” descrevem de alguma forma as implicações dos eventos estressores no desenvolvimento. A diferença é que as pesquisas incluídas na primeira categoria identificam os eventos e o quanto eles foram percebidos como estressantes pelos participantes; já as investigações incluídas na segunda categoria descrevem de forma mais específica quais as consequências da exposição a fatores estressantes, relacionando-os a variáveis específicas. De modo geral, todos os estudos agrupados nestas duas categorias apontam que circunstâncias adversas podem influenciar negativamente o desenvolvimento. Entre os estudos incluídos na categoria “resultados desenvolvimentais”, observou-se certa unanimidade em identificar associações entre os eventos estressores e problemas de saúde mental e comportamentais. Os resultados das pesquisas indicam que vivências de experiências estressoras podem estar relacionadas à depressão, sintomas de ansiedade, transtornos somáticos e obsessivos, comportamentos antissociais, comportamentos agressivos, problemas de mau ajustamento, etc. Essas constatações apontam, em primeiro lugar, para a gravidade que algumas adversidades podem ocasionar na saúde dos indivíduos. Em segundo lugar, indicam que a infância, adolescência e juventude são etapas afetadas fortemente por uma série de adversidades e que necessitam, portanto, de atenção especial por parte das instituições. Em terceiro e último lugar, esses resultados demonstram a relevância de pesquisas sobre o assunto, de modo a

desvelar e compreender a dinâmica dos eventos estressores na vida de crianças, adolescentes e jovens.

Quanto, em específico, aos processos moderadores, verificou-se que eles estiveram relacionados, principalmente, às estratégias de *coping*. Entre essas estratégias, sobressaiu-se em duas pesquisas a busca por apoio social. Tal achado converge com aqueles encontrados na investigação identificada que tratou especialmente das relações entre rede de apoio e eventos estressores e que constatou o efeito protetivo do apoio social. No que concerne à pesquisa que avaliou os fatores de proteção e a resiliência, observou-se novamente a atuação da rede de apoio na modulação e construção do constructo na vida dos participantes. As relações próximas e significativas estabelecidas por crianças, adolescentes e jovens parecem, então, ser uma fonte abundante de processos protetivos.

Como sugestões para outras revisões, propõem-se, em primeiro lugar, a utilização das terminologias encontradas nos objetivos, equivalentes a “eventos estressores”. No mais, também se sugere a ampliação destes mesmos descritores para outros idiomas, a fim de abranger ainda mais o alcance das buscas e, até mesmo, a ampliação das bases de dados, já que se acredita que a inclusão apenas de estudos na língua portuguesa seja uma limitação deste estudo.

Também se defende a importância de incorporação da categoria “juventude” nas pesquisas, uma vez que dados recentes (WAISELFISZ, 2015; BRASIL, 2014; WAISELFISZ, 2014; WAISELFISZ, 2016; BORGES; CANO, 2014) têm demonstrado que, no Brasil, os jovens têm sido afetados por um contexto marcado pela desigualdade social e violência, que, como ficou evidenciado, podem se converter em potenciais eventos estressores.

Dada a comprovação dos impactos negativos desses eventos sobre desenvolvimento, que foram relacionados, principalmente, a problemas de saúde mental e de comportamento, conclui-se com a importância dessas investigações para a compreensão da infância, adolescência e juventude no Brasil e da realização de pesquisas futuras. De forma geral, acredita-se ser necessária a continuidade dessas investigações, levando-se em consideração os achados e as sugestões deste estudo de revisão.

4 ENTRE RISCO E PROTEÇÃO: EVENTOS ESTRESSORES NO DESENVOLVIMENTO DE ADOLESCENTES E JOVENS ESTUDANTES DE ESCOLAS PÚBLICAS DE BELÉM/PA.

Esta seção destina-se à apresentação dos resultados do estudo realizado em 8 (oito) escolas públicas de Belém - Pará sobre as interações entre fatores de risco (eventos estressores) e fatores de proteção na adolescência e juventude. A pesquisa desenvolveu-se como parte integrante de uma pesquisa maior intitulada *Violências contra crianças, adolescentes e jovens: percepções sobre risco e proteção e dinâmica de atuação das redes de proteção (escola, família e comunidade)* (SILVA, 2017), vinculada ao *Grupo de Estudos e Pesquisas em Adolescência, Juventude e Fatores de Vulnerabilidades e Proteção* (GEPJUV), coordenado pela Prof.^a Dr.^a Lúcia Isabel C. Silva.

4.1 Delineamento

Utilizou-se uma abordagem quanti-qualitativa, com delineamento descritivo e transversal. Os estudos quantitativos, em específico, buscam realizar inferências dedutivas sobre uma realidade objetiva. A amostragem, normalmente, é ampla e determinada por critérios estatísticos. Busca-se também a utilização de dados que representam uma população específica, através da coleta de informações por meio de questionários estruturados com questões fechadas, testes e *checklists* (PASCHOARELLI; MEDOLA; BONFIM, 2015).

A pesquisa qualitativa, por sua vez, é emergente em vez de ser rigorosamente pré-configurada, haja vista que inúmeros aspectos podem emergir durante um estudo qualitativo, o que pode alterar e redefinir as questões e os objetivos da pesquisa. O processo de coleta de dados também pode sofrer alterações à medida que o pesquisador adentra na realidade e identifica as melhores formas para entender o fenômeno central de seu interesse. Por se tratar de uma perspectiva holística, quanto mais complexos, interativos e abrangentes forem os dados coletados, maiores serão as possibilidades interpretativas (CRESWELL, 2007).

Torna-se necessário destacar que as abordagens quantitativa e qualitativa não se apõem, ao contrário, elas se complementam, uma vez que a realidade abrangida por ambas é dinâmica e interacional, excluindo qualquer dicotomia (MINAYO, 2001).

A diferença entre qualitativo e quantitativo é de natureza:

Enquanto cientistas sociais que trabalham com estatística apreendem os fenômenos apenas à região 'visível, ecológica, morfológica e concreta', a abordagem qualitativa

aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas (MINAYO, 2001, p. 22).

Assim, a adoção de métodos quanti-qualitativos pode contemplar uma diversidade de análises e interpretações de um mesmo fenômeno, a partir de inferências estatísticas e textuais que podem auxiliar e ampliar a visão do pesquisador a respeito de seu objeto de análise (CRESWELL, 2007).

4.2 Amostra Quantitativa

4.2.1 Caracterização dos Participantes

Participaram deste estudo 510 (quinhentos e dez) adolescentes e jovens estudantes de escolas públicas, selecionados de forma aleatória, sendo 54,9% do sexo feminino e 45,1% do sexo masculino, com idades entre 12 e 22 anos ($M= 15,38$; $dp=1,837$), em sua maioria, solteiros ($N=436$; 87,6%) e que não possuíam filhos ($N=487$; 97,6%). Os estudantes se declararam, respectivamente, pardos (56,8%), brancos (19,9%), negros (14,3%), amarelos (5,2%) e indígenas (3,4%). Apenas 2 (dois) estudantes (0,4%) informaram que eram de outras raças.

Quanto à origem, a amostra foi constituída por participantes que nasceram, principalmente, nos municípios de Belém ($N=300$), Ananindeua ($N=18$) e Castanhal ($N=6$). Destaca-se que 134 jovens não informaram sua naturalidade. Quanto ao local onde residiam os estudantes, destacaram-se os bairros do Guamá ($N=141$), Terra Firme ($N=56$), Curió-Utinga ($N=34$), Marco ($N=24$) e o Distrito de Icoaraci ($N=71$).

Além disso, os jovens informaram morar, especialmente, em casa própria ($N=370$; 79,9%) ou alugada ($N=81$; 17,5%), sendo suas famílias constituídas, sobretudo, por mãe ($N=382$; 77,2%), pai ($N=244$; 48%), irmãos/as ($N= 374$; 68,2%), avó e/ou avô ($N=141$; 27,7%), tios/tias ($N=127$; 24,9%), primos/as ($N=97$; 19,1%), padrasto ($N=67$; 13,2%) e madrasta ($N=16$; 3,1%).

Entre as mães, sobressaem-se as seguintes escolaridades: Ensino Médio Completo ($N=172$; 33,9%), Ensino Médio Incompleto ($N=102$; 20%), Ensino Fundamental Completo ($N=92$; 18%) e Ensino Superior Completo ($N=35$; 6,9%); já os pais apresentam, principalmente, as respectivas escolaridades: Ensino Médio Completo ($N=144$; 28,2%), Ensino Fundamental Completo ($N=94$; 18,4%), Ensino Médio Incompleto ($N=80$; 15,7) e Fundamental Incompleto ($N=49$; 9,6%).

É importante observar que, em sua maioria, os participantes afirmaram que suas famílias possuíam as seguintes rendas: **(a)** entre 01 e 02 salários mínimos: 68,9% ($N=326$); **(b)** entre 03 e 05 salários mínimos: 14,6% ($N= 69$); **(c)** a família não possuía renda: 10,8% ($N=55$). No mais,

dos 279 (54,7%) estudantes que informaram receber algum tipo de bolsa ou auxílio, 217 (43,5%) informaram que eram contemplados pelo programa Bolsa Família.

4.2.2 Local da pesquisa

O presente estudo quantitativo foi desenvolvido em **oito (08) escolas públicas de Belém/PA**, selecionadas por conveniência. As instituições foram informadas sobre a finalidade e os procedimentos a serem adotados na pesquisa. Logo em seguida, pediu-se o consentimento de cada uma delas e a assinatura do Termo de Concordância às Instituições (apêndice 04).

4.2.3 Instrumentos

a) Formulário de Informações Sociodemográficas (FIS) (apêndice 05):

Elaborado com base em alguns itens (1-2; 4-6; 16-17; 20; 22-24) do Questionário Juventude Brasileira (Versão Fase II; DELL'AGLIO et al. 2011) e tem por objetivo caracterizar aspectos pessoais e sociodemográficos dos participantes, tais como idade, sexo, série, número de irmãos, idade dos pais e com quem os adolescentes/jovens residiam.

b) Inventário de Eventos Estressores na Adolescência (IEEA – Versão Adaptada) (anexo 01):

No Brasil, diversas pesquisas têm utilizado o *Inventário de Eventos Estressores na Adolescência* (IEEA) (KRISTENSEN et al., 2004) para investigar eventos estressores no desenvolvimento de adolescentes (DELL'AGLIO; BORGES; SANTOS, 2004; DELL'AGLIO et al., 2005; BUSNELLO, 2009; SCHNEIDER; PACHECO, 2010; KRISTENSEN et al., 2004; BARACHO, 2013; PALUDO, 2008; BENETTI et al., 2010), enquanto que outros estudos fizeram algumas adaptações no instrumento para utilizá-lo com crianças e adolescentes (*Inventário de Eventos Estressores na Infância e Adolescência – IEEIA*) (POLETTTO; KOLLER; DELL'AGLIO, 2009; WATHIER; DELL'AGLIO, 2007; MORAIS, 2009; HABIGZANG; CUNHA; KOLLER, 2010; POLETTTO, 2007; MORAIS; KOLLER; RAFFAELLI, 2012).

O IEEA, em sua versão original, é composto por 64 itens na forma de eventos estressores e “permite identificar os eventos estressores ocorridos com os participantes e qual a percepção de impacto sobre cada um deles” (POLETTTO; KOLLER; DELL'AGLIO, 2009a, p. 457). Em cada item, em primeiro lugar, o participante deve indicar a presença ou ausência do evento ao

longo de sua trajetória de vida, marcando “sim” em caso de ocorrência ou “não” para eventos que nunca vivenciou. Isso permite verificar a frequência dos eventos na mostra, ou seja, o quanto eles foram experienciados (ou não) pelos participantes.

Logo após, em caso de ocorrência (sim), o sujeito deve informar em uma escala *Likert* de 5 (cinco) pontos o impacto atribuído aos eventos vivenciados, sendo: (1) Nada estressante; (2) Um pouco estressante; (3) Mais ou menos estressante; (4) Muito estressante, e (5) Totalmente estressante (POLETTI; KOLLER; DELL’AGLIO, 2009a).

A forma como os adolescentes e jovens percebem os eventos estressores deve ser levada em consideração, pois essa percepção pode assumir o papel de moderadora do processo de enfrentamento da adversidade juntamente com outros mediadores, tais como as características individuais do sujeito e o suporte afetivo e social percebido por ele em seus contextos de desenvolvimento. Por esse motivo, “o impacto dos eventos estressores vividos pelos participantes deve ser levado em conta” (POLETTI; KOLLER; DELL’AGLIO, 2009a, p. 461).

Nesta pesquisa, foram realizadas algumas adaptações no instrumento, com base em uma aplicação piloto realizada em uma turma de ensino médio (1ª etapa), de uma das escolas participantes da pesquisa, composta por 14 (quatorze) jovens com idades entre 18 e 22 anos, a fim de contextualizá-lo de acordo com a realidade do município de Belém.

O quadro 04 apresenta as adaptações culturais realizadas no inventário:

Quadro 04: Adaptações culturais realizadas no IEEA.

ITENS	SITUAÇÕES	ADAPTAÇÕES
5	Rodar de ano na escola	Reprovar de ano na escola
14	Ser levado (a) para a FEBEM	Ser levado (a) para uma instituição de medidas socioeducativas
58	Terminar o namoro	Terminar o namoro/noivado/casamento

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Esses ajustes foram realizados após:

- a) Terem sido observadas algumas inquietações dos estudantes a respeito de alguns termos que não faziam parte de sua realidade local, tais como, as expressões “rodar” e “FEBEM”;
- b) identificarem-se quebras de vínculos afetivos que não se caracterizam como “namoro”, mas como “noivado” ou “casamento”.

Após essas alterações, deu-se início a aplicação dos inventários que compuseram a amostra quantitativa desta dissertação, a começar pela escola que permitiu a inserção anterior e, logo em seguida, as demais instituições. Destaca-se que os estudantes responderam aos instrumentos de forma coletiva no próprio espaço físico das escolas, nas salas de aula.

4.2.4 Procedimentos de Análise de dados

Os dados coletados através do FIS e do IEEA foram tabulados e analisados no programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 20.0, através de estatística descritiva, observando-se frequências e medidas de tendência central. Uma medida de tendência central de um composto “de dados fornece uma indicação de escore típico desse conjunto” (DANCEY; REIDY, 2013, p.64). Para este estudo, serão utilizadas as medidas de média (*M*) e desvio padrão (*dp*).

4.3. Amostra Qualitativa

A coleta dos dados qualitativos foi realizada através dos Grupos de Diálogo (GD). Tal metodologia, conhecida em outros países como *Choice Work Dialogue Methodology*, possibilita que um grupo de pessoas possa dialogar sobre um determinado tema. A duração da discussão varia de acordo com o tema e os objetivos a serem alcançados na pesquisa. A ideia central é de que o diálogo dure o suficiente para que informações possam ser disseminadas, de modo que a compreensão dos participantes seja ampliada e as falas qualificadas. A metodologia é utilizada, principalmente, na investigação de novas questões polêmicas ou, ainda, em pesquisas sobre questões já familiares em que uma conjuntura específica cria desafios que necessitam ser (re) conhecidos e debatidos (INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES SOCIAIS E ECONÔMICAS - IBASE; INSTITUTO PÓLIS, 2006).

Além do mais, a metodologia dos GD considera que o processo investigativo também é um processo de aprendizado em que os (as) participantes têm oportunidade de:

1. entrar em contato com novas informações;
2. estabelecer conexões entre saberes, experiências e circunstâncias pessoais com as informações que emergem do coletivo;
3. perceber conflitos e se engajar em um processo coletivo em que é possível apreender em que medida mudam as opiniões quando as pessoas têm acesso a informações e dialogam sobre um determinado assunto (IBASE; PÓLIS, 2006; SILVA, 2013; SOUZA; SILVA; NUNES, 2016).

A temática do debate deve ser apresentada pelas pessoas responsáveis por conduzir o processo de diálogo – os (as) facilitadores (as) –, com a ajuda de instrumentos metodológicos que têm como função expor o tema através de informações detalhadas e alternativas para se lidar com ele. A metodologia propõe que a temática do debate seja organizada em **Cenários Provocativos** que podem ser organizados em forma de textos, *slides*, *Power Point*, vídeos ou qualquer outro material informativo que seja capaz de provocar o diálogo (IBASE; PÓLIS, 2006).

Nesta pesquisa foi realizado um Grupo de Diálogo seguindo as seguintes etapas:

- 1) **Retorno à instituição:** Sob a coordenação da Prof.^a Lúcia Silva, o GEPJUV retornou, no dia 26 de outubro de 2017, a uma das escolas participantes da primeira etapa do estudo, selecionada por conveniência, a fim de verificar a possibilidade realização de 1 GD com os/as estudantes no próprio espaço físico da escola. A equipe foi muito bem recebida pela coordenação pedagógica da instituição, que concordou com a proposta, e pediram para que o grupo retornasse no dia 07 de novembro de 2017, às 9h, para realizar o GD.
- 2) **Preparação do Cenário Provocativo (apêndice 06):** Logo em seguida, procedeu-se à elaboração do Cenário Provocativo a ser utilizado como base à conversa com os/as estudantes. Este foi organizado em *Power Point* a partir de alguns resultados quantitativos levantados através do IEEA. O cenário teve por objetivo fomentar o debate entre os participantes acerca dos principais resultados da primeira etapa da pesquisa, bem como compreender suas percepções e significações sobre fatores de risco e fatores de proteção.
- 3) **Realização dos Grupos de Diálogo:** No dia 07 de novembro de 2017, às 9h, retornou-se à instituição, conforme havia sido marcado anteriormente. Foi selecionada pela Coordenação Pedagógica da escola uma turma de primeiro ano do ensino médio, com 32 estudantes, de ambos os sexos, sendo 14 do sexo masculino e 18 do sexo feminino, com idades entre 14 e 18 anos. Na turma, havia dois mediadores membros do GEPJUV (Prof.^a Lúcia Isabel e Mateus Souza) que conduziram o diálogo. Estes apresentaram a pesquisa aos/às estudantes e destacaram que, naquele momento, estavam sendo convidados a participar da segunda etapa do estudo que consistia, justamente, no Grupo de Diálogo. Antes de iniciar a gravação da entrevista, os/as estudantes foram informados/as da proposta da pesquisa, deixando-se claro todos os procedimentos (metodológicos e éticos) adotados e, também, de que a participação era voluntária. Outra informação importante dada aos/às participantes diz respeito ao integral sigilo e

anonimato de todas as informações pessoais prestadas. Após a concordância dos/as adolescentes em participar do Grupo de Diálogo, deu-se início à entrevista e a gravação das falas.

4) Transcrição e Análises: Nesta última etapa, a gravação da entrevista foi transcrita na íntegra e analisada com o auxílio da Análise de Conteúdo de Bardin (1977).

No mais, destaca-se que houve as seguintes modificações entre o planejamento e a execução do GD:

- i. **Alterações no número de GD:** De início, iriam-se realizar 2 (dois) GD, no entanto, após o primeiro GD, percebeu-se que as informações coletadas eram amplas, ricas e suficientes para alcançar os objetivos do planejamento inicial. O debate no grupo durou, aproximadamente, duas horas e os estudantes demonstraram interesse na discussão, o que possibilitou a composição de uma transcrição densa a ser analisada. Assim, levando-se em consideração o curto tempo para o término do prazo do mestrado, a quantidade de dados que compuseram a presente pesquisa e o detalhado processo de análise deste material, optou-se em manter apenas um GD.
- ii. **Alteração nas turmas:** De acordo com o planejamento inicial, “as turmas selecionadas serão, necessariamente, aquelas que responderam ao IEEA” (SOUZA; SILVA, 2017, p. 70), entretanto, a turma disponibilizada pela instituição no dia agendado não havia respondido ao IEEA. Apesar disso, optou-se em realizar o GD por compreender que: (a) mesmo que não tivessem participado da primeira etapa da pesquisa, os participantes poderiam expor suas percepções acerca dos resultados, já que também eram adolescentes e jovens belenenses e estudavam em uma das escolas públicas pesquisadas, assim, de alguma forma, os dados poderiam causar reflexões, já que dizem respeito a eventos comuns nas etapas de vida que os participantes estão vivenciando; (b) deve haver flexibilidade entre os procedimentos previstos na pesquisa e a dinâmica da escola; (c) a mudança metodológica não interferiu nos objetivos da pesquisa, dado que as falas dos participantes possibilitaram compreender percepções, significações e interações entre fatores de risco e fatores de proteção na adolescência e juventude.

4.4 Critérios éticos

O projeto de pesquisa do qual este trabalho faz parte foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEPSH) do Hospital Universitário João de Barros Barreto da UFPA (HJBB-UFPA), sob parecer n. ° 2.082.557 (anexo 02). Os participantes foram

informados sobre os procedimentos adotados na pesquisa e que sua participação era voluntária, garantindo-se o sigilo das informações pessoais e a possibilidade de desistência a qualquer momento do estudo. Logo em seguida, após a concordância, pedir-se-á para os maiores de 18 anos a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (apêndice 07). No caso de menores de 18 anos, solicitou-se a assinatura do documento por seu responsável legal e também do Termo de Assentimento (apêndice 08).

É importante destacar que os aspectos éticos seguem os princípios contidos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990).

4.5 RESULTADOS

4.5.1 Amostra Quantitativa

Os 15 (quinze) eventos estressores mais frequentes e impactantes na amostra total estão apresentados na tabela 05:

Tabela 05: Eventos estressores mais frequentes e impactantes para a amostra geral.

Evento estressor	Total (N)	Sim		Não		Quanto foi ruim (Média/Desvio Padrão)
		N	%	N	%	
Morte de outro familiar	506	361	70,8	145	28,7	4,00 (dp= 1,228)
Ter provas no colégio	498	355	69,6	143	28,0	2,21 (dp= 1, 405)
Discutir com amigos	506	353	69,8	153	30,2	3,12 (dp= 1,340)
Ter brigas com irmãos	508	337	66,3	171	33,7	2,91 (dp= 1,417)
Ter que obedecer às ordens de seus pais	503	329	64,4	174	34,6	2,10 (dp= 1,321)
Um dos pais ficar desempregado	507	301	59,4	206	40,6	3,49 (dp= 1,398)
Mudar de escola	506	272	53,8	234	46,7	2,73 (dp= 1,367)
Não ter dinheiro	501	271	54,1	230	45,9	3,11 (dp= 1,320)
Ser impedido de ir a festas ou passeios	508	261	51,4	247	48,6	3,28 (dp= 1,406)
Ter familiares com ferimentos ou doenças	507	253	49,9	254	50,1	3,50 (dp= 1,393)
Ser assaltado	500	252	49,4	248	49,6	3,93 (dp= 1,407)
Um dos pais ter filhos com outros parceiros	507	243	47,9	264	52,1	1,97 (dp= 1,272)
Separação dos pais	499	231	46,3	268	53,7	3,25 (dp= 1, 537)
Morte de amigo	504	218	42,7	286	56,7	3,98 (dp= 1,313)
Mudar de casa ou de cidade	507	215	42,4	292	57,6	2,99 (dp= 1,466)
Sofrer humilhações ou ser desvalorizado	503	153	30,4	350	69,6	3,80 (dp= 1,304)
Sofrer agressão física ou ameaça de agressão por parte dos pais	502	86	17,1	416	82,9	4,14 (dp= 1,466)
Morte de um dos pais	507	81	16,0	426	84,0	4,27 (dp= 1,344)
Ser rejeitado pelos familiares	499	80	16,0	419	84,0	3,85 (dp= 1,415)

Ser tocado sexualmente contra a vontade	501	72	14,4	429	85,6	4,28 (dp= 1,247)
Ser expulso da escola	500	41	8,2	459	91,8	3,83 (dp= 1,424)
Ter dormido na rua	506	36	7,1	470	92,0	4,23 (dp= 0,973)
Ser estuprado	499	35	7,0	464	93,0	4,65 (dp= 0, 917)
Fazer aborto / A namorada fazer aborto	501	26	5,2	475	94,8	4,71 (dp= 0,550)
Sem impedido de ver os pais	500	47	9,4	453	90,6	4,16 (dp= 1, 090)
Ser levado para uma instituição de abrigo	504	26	5,2	478	94,8	4,25 (dp= 1,189)

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Reitera-se que, no que concerne às médias apresentadas, deve-se considerar a escala *Likert* de 5 pontos presente em cada uma das 64 (sessenta e quatro) situações que compõem o IEEA, sendo: (1) Nada estressante; (2) Um pouco estressante; (3) Mais ou menos estressante; (4) Muito estressante, e (5) Totalmente estressante (POLETTI; KOLLER; DELL'AGLIO, 2009a). Isso quer dizer que quanto mais próxima de 5 (cinco) for a média, maior foi a percepção de estresse por parte dos jovens que vivenciaram as situações apresentadas.

Os eventos estressores “morte de outro familiar”, “ser assaltado” e “morte de amigo” são os únicos que ao mesmo tempo são mais frequentes e impactantes. Quanto à frequência, especificamente, oito eventos citados (“morte de outro familiar”, “ter brigas com irmãos”, “ter que obedecer às ordens dos pais”, “um dos pais ficar desempregado”, “ser impedido de ir a festas ou passeios”, “ter familiar com ferimento ou doença”, “um dos pais ter filhos com outros parceiros” e “separação dos pais”) foram vivenciados diretamente no microsistema familiar.

No que tange ao impacto, é preocupante observar que os três primeiros eventos mais estressantes (“Fazer aborto / A namorada fazer aborto”, “Ser estuprado” e “Ser tocado sexualmente contra a vontade”) envolvem a vivência da sexualidade dos participantes e que, duas destas situações, se configuram diretamente como violência sexual. Ainda sobre a intensidade, destacam-se novamente seis situações relacionadas à família (“Morte de um dos pais”, “ser impedido de ver os pais”, “sofrer agressão física ou ameaça de agressão por parte dos pais”, “morte de outro familiar”, “morte de irmão”, “ser rejeitado pelos familiares”).

No que diz respeito às análises por sexo, observa-se as seguintes frequências:

Tabela 06: Escore dos dez eventos mais frequentes por sexo.

Eventos Estressores	Feminino		Masculino	
	Frequência (f)	%	Frequência (f)	%
Ter que obedecer às ordens de seus pais.	188	69,37	135	60,26
Separação dos pais.	137	50,92	91	40,99

Ter problemas e dúvidas quanto às mudanças no corpo e aparência.	115	42,27	55	24,55
Ter dificuldades em fazer amizades.	108	40,00	59	26,45
Ter crise nervosa.	104	38,37	60	26,66
Sentir-se rejeitado (a) por colegas e amigos(as).	101	37,26	54	24,43
Sofrer castigos e punições.	96	35,29	100	45,04
Não receber cuidado e atenção dos pais.	93	33,94	49	21,68
Ser expulso (a) da sala de aula pelo/a professor/a.	91	33,70	106	45,53
Reprovar de ano na escola.	82	30,25	104	46,22
Ter amigos (as) com ferimentos ou doenças.	57	20,80	69	30,53
Envolver-se em brigas com agressão física.	36	13,33	62	27,67

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Os 10 (dez) eventos mais frequentes por sexo estão destacados em negrito na tabela, ou seja, existem dois eventos que estão entre os dez mais frequentes para as meninas, mas que não estão para os meninos, e vice-versa, a saber: a) Meninas: “Sentir-se rejeitado (a) por colegas e amigos(as)” e “Não receber cuidado e atenção dos pais”; b) Meninos: “Ter amigos (as) com ferimentos ou doenças” e “Envolver-se em brigas com agressão física”. Entre as meninas, os dois eventos estão relacionados à percepção de apoio por parte da rede social e afetiva, representada por colegas/amigos e pelos pais, já entre os meninos um dos eventos se refere às relações entre pares e o outro à violência física.

Além disso, é interessante observar que, para ambos os sexos, obedecer às ordens dos pais é o primeiro evento estressor mais frequente. Depois a frequência por sexo passa a ter a seguinte configuração, levando-se em consideração os cinco primeiros eventos: **a. Meninas:** 2. Separação dos pais ($f=137$; 50,92%); 3. Ter problemas e dúvidas quanto às mudanças no corpo e aparência ($f=115$; 42,27%); 4. Ter dificuldades em fazer amizades ($f=108$; 40%); 5. Ter crise nervosa ($f=104$; 38,37%); **b. Meninos:** 2. Ser expulso (a) da sala de aula pelo/a professor/a ($f=106$; 45,53%); 3. Reprovar de ano na escola ($f=104$; 46,22%); 4. Sofrer castigos e punições ($f=100$; 45,04%); 5. Separação dos pais ($f=91$; 40,99%). Ambos os sexos citaram a separação dos pais como uma situação frequente, apesar de ser mais comum entre as meninas.

A tabela 07, por sua vez, apresenta o impacto dos eventos por sexo:

Tabela 07: Escores médios de impacto de eventos estressores por sexo.

Eventos Estressores	Feminino		Masculino	
	Média (M)	Desvio Padrão (dp)	Média (M)	Desvio Padrão (dp)
Fazer aborto / A namorada fazer aborto.	4,857	0,378	4,647	0,606
Morte de um dos pais.	4,621	1,049	4,063	1,465
Ter dormido na rua.	4,231	1,235	4,227	0,813
Morte de irmãos (ãs).	3,833	1,579	4,000	1,394

Ter doenças graves ou lesões sérias.	3,750	1,320	3,511	1,359
Ter amigos (as) com ferimentos ou doenças.	3,706	1,301	3,182	1,380
Envolver-se em brigas com agressão física.	3,676	1,364	3,000	1,365
Reprovar de ano na escola.	3,638	1,486	3,000	1,568
Sentir-se rejeitado (a) por colegas e amigos (as).	3,615	1,317	3,135	1,428
Não receber cuidado e atenção dos pais.	3,556	1,483	3,174	1,510
Separação dos pais.	3,350	1,547	3,096	1,527

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Para ambos os sexos, o aborto aparece como o evento percebido como mais estressor. Depois o impacto por sexo passa a ter a seguinte configuração, levando-se em consideração os 5 cinco primeiros eventos: **a. Meninas:** 2. Morte de um dos pais ($M=4,621$; $dp=1,049$); 3. Ter dormido na rua ($M=4,231$; $dp=1,235$); 4. Morte de irmãos (ãs) ($M=3,833$; $dp=1,579$); 5. Ter doenças graves ou lesões sérias ($M=3,750$; $dp=1,301$); **b. Meninos:** 2. Ter dormido na rua ($M=4,227$; $dp=0,813$); 3. Morte de um dos pais ($M=4,063$; $dp=1,465$); 4. Morte de irmãos (ãs) ($M=4,000$; $dp=1,394$); 5. Ter doenças graves ou lesões sérias ($M=3,511$; $dp=1,359$).

As situações são praticamente as mesmas, no entanto, muda-se a percepção quanto ao impacto. Destaca-se também que, com exceção do evento “Morte de irmãos (ãs)”, a média de impacto para as meninas é mais elevada em todos os eventos apresentados.

4.5.2. Amostra Qualitativa

A Análise de Conteúdo possibilitou a composição de duas categorias finais a partir das falas dos estudantes, a saber: **Fatores de risco ao desenvolvimento** e **Fatores de Proteção ao desenvolvimento**. O processo de refinamento categorial está descrito no quadro 05:

Quadro 05: Processo de refinamento categorial do Grupo de Diálogo.

CATEGORIAS INICIAIS	CONCEITO NORTEADOR	CATEGORIAS INTERMEDIÁRIAS	CATEGORIAS FINAIS
<i>1. Ser assalto (f=2);</i>	Percepções negativas frente ao assalto.	Eventos Estressores <i>f= 18.</i>	FATOR DE RISCO AO DESENVOLVIMENTO <i>(f=18)</i>
<i>2. Morte de outro familiar (f=1);</i>	Apresenta os danos psicológicos causados pela morte de um familiar.		
<i>3. Discutir com amigos (f=2);</i>	Implicações no desenvolvimento após discussões entre os pares.		
<i>4. Violência Sexual (f=2);</i>	Engloba todas as situações e percepções acerca da violência sexual.		
<i>5. Negligência institucional diante da violência sexual (f=1);</i>	Tem relação com a falta de apoio institucional diante da violência sexual.		
<i>6. Ter provas no colégio (f=5);</i>	Reúne experiências e percepções negativas acerca das provas no colégio.		
<i>7. Separação dos pais (f=1);</i>	Tem relação com as influências negativas da separação dos pais no desenvolvimento do adolescente.		
<i>8. Problemas com a família em relação à orientação sexual (f=1);</i>	Abrange as tensões geradas na família em decorrência da orientação sexual do adolescente.		
<i>9. Falta de percepção de apoio e tensões na família (f=3);</i>	Envolve falta de percepção de apoio na família, bem como de situações conflituosas entre adolescentes e seus pais.		
<i>10. Apoio de amigos (f=4).</i>	Refere-se ao apoio dos amigos diante das adversidades.	Rede de Apoio Social e Afetiva <i>f= 4.</i>	FATOR DE PROTEÇÃO AO DESENVOLVIMENTO <i>(f=4)</i>

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Após apresentação do Cenário Provocativo, pediu-se para que os estudantes pudessem expor suas percepções acerca dos resultados encontrados. De modo geral, as falas dos jovens estiveram centradas em relatar os efeitos danosos dos eventos estressores em suas vidas e os significados que eles têm acerca de algumas situações apresentadas. Isso explicar o porquê da categoria final “Fator de risco ao desenvolvimento” ($f=18$) apresentar uma frequência maior se comparada à categoria “Fator de proteção ao desenvolvimento” ($f=4$). Esta, por sua vez, emergiu a partir das intervenções feitas pelos mediadores que instigaram os participantes a comentar não só os danos do risco ao desenvolvimento, mas também os fatores que podem (ou que efetivamente os têm ajudado) a enfrentá-los e/ou amenizá-los.

Os relatos serão apresentados com base em cada uma dessas categorias e, posteriormente, serão discutidos em conjunto com os dados quantitativos.

4.5.2.1 Eventos estressores como fatores de risco ao desenvolvimento: percepções, significações e implicações na adolescência e juventude

No Grupo de Diálogo, os jovens expuseram suas experiências acerca dos eventos estressores vivenciados, o que possibilitou compreender as implicações psicossociais dessas situações em suas vidas. Ao todo, foram discutidos 9 (nove) estressores, dos quais 7 (sete) já haviam sido identificados na amostra quantitativa e 2 (dois) emergiram durante os relatos. Todos serão apresentados a seguir.

a) Ser assaltado:

Dois adolescentes manifestaram interesse em compartilhar suas percepções acerca do assalto que vivenciaram:

Relato I

Mediador: Como foi tua experiência no assalto?

P1: Horrível.

Mediador: Como que aconteceu?

P1: [...] quando eu tava descendo, abrindo o portão, veio quatro caras armados. Quando eles entraram, eu fiquei de refém lá em baixo enquanto eles assaltavam a casa de baixo, subiram pra assaltar minha casa. Eu fiquei de refém com um ladrão armado lá em baixo, só eu e o meu primo.

Mediador: O que isso causou dentro de ti?

P1: Eu chorei muito depois que eu perdi meu celular.

Mediador: Depois da situação? Ok. Acabou o assalto. Como é que foi?

P1: Parecia que eu tava sendo perseguida o tempo todo na rua. Alguém entrava, por exemplo, eu fui no *cyber* outro dia, alguém tava numa moto, eu ficava o tempo todo olhando pra trás como se eu tivesse sendo perseguida por alguém.

Relato II

P2: Na parada de ônibus. Aí eu tava com dinheiro no bolso. Aí tava e uns amigos meus. Aí um moto-taxi do nada: “é um assalto”. Aí todo mundo saiu de lá. Aí, ele veio assim e puxou um facão. Aí:

- Passa, passa o celular.
- Que celular? Eu não tenho celular.
- Cadê o celular?

Meu primo veio lá de trás e deu o celular pra ele.

b) Morte de outro familiar:

A morte de um familiar é descrita no depoimento que segue de P3 como um evento muito estressante. Em seu relato, observa-se que os efeitos dessa situação podem reverberar em outros contextos de desenvolvimento na adolescência, como é o caso da escola.

P3:[...] Ele [o avô] já tava doente, ele tava em coma por causa da gastrite, parece, aí minha mãe até visitava ele às vezes, quando eu vi a minha irmã veio e simplesmente falou:

- O vovô morreu. A mamãe tá chorando.

Na hora, eu não tive reação, tipo, eu fiquei parada lá, aí eu comecei a chorar, comecei a chorar [...].

Aí eu fiquei chorando quase a noite toda porque toda vez que eu ia pra casa dele, ele sempre tava lá, eu sempre convivia com ele, mesmo que fosse pouco. Aí quando eu voltei pra escola, isso foi difícil porque quase não saía da minha cabeça, né, eu só pensava naquilo e atrapalhou um pouco os meus estudos. Aí eu acabava chorando na escola, as minhas amigas me ajudavam. Mas foi uma situação muito difícil porque é uma pessoa que a gente ama morre, aí só pensa naquilo e atrapalha as outras coisas que a gente tem que conviver. Mas foi bem estressante mesmo.

c) Falta de percepção de apoio e tensões na família:

Neste estudo, identificaram-se algumas situações que aconteceram no contexto familiar e que influenciaram negativamente nas percepções que os jovens têm acerca da família. Elas estiveram relacionadas, sobretudo, à falta de diálogo entre os adolescentes e seus pais.

Relato I

P2: [...] os familiares eles não entendem o que tu tá passando e acabam que julgando mais do que as pessoas que não são da tua família, aí a pessoa acaba sendo mais machucada por esse jeito que tá sendo tratado desse jeito por um próprio familiar, então procura geralmente a ajuda dos amigos, eu sempre enfrento isso, eu procuro ajuda dos meus amigos, porque meus pais não me entendem.

Relato II

P4: [...] nossos pais não entendem a gente, porque o que eles viveram antes é o que a gente vai viver hoje ou então o mundo tá muito diferente porque eles viveram antes, mas com o tempo tudo vai se evoluindo [...].

Então parece que eles são tipo focado mais no que eles viveram antes, como eram antes, não no presente, então por isso que os nosso pais muitas das vezes eles se espantam sim pra entender a gente, mas talvez o passado deles não deixa eles entenderem um pouco do que a gente tá vivendo.

c) Discutir com amigos:

Nos relatos abaixo de P5 e P6, observa-se que o estresse pode influenciar no controle emocional do adolescente e, conseqüentemente, em suas relações com os amigos.

Relato I

P5: Eu me estresso muito rápido. Não consigo controlar, entendeu? A pessoa vai me estressando, vai me provocando, né? Aí, eu não consigo me controlar.

Relato II

P6: Eu cheguei a discutir com amigos. Eu sou meio estourada na minha vida. A maioria dos meus amigos, eu não chego a discutir, mas quando eu chego a discutir, eu discuto muito.

d) Violência Sexual:

Nos relatos que seguem de P4 e P7, nota-se a crueldade da violência sexual na adolescência, que causa indignação em P4 e muito medo e tensão em P7.

Relato I

P4: Recentemente, uma moça fazia dava carona e um rapaz teve, estuprou ela, ela foi dar carona pra ele. [...] ela tava indo pra casa do namorado dela e eu ouvi um comentário que falaram o que:

- Essa menina é burra! Tava dando carona pra desconhecido.

Ela tá fazendo o bem, ela tá ajudando ao próximo, ela não queria nada em troca porque ninguém pagava ela pra dar carona. Então, é o que eu sempre me pergunto: até quando vamos ser acusadas, quando somos vítimas.

Relato II

P7: Já aconteceu isso comigo de um cara mandar mensagem pra mim me ameaçando, se eu não enviasse uma foto nua, ele ia fazer montagem minha e ia postar em todas as redes sociais e ele bateu um *print* do Facebook dele sendo que ele tava em um bocado de grupo de homens e se eu não mandasse ele ia postar várias fotos minhas.

Aí eu peguei, fiquei com muito medo, muito medo, não cheguei a fazer isso, eu comecei a chorar. Falei: “Meu Deus, me ajuda! O que eu vou fazer?” Aí eu peguei e contei pra minha prima. Aí a minha prima pegou e falou: “pera aí. A gente vai já resolver esse assunto”. Foi que o meu primo *hackeou* o celular desse cara e descobriu que esse cara é de São Paulo, ele não é de Belém. Ele disse que conhecia a minha família, se eu contasse pra alguém, ele ia matar o pessoal da minha família. Ele falou um bocado de coisa. Começou a me ameaçar muitas vezes, aí foi que eu levei o celular na polícia. Eles tentaram rastrear o celular, só que esse número tava registrado no chip de São Paulo [...].

e) Ausência de apoio institucional diante da violência sexual:

Observou-se no Grupo de Diálogo que a falta de apoio institucional no que concerne à violência sexual também pode se configurar como uma adversidade:

P7: Só que a gente procura a polícia, nem sempre a polícia resolve essas coisas assim, eu acho muito errado isso, porque a gente procura refúgio, a polícia tentar que achem esse cara, mesmo assim eles deixem de lado esse caso, sei lá. É muito ignorado.

f) Ter provas no colégio:

Em sua totalidade, as provas no colégio demonstraram-se estressantes por estarem relacionadas às cobranças feitas na família para que os adolescentes tirassem boas médias.

Relato I

P2: [...] já aconteceu isso comigo várias vezes: me esforçar pra fazer uma prova, eu tirar uma nota e meus pais não gostarem e começarem a me criticar por causa disso, até mesmo quando a nota é vermelha, apesar de me esforçar muito, apesar de ter a minha dificuldade de tentar superar ela, apesar de tudo isso, e acabar tirando uma nota vermelha, o meu esforço não valeu de nada se a minha nota não foi boa. Aí pra eles é como se o meu esforço besteira, o que importasse realmente fosse a prova, aí isso me deixa muito estressado, muito estressado, às vezes, eu não consigo fazer a prova pensando no que vão achar do resultado dessa prova.

Relato II

P2: Tu tira essa nota não boa e eles ficam estressados com isso e tu fica triste, aí eles te cobram pra tirar uma nota boa e no outro semestre, aí, tu consegue tirar aquela nota boa, aquele dez valendo. Chega lá:
- Olha aqui, Mãe.
- Não fez mais do que a tua obrigação.

g) Separação dos pais:

Na fala que segue de P4, pode-se notar que a separação dos pais afetou sua participação no ambiente escolar. Segundo P4, a situação influenciou negativamente em suas notas e em suas relações com os colegas de sala.

P4: Isso me afetou muito nos meus estudos, eu não queria prestar atenção na aula. Aí isso me atingiu bastante, e eu não posso, não tenho mais como mudar isso porque isso já vem acontecendo já faz uns tempos. As minhas médias já estão todas baixas, aí eu não tenho mais como mudar isso.

Aí eu sempre falo pra ele [olha para o colega de sala que está ao lado]: “é mais um ano que eu vou continuar no primeiro ano porque eu já sei como vai ser daqui pra frente. Um milagre não vai acontecer”.

Mediador: Já repetiu de ano?

P4: Não. Nunca repeti de ano, aí eu sempre falo, porque eu sei como tá a minha situação na escola, porque me afetou muito, me atingiu muito. [...] isso me afetou e tá fazendo com que eu tire notas baixas, eu não tenho vontade de ficar em casa. Já nem abro meu caderno. Só chego lá, deixo minhas coisas, depois eu saio.

Isso me causou muito transtorno psicológico, me afetou muito. Então têm certas coisas que eu não consigo mais relevar. Tá numa sala de aula, mas eu prefiro sair pra não me estressar, pra mim não fazer besteira que foi o que aconteceu recentemente, eu me estressei aqui na sala, e eu tratei ele mal, e pra mim não continuar tratando os outros mal, eu fui embora, entendeu? Então, o que acontece na casa, família, assim, causa muito transtorno psicológico, faz a gente parar um pouco o que a gente fazendo.

h) Problemas com a família em relação à orientação sexual:

As tensões na família que envolvem a orientação sexual na adolescência são percebidas por P2 como um evento estressor.

P2: Ela gosta dos dois lados, entendeu? Ela é bissexual. E ela tem um problema muito grande em falar para os pais dela, porque os pais dela não entendem. Ela tenta falar, jogar várias indiretas, mas nunca entendem, e ela tem certeza que não aceitariam se ela falasse. Isso acaba sendo um evento estressante, né? Por exemplo, eu não sou gay, mas eu acho vários homens muito bonitos, muito atraentes e tudo mais, mas se eu falasse isso para o meu pai, ele com certeza não ia gostar disso, apesar de eu não ser homossexual, mas eu achar homens bonitos.

4.5.2.2. Relações entre pares como fator de proteção ao desenvolvimento.

Durante o Grupo de Diálogo, os adolescentes citaram os amigos como a principal fonte de ajuda e apoio para lidar com estressores. Questionou-se se eles recebiam suporte semelhante de outros contextos, tais como igreja, escola, grupos comunitários, etc., no entanto, os estudantes que responderam à questão foram unânimes em citar as amizades como fator protetivo.

Relato I

P3: A maioria da ajuda [após vivenciar a situação “morte de família”] é com os amigos porque a família também já tá bastante abatida, então não tem um apoio pra gente se sentir melhor porque eles também não têm isso, então a maioria do apoio vem de amigos, a maioria das vezes, vem de amigos, porque aí a gente convive com eles depois disso e eles chegam a fazer qualquer coisa pra gente se sentir melhor, seja uma piada sem graça, sair, passeio, sei lá.

Mediadora: Tu tiveste esse apoio?

P3: Tive. Porque, quando eu fui pra escola, depois que isso aconteceu, acho que foi numa segunda feira, antes do aniversário da minha mãe, que era pai dela, aí depois eu fui pra escola, fui pra escola, não deixei de ir nenhum dia e quando eu cheguei lá, meus amigos ainda não tinham chegado, e assim que eles chegaram, tipo, eu contei pra eles e eles me abraçaram. Todos eles me abraçaram (estudante fica emocionada e começa a chorar).

Relato II

P2: Fora dessa questão de morte de familiar, outros problemas, eu acho que quase todos desses aí, desses vários que tem, vários jovens procuram sempre a ajuda quase que sempre dos amigos [...].

Relato III

P7: Eu tive recentemente uma decepção, que foi algo que me marcou muito. Eu vinha pra escola, cheguei a chorar e eu contei muito com o apoio de alguns amigos que eu não tive coragem de falar pra ninguém da minha família, ninguém sabe, mas eu contei pra alguns amigos e eles me ajudaram muito que foi, eu não queria mais saber mais de nada. Aí eles me ajudaram muito. Foi algo muito maravilhoso.

Relato IV

P4: Tô passando algo na minha família, na minha casa que eu não quero falar pros outros, eu tô passando, não fico expondo, apenas uma pessoa percebeu isso que foi o [olha para o lado e diz o nome de um colega de sala], só que nem ele sabe porque eu não contei pra ele, mas eu sei que eu preciso dele e ele precisa de mim, assim como nós precisamos uns dos outros.

4.6 Discussão

Este estudo buscou compreender as implicações da exposição a eventos estressores no desenvolvimento de adolescentes e jovens estudantes de escolas públicas e as possíveis interações entre fatores de risco (eventos estressores) e de fatores de proteção. De início, os eventos estressores foram identificados através da aplicação do IEEA. O instrumento também permitiu analisar o impacto atribuído pelos participantes aos estressores vivenciados,

considerando a escala *Likert* de 1 (nada estressante) a 5 (muitíssimo estressante). Logo em seguida, com o estudo qualitativo, puderam-se compreender as percepções e significações que os jovens têm acerca de algumas dessas situações, bem como identificar fatores de proteção ao desenvolvimento.

Os dados levantados através do IEEA demonstraram que os eventos relacionados à perda de pessoas significativas se configuraram como muito frequentes e estressantes. A perda de uma pessoa significativa também foi um dos eventos estressores mais frequentes no estudo de Poletto, Koller e Dell’Aglío (2009), Dell’Aglío et al (2005) e Giacomoni, Souza e Hutz (2016); e um dos mais frequentes e impactantes no estudo de Souza, Silva e Nunes (2016).

Souza, Silva e Nunes (2016) buscaram investigar percepções sobre a família e eventos estressores em adolescentes e jovens que também eram estudantes de escolas públicas de Belém do Pará. Trata-se de um estudo com duas amostragens, sendo a primeira composta por 650 participantes, com idades entre 13 e 24 anos, de ambos os sexos, que responderam a um amplo questionário sobre fatores de risco e de proteção formado por diversas variáveis referentes à juventude, tais como, questões relacionadas à educação, trabalho, violência, expectativa de futuro, autoestima, eventos estressores, entre outros. A segunda amostra foi constituída pelas percepções de 15 estudantes acerca dos dados anteriores referentes especificamente a eventos estressores. Os resultados indicaram que em uma lista de vinte eventos, o acontecimento “alguém muito importante pra mim faleceu” foi o terceiro mais frequente e o primeiro mais estressante, sendo que a média de impacto para a amostra total foi superior a quatro, o que demonstra que a situação foi quase considerada como “horrrível” pelos jovens. No que tange às percepções, a pesquisa constatou que tal evento foi o único que causou forte emoção durante um dos relatos, sendo descrito como causador de intensas sensações ruins. Tal percepção e comportamento são semelhantes àqueles apresentados por P3 no Grupo de Diálogo.

O mistério da morte pode gerar sofrimento psicológico e ocasionar dores físicas e emocionais. Trata-se de um fenômeno desencadeador de sensações de fragilidade, não só para quem está encerrando o ciclo vital, mas também para aqueles que compõem a rede de relações da pessoa, como familiares e amigos (BASSO; WAINER, 2011). Esses aspectos podem ajudar na compreensão dos motivos pelos quais as médias dos eventos estressores relacionados à morte foram tão elevadas, já que as perdas aconteceram exatamente no contexto familiar e entre as relações de amizade.

Diante da perda de uma pessoa significativa, o indivíduo pode experimentar sentimentos que extrapolem os seus limites psíquicos, podendo afetar suas atividades ocupacionais cotidianas. Nessas situações, a pessoa pode apresentar uma variedade de reações que têm

relação com a percepção e a severidade do evento no desenvolvimento (SOUZA; CORRÊA, 2009). Isso nos remete ao depoimento de P3 no Grupo de Diálogo, haja vista que uma situação que aconteceu na família interferiu diretamente nas atividades e nos processos de socialização da jovem no contexto escolar.

Além do mais, precisa-se compreender os resultados encontrados a partir dos elementos culturais que envolvem o luto, uma vez que a morte está carregada de significados macrossistêmicos que variam em diferentes contextos, de acordo com os padrões culturais, as religiões e os credos. Nesse sentido, as altas intensidades atribuídas pelos jovens às experiências de luto podem estar imbricadas com os significados externos e culturais que são internalizados e ressignificados pelos indivíduos ao longo da vida (COMBINATO; QUEIROZ, 2006). Em cada sociedade existem “valores e características sobre o conceito da finitude humana, acabando por refletir nos rituais da morte e do morrer, que são itens bastante relativos diante da diversidade, tornando-se características peculiares dos povos” (SOUZA; CORRÊA, 2009, p. 36).

Outra adversidade que também se apresentou como muito corrente foi “ser assaltado”. No Grupo do Diálogo, os relatos de P1 e P2 descreveram como a situação se configurou em suas trajetórias. P1 relata que ficou de refém enquanto assaltavam sua casa. Nota-se, então, que o evento não atingiu apenas a pessoa, mas o seu contexto de desenvolvimento, sendo, neste caso, a família o alvo da situação. Logo em seguida, P1 afirma que ficou com a sensação de que estava sendo perseguida em outros ambientes. Em P2, nota-se novamente a brutalidade da violência na comunidade em um assalto inesperado.

De acordo com a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2013), o número de assaltos no Brasil é pelos menos duas vezes mais elevada do que a média dos países analisados pela instituição. Os dados apontaram que 7,9% dos participantes já foram vítimas de assalto nos 12 meses anteriores à pesquisa. Esse resultado é quase o dobro da média dos países investigados, que é de 4%. Nessa mesma direção, os dados do relatório sobre violência do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 2013) indicaram uma taxa de roubos a cada 100 mil habitantes no Brasil de 572,7. Dentre os 18 países participantes da pesquisa, apenas a Argentina (973,3 roubos a cada 100 mil habitantes) e o México (688 a cada 100 mil habitantes) registraram números superiores.

Todos esses resultados corroboram dados nacionais que ajudam na construção de um panorama sobre a violência no Brasil e que evidenciam que a adolescência e a juventude são fortemente afetadas por esse fenômeno. Ambas às etapas aparecem no topo dessas estatísticas (WASELFISZ, 2015; BRASIL, 2014; BORGES; CANO, 2014; WASELFISZ, 2014; WASELFISZ, 2016). Esse cenário de violência comunitária impacta diretamente adolescentes

e jovens e traz implicações ao seu bem-estar psicossocial (SOUZA; SILVA; NUNES, 2016; BENETTI et al, 2010; SCARPATO, 2004).

Benetti et al (2010) buscou identificar ocorrência de situações traumáticas associadas às manifestações de problemas de saúde mental em 245 adolescentes estudantes da região metropolitana de Porto Alegre, RS. Os participantes apresentaram alta frequência de exposição à violência na comunidade que esteve relacionada a assaltos, roubos e armas de fogo. A média masculina, especificamente, para a exposição a eventos de violência geral e para exposição direta (quando o adolescente é a própria vítima) foi maior que a feminina. As exposições direta e indireta à violência constituíram-se como situações prejudiciais ao desenvolvimento dos estudantes participantes da pesquisa.

A violência comunitária expressa em práticas de pequenos roubos e assaltos (com ou sem o uso de armas de fogo) é um fator de risco grave e significativo para problemas de saúde mental na adolescência. Os efeitos da violência causam respostas de medo e agressividade excessivas ou inadequadas que prejudicam a trajetória de adaptação a estímulos afetivos e emocionais da juventude (PINTO et al, 2014; BENETTI et al, 2010).

O evento estressor “discutir com amigos” foi o terceiro mais frequente entre a amostra quantitativa. Este resultado corrobora com as pesquisas de Morais, Koller e Raffaelli (2010), Poletto, Koller e Dell’Aglío (2009), Wathier e Dell’Aglío (2007), Kristensen et al (2004), Dell’Aglío et al (2005) e Benetti et al (2010). As falas de P5 e P6 no Grupo de Diálogo evidenciaram que o estresse influencia no controle emocional do adolescente ocasionando desentendimento em algumas de suas relações de amizade.

Esses desentendimentos entre pares podem ser compreendidos como acontecimentos presentes ao longo do desenvolvimento da vida de crianças e adolescentes, haja vista que se configuram como “um como um laboratório de experiências relacionais” (POLETTTO, KOLLER, DELL’AGLIO, 2009, p. 462). Desse modo, deve-se verificar minuciosamente cada caso, pois as relações de amizade também são apontadas pela literatura como um importante fator de proteção (LISBOA, 2005; COSTA, 2016; AMPARO et al, 2008; DESOUSA; CERQUEIRA-SANTOS, 2012). Na adolescência, portanto, podem acontecer situações de desentendimento entre os pares, mas, ao mesmo tempo, expressões de afeto e compartilhamento que relevam aspectos importantes do processo de socialização e desenvolvimento humano (POLETTTO; KOLLER, 2008).

Outra situação muito frequente na amostra quantitativa foi “ter provas no colégio”. No Grupo de Diálogo, tal evento também foi o mais discutido pelos adolescentes. De modo geral, nota-se nas falas que o estresse gerado pelas provas está relacionado às cobranças feitas pela

família para que os adolescentes tirem boas notas e/ou à falta de reconhecimento dos esforços despendidos por eles diante dos exames avaliativos. As provas e os exames, por si só, constituem-se enquanto eventos potencialmente estressores (KARINO; LAROS, 2014; D'AVILA; SOARES, 2003; BONIFÁCIO et al, 2011), que acabam desencadeando outras situações estressoras. No caso dos jovens participantes da pesquisa, existe uma inter-relação e influência mútua entre eventos estressores, posto que as provas influenciaram nas relações dos jovens com seus familiares e vice-versa, ou seja, o excesso de cobranças da família interfere diretamente no desempenho dos jovens nos exames, do mesmo modo que a avaliação escolar reverbera na dinâmica familiar. Deve-se compreender essa questão de forma processual e relacional, uma vez que as adversidades não costumam estar isoladas, elas se inter-relacionam e promovem outros eventos estressores. São processos complexos nos quais diferentes fatores interagem e interferem na trajetória de vida da pessoa e de seus contextos de vida (MORAIS; KOLLER; RAFFAELLI, 2010).

No mais, oito dos eventos mais frequentes e seis dos mais estressantes estiveram relacionados à família dos participantes. Assim, pode-se perceber que os eventos estressores não atingem os adolescentes de forma isolada, mas os seus contextos de desenvolvimento, sendo, neste caso, a família aquela que é mais afetada. Esses resultados convergiram com algumas falas do Grupo de Diálogo que também evidenciaram a família como um território de tensões que afeta a vida do jovem. A fala de P4 referente à situação “Separação dos pais” demonstrou que o evento impactou fortemente o seu emocional, ao ponto de afetar os seus estudos. Neste depoimento, observam-se novamente as influências de um evento estressor nos processos mesossistêmicos entre família e escola. Destaca-se que, para além destes estressores que já haviam sido identificados através da amostra quantitativa, outro estressor relacionado à família emergiu: “problemas com a família em relação à orientação sexual”.

Pesquisa conduzida por Maia (2017), com 5 adolescentes e jovens, de ambos os sexos, estudantes de escolas públicas de Belém do Pará, com idades entre 16 e 19 anos, também identificou fatores de risco no contexto familiar que corroboram os achados desta pesquisa. Os dados evidenciaram que a separação dos pais acarretou mudanças e impactos negativos na vida de um dos participantes. Outra narrativa revelou que o excesso de restrições e a falta de diálogo ocasionaram medo e problemas de socialização na adolescência. No mais, também houve relatos brigas e violência entre os membros das famílias que de alguma forma afetaram os adolescentes. De acordo com a autora, tanto na sociedade quanto na família, as implicações desses fatores na infância, adolescência e juventude costumam ser ignorados, pois não se leva em consideração a exposição ao risco pode trazer danos de curto, médio ou longo prazo ao

desenvolvimento. Ao contrário disso, considera-se que essas adversidades serão superadas naturalmente à medida que a pessoa cresce e se desenvolve.

A família é um microsistema importante para o desenvolvimento humano, visto que nela irão operar aquilo que Bronfenbrenner (1996) chama de “processos proximais”, isto é, as interações recíprocas progressivamente mais complexas entre uma pessoa e o seu ambiente imediato. Esses processos se constituem como “os principais motores de desenvolvimento” (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, p. 996). Contudo, deve-se ter clareza de que o ciclo vital da família é dinâmico e marcado por estressores desenvolvimentais que podem afetar sua função de cuidado e proteção (SOUZA; OLIVEIRA, 2011), tais como os identificados nesta pesquisa: mortes e doenças de familiares, violência física e psicológica praticada pelos pais, ausência de diálogo e desentendimentos entre pais e filhos, desemprego e reconfiguração familiar (separação dos pais e ter filhos com outros parceiros/as).

Alguns estressores já são esperados no ciclo vital humano, como as transições da infância para a juventude e da juventude para a idade adulta, entre outros; mas também existem estressores imprevisíveis, como os destacados anteriormente. Ambos causam amplo impacto no contexto familiar, desencadeando aumento de pressão e desorganização dentro do ambiente, o que influencia e impulsiona o processo de desenvolvimento da família e do indivíduo (SOUZA; OLIVEIRA, 2011).

No mais, a configuração familiar não pode ser dissociada da macroestrutura da sociedade, haja vista que ela “não é uma ilha isolada do contexto histórico, econômico, cultural e social, mas um dos subsistemas em que se encontram presentes e se enfrentam os poderes estruturantes da sociedade” (FALEIROS; FALEIROS, 2008, p. 49). Deve-se, portanto, analisar a dinâmica familiar relacionando-a a uma dinâmica maior do sistema social (PALUDO, 2011). Os eventos de violência e de desemprego identificados neste estudo, por exemplo, estão interligados a um contexto maior marcado por desigualdades socioeconômicas históricas que podem vulnerabilizar e fragilizar o funcionamento familiar (GARCIA; YUNES, 2011; GOMES; PEREIRA, 2005).

É necessário que a família supere as crises pelas quais passa e consiga modificar-se e adaptar-se. No entanto, “a manutenção da saúde familiar não depende apenas da capacidade de superação das crises, mas também da qualidade das trocas entre a família e o meio social em que está inserida” (SOUZA; OLIVEIRA, 2011, p. 53).

Quanto ao impacto, em especial, os três eventos estressores que apresentaram maiores escores foram aqueles relacionados à sexualidade dos jovens, sendo que dois deles se configuram diretamente como violência sexual. No Grupo de Diálogo, dois relatos

evidenciaram indignação, medo e tristeza diante de práticas relacionadas à violência sexual, especificamente, contra a mulher. São resultados preocupantes.

De acordo com Brasília (2009, p.10), a violência sexual:

É toda relação sexual em que a pessoa é obrigada a se submeter, contra a sua vontade, por meio de força física, coerção, sedução, ameaça ou influência psicológica. Essa violência é considerada crime, mesmo quando praticada por um familiar, seja ele pai, marido, namorado ou companheiro. Considera-se também, como violência sexual o fato de o agressor obrigar a vítima a realizar alguns desses atos com terceiros

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2010), as mulheres são as que mais vivenciam a violência sexual e os homens a maioria dos que as perpetram. Dados posteriores da entidade (OMS, 2014) indicam que uma em cada cinco mulheres com idade inferior a 18 anos no mundo já foi vítima de estupro ou abuso sexual e que uma em cada três mulheres já experimentou violência física e/ou sexual por parte de seus parceiros. Além disso, 7% das mulheres já foi alvo de violência sexual por desconhecidos e 50% delas se envolveu em uma disputa física com seus companheiros.

Pesquisa de Habigzang et al (2008) buscou realizar avaliação psicológica em 10 casos meninas vítimas de abuso sexual, com idades entre 09 e 13 anos. O estudo revelou que a maioria das participantes foi vítima de abuso sexual por pelo menos um ano até a revelação da situação a outras pessoas. As meninas apresentaram sintomas relacionados ao Transtorno de Estresse Pós-traumático e indicadores de depressão e ansiedade. Também foi identificada a presença de crenças distorcidas de culpa, diferença em relação aos pares e desconfiança, bem como baixo rendimento escolar. As autoras salientam que essas alterações cognitivas e de comportamento são algumas das principais consequências da violência sexual para as vítimas.

Outras pesquisas também identificaram a violência sexual como uma adversidade potencialmente estressora na infância, adolescência e juventude (KRISTENSEN et al, 2004; SCHNEIDER; PACHECO, 2010; POLETO; KOLLER; DELL'AGLIO, 2009; DELL'AGLIO et al, 2005).

Destaca-se que o depoimento de P7 no Grupo de Diálogo salientou a falta de suporte institucional diante da violência sexual, configurando-se, então como uma outra situação adversa na adolescência. Entre as várias manifestações da violência, a sexual é uma das mais danosas por provocar amplos transtornos físicos e psicológicos, tais como ansiedade, medo, pesadelos, dores no corpo, risco de adquirir DST/AIDS e de gravidez não esperada, além de tornar suas vítimas mais propensas a outros tipos de violência, ao abuso de drogas, à prostituição, às disfunções sexuais, à depressão, às doenças psicossomáticas e ao suicídio, trata-se, desse modo, de algo que precisa de atenção especial das instituições de proteção e que

necessita de intervenções que possam criar mecanismos de prevenção, enfrentamento e de suporte às vítimas (BRASÍLIA, 2009).

Nas análises de frequência por sexo, notou-se entre as meninas maiores frequências de eventos relacionados às mudanças no corpo e situações que envolvem adversidades nas relações familiares e de amizade; entre os meninos, por sua vez, destacaram situações de expulsão e reprovação na escola, punições e castigos, amigos com ferimentos/doenças e envolvimento em brigas com agressões físicas. Quanto à intensidade percebida, identificou-se que, entre os eventos destacados, as meninas apresentaram médias mais elevadas, com exceção da situação “Morte de irmãos (ãs)”.

Esses achados são semelhantes aos resultados das pesquisas de Kristensen et al (2004) e Poletto et al (2009). No primeiro estudo, houve predominância entre as meninas de estressores relacionados às alterações no corpo e aos relacionamentos familiares e entre os meninos também se sobressaíram as situações “ter problemas com professores e envolver-se em brigas”; enquanto que no segundo, o evento “Ser expulso (a) da sala de aula pelo/a professor/a” também apresentou elevada frequência entre os meninos.

As tipificações de gênero podem levar as meninas a estarem mais envolvidas com situações relacionadas à família e os meninos com eventos de violência. Isso pode ter relação com as atribuições e os papéis macrosistêmicos que cada contexto sociocultural impõe aos sujeitos (POLETTO et al, 2009). À menina, atribuem-se comportamentos pacíficos, de dependência e fragilidade, enquanto que os meninos são estimulados à autonomia e independência e apresentariam maiores comportamentos de oposição e confronto que incluem problemas de conduta e transtornos externalizantes (KRISTENSEN et al, 2004).

É interessante observar que os meninos retrataram vivenciar mais estressores no microsistema escolar do que as meninas. Tal aspecto pode indicar que os meninos realmente apresentam reais dificuldades de aprendizagem, contudo, deve-se levar em consideração as características de aprendizagem e de comportamento dos estudantes dentro da complexidade das inter-relações, de modo a compreender a atuação do próprio ambiente escolar e extraescolar nesse processo (POLETTO; KOLLER; DELL’AGLIO, 2009a).

No que se refere aos fatores de proteção identificados no Grupo de Diálogo, todos estiveram associados às relações de amizade. Os jovens relataram que preferem compartilhar suas experiências com amigos ao invés de familiares, visto que a família pode não os compreender. No caso de P3, boa parte da ajuda após a perda de um familiar veio dos amigos, pois os familiares também estavam fragilizados com a situação e, similarmente, não possuíam apoio. Ao contrário deste resultado, a investigação de Souza, Silva e Nunes (2016) identificou

outros fatores de proteção diante da perda de uma pessoa significativa na juventude, associados à espiritualidade e à família. A espiritualidade esteve expressa na busca de ajuda em Deus e a família nas lembranças positivas das falas proferidas por um de seus membros antes de sua morte, que influenciaram, até mesmo, na expectativa de futuro acadêmico da participante. Isso significa que, antes de falecer, o componente familiar mantinha diálogos que ficaram nas lembranças da jovem que, após sua partida, motivaram-na a continuar os estudos.

Por outro lado, as percepções positivas de apoio dos amigos e de suas influências protetivas em termos desenvolvimentais corroboram com a pesquisa de Costa (2016) e Amparo et al (2008).

As relações de amizade que apresentam características de ajuda, aconselhamento, conforto, apoio emocional e perdão são de grande relevância para enfrentamento de problemas e situações de enfraquecimento emocional na adolescência e juventude (COSTA, 2016). Os amigos exercem inúmeras funções na vida destes sujeitos, que incluem apoio emocional, espiritual, material, social e, até mesmo, em tarefas escolares. As relações de amizade, somadas a outros fatores de proteção (família, escola, autoestima, religiosidade e espiritualidade) podem contribuir para resolução de problemas e para a manutenção do desenvolvimento saudável (AMPARO et al, 2008)

Os adolescentes, em uma visão Bioecológica, são seres em desenvolvimento que interagem de maneira dinâmica com indivíduos e com seu meio ambiente e são influenciados mutuamente pelos diversos contextos em que estão inseridos. Entre esses contextos, os relacionamentos de amizade apresentam características importantes nos diferentes microsistemas que participam (DESOUZA; RODRIGUEZ; DE ANTONI, 2014).

A amizade é entendida como uma interação entre dois ou mais indivíduos, recíproca e iniciada por livre escolha. Trata-se de uma relação diádica, bilateral, íntima, mútua e voluntária. As relações de amizade envolvem aspectos de afetividade, intimidade e confiança, que possuem características próprias e que são únicas no ciclo vital. Os vínculos entre amigos provêm, por exemplo, de uma natureza hierárquica distinta daquela construída com a família, que vai agir de forma singular no desenvolvimento do sujeito (LISBOA, 2005).

Os amigos desempenham um papel importante ao oferecer apoio social e emocional que ajuda na preservação da saúde física e mental do adolescente. O apoio social advindo dos amigos funciona como mecanismo de proteção contra sentimentos de angústia (PEREIRA; GARCIA, 2007) e atua como moderador diante de adversidades (DESOUZA; CERQUEIRA-SANTOS, 2012). Uma parte significativa do repertório comportamental dos adolescentes é

influenciado pelas amizades. Geralmente, na infância, o indivíduo passa maior parte de seu tempo em convívio familiar e, na adolescência, os amigos também passam a exercer um papel mais significativo no processo de socialização. Esse tipo de relacionamento pode estar associado à percepção positiva de suporte social e de qualidade de vida, bem como aos sentimentos de felicidade e pertencimento (TOMÉ et al, 2011; COSTA, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação buscou compreender as implicações da exposição a eventos estressores no desenvolvimento de adolescentes e jovens estudantes de escolas públicas e as possíveis interações entre fatores de risco (eventos estressores) e fatores de proteção ao desenvolvimento. Trata-se de um estudo vinculado a uma pesquisa maior (SILVA, 2017) e que dá continuidade à uma investigação anterior (SOUZA; SILVA; NUNES, 2016) sobre eventos estressores na adolescência e juventude em Belém do Pará.

Assim, as discussões e os dados apresentados ao longo do texto buscaram contribuir na construção de um panorama acerca da juventude na região belenense, esforço este que tem sido realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Adolescência, Juventude, Vulnerabilidade e Fatores de Proteção (GEPJUV) ao longo dos últimos anos. De modo geral, os dados levantados pelo GEPJUV têm revelado uma forte rede de risco à adolescência e juventude, marcada, sobretudo, pela exposição à violência em diferentes contextos, sendo que algumas das situações violentas experienciadas pelos jovens em Belém se configuraram como eventos estressores.

Ao mesmo tempo, o grupo de pesquisa tem se empenhado em indicar possíveis caminhos protetivos e possibilidades de enfretamento ao risco. Foi dentro dessa perspectiva que a presente investigação foi executada, isto é, com a intenção de compreender como vivem os jovens em Belém, os potenciais fatores de risco ao seu desenvolvimento e os processos que os têm ajudado em suas trajetórias. Entende-se ser relevante compreender como situações estressantes podem operar no desenvolvimento e em quais ocasiões um potencial estressor se apresenta como ameaça aos adolescentes e jovens e de que forma os fatores de proteção atuam nesse processo. Muitas das adversidades podem ser melhor enfrentadas se forem percebidos os mecanismos que nelas operam.

Na pesquisa, a fim de alcançar os objetivos propostos, utilizou-se um delineamento multimétodos subdividido em dois estudos, sendo o primeiro uma Revisão Sistemática de Literatura (RSL) e o segundo uma pesquisa empírica quanti-qualitativa que utilizou o Inventário de Eventos Estressores na Adolescência – IEEA e a metodologia dos Grupos de Diálogo (GD).

Através da RSL, pôde-se compreender a importância de estudos sobre eventos estressores pela possibilidade de identificar um conjunto de situações que podem se configurar como potenciais estressores e que se manifestam em diferentes contextos e momentos da vida de crianças, adolescentes e jovens. Como resultados desenvolvimentais, os eventos estressores podem trazer sérias consequências à saúde mental e ao bem-estar de crianças e jovens. Por outro lado, a literatura também aponta possibilidades de moderação desses efeitos em pesquisas que

salientam processos positivos ao desenvolvimento: estratégias de *Coping*, rede de apoio social e afetiva, fatores de proteção e resiliência.

No que diz respeito ao estudo empírico, tanto os dados quantitativos quanto os qualitativos se complementaram, na medida em que demonstraram, sob perspectivas diferentes, que os jovens vivenciaram uma série de estressores que não se restringiram apenas a um contexto ecológico, mas a vários: família, escola e comunidade.

A família, em especial, apareceu como uma instituição propícia a certos fatores de risco que foram percebidos pelos jovens como estressores. Identificou-se a presença de relações fragilizadas, violentas e conflituosas dentro do próprio microsistema família e de escassas percepções de apoio por parte dos jovens em relação à instituição. Outros estressores estiveram associados ao rompimento de relações afetivas, seja por meio da separação dos pais ou da morte de familiares, que afetaram fortemente o psicológico dos participantes, ao ponto de repercutir em suas vivências escolares. No GD, não foram identificados relatos da família como uma unidade propulsora de apoio e suporte material e afetivo, ao contrário, os adolescentes comentaram que não se sentem à vontade para buscar ajuda na família, já que talvez não encontrem compreensão por parte dos pais.

De forma semelhante, também foram identificados estressores no microsistema escolar, sobretudo entre os meninos: provas, reprovações, expulsões e desentendimento entre os pares. As falas no GD indicaram que os processos avaliativos precisam ser repensados para além das tradicionais provas e que a família precisa compreender melhor os processos pelos quais os adolescentes e jovens vivenciam no âmbito escolar. No mais, acredita-se que os estudantes necessitam perceber que a escola pode oferecer a eles suporte e apoio em momentos de dificuldades, o que não foi identificado nos relatos dos participantes.

A escola desempenha um papel preponderante no desenvolvimento do adolescente e jovem, seja atuando nos processos socioemocionais e cognitivos, como também na socialização e construção de identidades, das metas e perspectivas no âmbito acadêmico e profissional (NUNES et al, 2011). Assim, torna-se relevante repensar as ações desenvolvidas pela instituição, bem como a forma como ela está estruturada, a fim de que a educação escolar consiga cumprir sua função social de oferecer às pessoas elementos culturais necessários à formação crítica do cidadão, de modo a abranger suas possibilidades de atuação na sociedade.

Dentro desse entendimento, entende-se que esta pesquisa se constituiu como uma investigação importante para o campo da educação, pois foram identificadas situações estressoras que influenciaram no desempenho e nas relações dos participantes dentro da escola. Isso significa que as vivências dos jovens reverberaram nos processos que eles tiveram na

escola. Com isso, deve-se pensar que a escola não é uma ilha isolada da realidade dos estudantes, sobretudo daqueles que advém das camadas populares da sociedade e que têm sua trajetória marcada justamente por muitos eventos estressores que são potencializados por questões macroestruturais.

Diante dessa gama de eventos estressores, a pesquisa identificou que as amizades têm um efeito protetivo importante. No caso específico da morte de um familiar, o estressor demonstrou possuir elevado poder de impacto não só na vida do adolescente, mas em seu ambiente familiar que, do mesmo modo, acabou sendo fragilizado. Assim, as relações de amizade se configuraram como moderadores importantíssimos nesse cenário. Enquanto o contexto familiar estava fragilizado e com poucos recursos protetivos, outro ambiente desenvolvimental entrou em cena no processo e amorteceu o efeito do estressor: as amizades. Além dessa questão, os participantes relataram passar por diversos problemas que não compartilhavam com outras pessoas, a não ser com os amigos. As falas indicaram que os sujeitos trazem situações adversas vivenciadas em outros contextos para dentro da escola e dialogam sobre elas apenas com os amigos. Quando tratam dessa questão, os jovens parecem não estar se reportando aos amigos do microsistema comunitário, mas às amizades que têm no microsistema escolar. Assim, nota-se que a dinâmica da escola extrapola as atividades cotidianas centradas, por exemplo, em provas. Em certa perspectiva, pode-se considerar que a instituição escolar atuou sim como protetiva diante dos estressores, mas que esse papel foi desempenhado pelos próprios estudantes que são parte integrante do contexto educacional. No entanto, questiona-se: diante dos eventos estressores vivenciados pelos participantes, onde estiveram os profissionais que atuam na educação, tais como coordenação pedagógica, a direção e os próprios professores? Os dados indicaram uma certa invisibilidade desses sujeitos nessas circunstâncias.

Outros contextos e instituições que podem ser essenciais no enfrentamento de estressores específicos, não foram percebidas como oferecedoras de suporte, como foi o caso da própria escola e da família, além destes, os resultados indicaram uma certa negligência por parte da polícia no que tange às situações de abuso sexual. A adolescência e a juventude são fases que podem ser mais susceptíveis a certos eventos estressores, o que demonstra que, nessas etapas, os sujeitos se encontram vulneráveis e necessitam de apoio para enfrentar essas adversidades, sendo que algumas delas exigem estratégias de enfrentamento específicas, assim como intervenções institucionais. Desse modo, os jovens precisam perceber essas instituições como oferecedoras de suporte social e emocional.

A presente dissertação apresentou algumas limitações que, simultaneamente, servem como sugestões para pesquisas futuras e que precisam ser apontadas. No que diz respeito à RSL, não foram incluídos descritores em outros idiomas e estudos estrangeiros. Destaca-se que o Cenário Provocativo do GD, organizado em *Power Point*, não permitiu a inserção de todos os resultados do estudo quantitativo, isto é, não foram apresentados aos participantes os resultados referentes aos sessenta e quatro eventos estressores que estão presentes no IEEA. Para estudos posteriores que visem aplicar essa técnica, sugere-se a utilização de outros materiais informativos, tais como um folhetos e/ou cartilhas, a fim de proporcionar aos jovens o máximo acesso às informações da pesquisa.

Além disso, os próprios estudantes pediram para que houvesse uma segunda etapa no GD que, talvez, permitisse compreender suas percepções acerca de outros estressores e resultados encontrados, o que não foi possível devido às limitações temporais impostas pela própria natureza do mestrado acadêmico.

Em sua totalidade, a pesquisa apontou que situações traumáticas vivenciadas na adolescência e juventude precisam receber imediata atenção dos profissionais envolvidos nos diferentes contextos de adolescentes e jovens (escola, família, comunidade, etc.), em decorrência do sofrimento psicológico que elas podem causar e que pesquisas sobre o tema continuem sendo realizadas.

REFERÊNCIAS

ABAID, Josiane Lieberknecht Wathier. **Entre Risco E Proteção: Ajustamento Psicossocial De Adolescentes Em Acolhimento Institucional**. 2013. 167 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em:

<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/76529/000891460.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 23 maio 2017.

_____. DELL'AGLIO, Débora Dalbosco; KOLLER, Sílvia Helena. Preditores de sintomas depressivos em crianças e adolescentes institucionalizados. **Universitas Psychologica**, [s.l.], v. 9, n. 1, p.199-212, abr. 2010. Disponível em:

<<http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/revPsycho/article/view/237>>. Acesso em: 06 jul. 2017.

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 6, n. 5, p.25-36, 1997. Disponível em: <[http://proex.pucminas.br/sociedadeinclusiva/Blog_Direito_de_se_Diferente/Considerações sobre a Tematização Social da Juventude no Brasil.pdf](http://proex.pucminas.br/sociedadeinclusiva/Blog_Direito_de_se_Diferente/Considerações_sobre_a_Tematização_Social_da_Juventude_no_Brasil.pdf)>. Acesso em: 07 abr. 2017.

_____. Helena Wendel. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: FREITAS, Maria Virgínia de (Org.). **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005. p. 20-35. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05623.pdf>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

ABRAMOVAY, Miriam et al. **Juventude, Violência e Vulnerabilidade Social na América Latina: Desafios para Políticas Públicas**. Brasília: Unesco/bid, 2002. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127138por.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

ABRAMOVAY, Miriam; PINHEIRO, Leonardo Castro. Violência e Vulnerabilidade social. In: FRAERMAN, Alicia (Org.). **Inclusão social e desenvolvimento: presente e futuro da comunidade ibero-americana**. Madrid: Comunica, 2003. Disponível em: <https://ead.senasp.gov.br/modulos/educacional/material_apoio/Violência_e_Vulnerabilidade_Social_VA.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2017.

ABREU, Desirée Pereira de et al. Estressores psicossociais, senso de comunidade e bem-estar subjetivo em crianças e adolescentes de zonas urbanas e rurais do Nordeste do Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, [s.l.], v. 32, n. 9, p.1-12, set. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00126815>. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v32n9/1678-4464-csp-32-09-e00126815.pdf>>. Acesso em: 06 jul. 2017.

AMPARO, Deise Matos do et al. Adolescentes e jovens em situação de risco psicossocial: redes de apoio social e fatores pessoais de proteção. **Estudos de Psicologia (natal)**, [s.l.], v. 13, n. 2, p.165-174, ago. 2008. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-294x2008000200009>. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2008000200009>>. Acesso em: 08 fev. 2018.

ANDRADE, Laura et al. Prevalence of ICD-10 mental disorders in a catchment area in the city of São Paulo, Brazil. **Social Psychiatry And Psychiatric Epidemiology**, [s.l.], v. 37, n. 7,

p.316-325, jul. 2002. Springer Nature. <http://dx.doi.org/10.1007/s00127-002-0551-x>. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/12111023>>. Acesso em: 03 fev. 2018.

BALTES, Paul B.. Theoretical Propositions of Life-Span Developmental Psychology: On the Dynamics Between Growth and Decline. **Developmental Psychology**, [s.l.], v. 23, n. 5, p.611-626, 1987. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.470.6040&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em: 27 maio 2017.

BASSO, Lissia Ana; WAINER, Ricardo. Luto e perdas repentinas: Contribuições da Terapia Cognitivo-Comportamental. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, [s.l.], v. 1, n. 7, p.35-43, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872011000100007>. Acesso em: 03 fev. 2018.

BENETTI, Sílvia Pereira da Cruz et al. Adolescência e saúde mental: revisão de artigos brasileiros publicados em periódicos nacionais. **Cadernos de Saúde Pública**, [s.l.], v. 23, n. 6, p.1273-1282, jun. 2007. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-311x2007000600003>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2007000600003>. Acesso em: 08 fev. 2018.

BENETTI, Silvia Pereira da Cruz et al. Problemas de saúde mental na adolescência: características familiares, eventos traumáticos e violência. **Psico-usf**, [s.l.], v. 15, n. 3, p.321-332, dez. 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-82712010000300006>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-82712010000300006&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 06 jul. 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BIRUEL, E.; PINTO, R. **Biblioteca**: Um profissional a serviço da pesquisa. Anais XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. Maceió. 2011.

BONIFÁCIO, Shirlei de Paula et al. Investigação e manejo de eventos estressores entre estudantes de Psicologia. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, Rio de Janeiro, p.15-20, jun. 2011. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtc/v7n1/v7n1a04.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2017.

BORGES, Doriam; CANO, Ignácio. **Homicídios na Adolescência no Brasil: IHA 2012**. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2014. Secretaria de direitos humanos da presidência da república; Fundo das nações unidas para a infância; UNICEF - Programa de redução da violência letal. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/pt/br_IHA2012.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2017.

BORGES, Jeane Lessinger; ZINGLER, Veranice Tatiane. Fatores de risco e de proteção em adolescentes vítimas de abuso sexual. **Psicologia em Estudo**, [s.l.], v. 18, n. 3, p.453-463, set. 2013. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-73722013000300007>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722013000300007&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 07 fev. 2017.

BORGES, Luciana Souza; ALENCAR, Heloisa Moulin de. Violence In The Brazilian Scenario: Risk Factors Of Adolescents Facing a Contemporary Reality. **Journal Of Human Growth And Development**, [s.l.], v. 25, n. 2, p.194-10, 20 out. 2015. NEPAS. <http://dx.doi.org/10.7322/jhgd.103015>. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v25n2/pt_10.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2018.

BONIFÁCIO, Shirlei de Paula et al. Investigation and management of stressful events among students of Psychology. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, [s.l.], v. 7, n. 1, p.15-20, 2011. GN1 Genesis Network. <http://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20110004>. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872011000100004>. Acesso em: 08 fev. 2018.

BRASIL, Kátia Tarouquella et al. Fatores de risco na adolescência: discutindo dados do DF. **Paidéia (ribeirão Preto)**, [s.l.], v. 16, n. 35, p.377-384, dez. 2006. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-863x2006000300008>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2006000300008>. Acesso em: 08 fev. 2018.

BRASIL, Presidência da República. **Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência e Desigualdade Racial**. Brasília: Secretaria Geral da Presidência da República; Secretaria Nacional de Juventude; Ministério da Justiça e Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2015. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002329/232972POR.pdf>>. Acesso em: 07 mar. 2017.

_____. **Política Nacional de Juventude: Diretrizes e perspectivas**. São Paulo: Conselho Nacional de Juventude (cnj), 2006. Documento organizado por Regina Célia Reyes Novaes, Daniel Tojeira Cara e Danielo Moreira da Silva. Disponível em: http://www.juventude.gov.br/jspui/bitstream/192/51/1/CNJ_política_2006.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2017.

_____. Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 06 fev. 2017.

BRASÍLIA, Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal. **Manual para atendimento às vítimas de violência na rede de saúde pública do DF**. 2009. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_atendimento_vitimas_violencia_saude_publica_DF.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2018.

BRONFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento Humano: Experimentos Naturais e Planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. Tradução de: Maria Adriana Veríssimo.

_____. **Bioecologia do desenvolvimento Humano: tornando os seres humanos mais humanos**. Porto Alegre: Artmed, 2011. Tradução: André de Carvalho-Barreto. Revisão Técnica: Silvia H. Koller.

_____. MORRIS, P. A. The ecology of developmental processes. In: W. Damon. R. M. Lerner (Vol. Ed.). **Handbook of child psychology**: v. 1. Theoretical models of human development, ed. 5. New York, John Wiley, 1998, p. 993-1028.

BUSNELLO, Fernanda de Bastani. **Eventos estressores, estratégias de coping e desempenho escolar em adolescentes**. 2009. 102 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/671>>. Acesso em: 07 fev. 2017.

CALCING, Jordana; BENETTI, Silvia Pereira da Cruz. Caracterização da Saúde Mental em Crianças e Adolescentes em Acolhimento Institucional. **Psico**, [s.l.], v. 45, n. 4, p.559-567, 23 dez. 2014. EDIPUCRS. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2014.4.13629>. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/13629>>. Acesso em: 06 jul. 2017.

CAMPO, Dinah. **Psicologia da Adolescência**. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

CAMPOS, Laís Rodrigues. **Do Quilombo à Universidade: trajetórias, relatos, representações e desafios de estudantes quilombolas da Universidade Federal do Pará- Campus Belém quanto à permanência**. 2018. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Universidade Federal do Pará - UFPA, Belém, 2016. Disponível em: <<http://ppgedufpa.com.br/arquivos/File/LaIs.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

CARA, Daniel; GAUTO, Maitê. Juventude: percepções e exposição à violência. In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - Unesco, 2007. p. 171-196. (Coleção Educação para Todos). Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154580por.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

CARRANO, Paulo. A participação social e política de jovens no Brasil: considerações sobre estudos recentes. **O Social em Questão**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 27, p.83-100, fev. 2012. Disponível em: <http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/OSocial27_Carrano1.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2018.

CASTOLDI, Luciana; LOPES, Rita de Cássia Sobreira; PRATI, Laíssa Eschiletti. O genograma como instrumento de pesquisa do impacto de eventos estressores na transição família-escola. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, [s.l.], v. 19, n. 2, p.292-300, set. 2006. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-79722006000200016>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722006000200016&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 06 jul. 2017.

COMBINATO, Denise Stefanoni; QUEIROZ, Marcos de Souza. Morte: uma visão psicossocial. **Estudos de Psicologia (natal)**, [s.l.], v. 11, n. 2, p.209-216, ago. 2006. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-294x2006000200010>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2006000200010&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 03 fev. 2018.

COMPAS, Bruce E.. Stress and life events during childhood and adolescence. **Clinical Psychology Review**, [s.l.], v. 7, n. 3, p.275-302, jan. 1987. Elsevier BV.

[http://dx.doi.org/10.1016/0272-7358\(87\)90037-7](http://dx.doi.org/10.1016/0272-7358(87)90037-7). Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0272735887900377>>. Acesso em: 27 abr. 2017.

COPETTI, Fernando; KREBS, Ruy Jornada. A propriedade da pessoa na perspectiva do Paradigma Bioecológico. In: KOLLER, Sílvia Helena (Org.). **Ecologia do Desenvolvimento Humano: pesquisa e intervenção no Brasil**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 67-90.

CORDEIRO, Alexander Magno et al. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, [s.l.], v. 34, n. 6, p.428-431, dez. 2007. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0100-69912007000600012>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-69912007000600012>. Acesso em: 25 jun. 2017.

COSTA, Amanda Cristina Ribeiro da. **Relações de amizade de adolescentes em situação de acolhimento institucional: fatores de risco e de proteção**. 2016. 124 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará - UFPA, Belém, 2016. Disponível em: <[http://ppgtpc.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/Amanda Cristina Ribeiro da Costa.pdf](http://ppgtpc.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/Amanda%20Cristina%20Ribeiro%20da%20Costa.pdf)>. Acesso em: 13 fev. 2018.

CRESWELL, John. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CRUZEIRO, Ana Laura Sica et al. Prevalência e fatores associados ao transtorno da conduta entre adolescentes: um estudo de base populacional. **Cadernos de Saúde Pública**, [s.l.], v. 24, n. 9, p.2013-2020, set. 2008. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-311x2008000900007>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2008000900007>. Acesso em: 08 fev. 2018.

DANCEY, C. P.; REIDY, J. **Estatística sem matemática para psicologia**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013. 608 p. (Série Métodos de Pesquisa).

DAYRELL, J.; CARRANO, P. C. R. **Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo**. Anais. 25ª Reunião Anual Anped: Caxambu, 2002, p.01-33.

_____. O Jovem Como Sujeito Social. In: FÁVERO, Osmar et al (Org.). **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO/MEC/ANPED, 2007. p. 155-176. (Coleção Educação para Todos). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=648-vol16juvcont-elet-pdf&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 23 abr. 2017.

_____. CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. **Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo**. [s.l.]: Emdialogo: Ensino Médio, 2003. Disponível em: <http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/JOVENS_BRASIL_MEXICO.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2017.

_____.; MOREIRA, Maria Ignez Costa; STENGEL, Márcia. **Juventudes Contemporâneas: Um Mosaico de Possibilidades**. Belo Horizonte: Ed. Puc, 2011.

Disponível em:

<http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20120704131151.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2017.

DE ANTONI, Clarissa; KOLLER, Silvia Helena. A pesquisa ecológica sobre violência no microsistema familiar. In: KOLLER, Silvia Helena (Org.). **Ecologia do Desenvolvimento Humano: pesquisa e intervenção no Brasil**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 311-336.

DE-LA-TORRE-UGARTE-GUANILO, Mônica Cecilia; TAKAHASHI, Renata Ferreira; BERTOLOZZI, Maria Rita. Revisão sistemática: noções gerais. **Revista da Escola de Enfermagem da Usp**, [s.l.], v. 45, n. 5, p.1260-1266, out. 2011. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0080-62342011000500033>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342011000500033&script=sci_abstract>. Acesso em: 22 jun. 2017.

DELL'AGLIO, D. D.et al. Revisando o Questionário da Juventude Brasileira: Uma nova Proposta. In: DELL'AGLIO, D. D.; KOLLER, S. H. (Org.). **Adolescência e Juventude: Vulnerabilidade e Contextos de Proteção**. 1 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011, p. 259-270.

DELL'AGLIO, Débora Dalbosco et al. Eventos estressores no desenvolvimento de meninas adolescentes cumprindo medidas sócio-educativas. **Paidéia (ribeirão Preto)**, [s.l.], v. 15, n. 30, p.119-129, abr. 2005. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-863x2005000100013>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X2005000100013&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 06 jul. 2017.

DELL'AGLIO, Débora Dalbosco; BORGES, Jeane Lessinger; SANTOS, Samara Silva dos. Eventos estressores e depressão em adolescentes do sexo feminino. **Psico**, [s.l.], v. 35, n. 1, p.43-50, 2004. Texto impresso disponibilizado pela Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).

_____. HUTZ, Cláudio Simon. Estratégias de Coping de Crianças e Adolescentes em Eventos Estressantes com Pares e com Adultos. **Psicologia Usp**, [s.l.], v. 13, n. 2, p.203-225, 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-65642002000200012>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642002000200012&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 06 jul. 2017.

_____.; HUTZ, Cláudio Simon. Estratégias de coping e estilo atribucional de crianças em eventos estressantes. **Estudos de Psicologia (natal)**, [s.l.], v. 7, n. 1, p.5-13, jan. 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-294x2002000100002>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2002000100002&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 06 jul. 2017.

_____. KOLLER, Sílvia Helena. **Adolescência e Juventude: vulnerabilidade e contextos de proteção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

DAL-FARRA, Rossano André; LOPES, Paulo Tadeu Campos. MÉTODOS MISTOS DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS. **Nuances**: estudos sobre Educação, [s.l.], v. 24, n. 3, p.67-80, 15 dez. 2013. Departamento de Educacao FCT/Unesp. <http://dx.doi.org/10.14572/nuances.v24i3.2698>. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/2698/2362>>. Acesso em: 08 fev. 2018.

DESOUSA, Diogo Araújo; RODRIGUEZ, Susana Núñez; ANTONI, Clarissa de. Relacionamentos de amizade, grupos de pares e tribos urbanas na adolescência. In: HABIGZANG, Luísa; DINIZ, Eva; KOLLER, Silvia H. **Trabalhando com Adolescentes**: Teoria e Intervenção Psicológica. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 119-13.

DIAS, Anelise; SAITER, Marcia; CUNHA, Neide. Avaliação de fatores de risco na adolescência. **Lumen**: Educare, [s.l.], v. 1, n. 1, p.115-132, 2015. Instituto Adventista de Ensino. <http://dx.doi.org/10.19141/2447-5432/lumen.v1.n1.p.115-132>. Disponível em: <<https://revistas.unasp.edu.br/lumen/article/view/581>>. Acesso em: 27 jan. 2018.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil (Org.). **Juventudes**: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: Ministério da Educação - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - Unesco, 2007. Cap. 1. p. 21-56. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154580por.pdf>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

FEIJÓ, Ricardo Becker, RAUPP, Ana Paula Gonçalves, JOHN, Ângela Beatriz. Eventos estressores de vida e sua relação com tentativas de suicídio em adolescentes. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, 1999, p. 151-157.

FEIJÓ, Ricardo Becker; OLIVEIRA, Ércio Amaro de. Comportamento de risco na adolescência. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 77, n. 2, p.125-134, 2001. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/54698/000386001.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2018.

FERLIN, M. et al. **Desenvolvimento do Inventário de Eventos Estressores na Adolescência (IEEA)**. Resumos das Comunicações – Exponha-se – Semana de Pesquisa e Iniciação Científica. São Leopoldo: UNISINOS. p. 204-205.

FERNANDES, Luan Flávia Barufi et al. Aversive events and depression in adolescence: a case review. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, [s.l.], v. 4, n. 1, p.0-0, 2008. GN1 Genesis Network. <http://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20080007>. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808-56872008000100007&script=sci_abstract>. Acesso em: 06 jul. 2017.

FONSECA, António M.. Subsídios para uma leitura desenvolvimental do processo de envelhecimento. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, [s.l.], v. 20, n. 2, p.277-289, 2007. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-79722007000200014>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722007000200014>. Acesso em: 08 fev. 2018.

FONSECA, Mariane da Silva; MELCHIORI, Lígia Ebner. Adolescentes: Maternidade, risco e proteção. In: VALLE, Tânia Gracy Martins do; MELCHIORI, Lígia Ebner. **Saúde e**

desenvolvimento humano. São Paulo: Editora Unesp, 2010. p. 143-154. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/sb6rs/pdf/valle-9788579831195-08.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

FREITAS, Gisleine Vaz Scavacini de; BOTEAGA, Neury José. Gravidez na adolescência: prevalência de depressão, ansiedade e ideação suicida. **Revista da Associação Médica Brasileira**, [s.l.], v. 48, n. 3, p.245-249, set. 2002. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-42302002000300039>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42302002000300039>. Acesso em: 03 fev. 2018.

FROTA, Ana Maria Monte Coelho. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. **Estudos e Pesquisas em Psicologia [online]**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 7, p.144-157, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1808-42812007000100013>. Acesso em: 25 abr. 2017.

GALVÃO, Taís Freire; PEREIRA, Mauricio Gomes. Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, [s.l.], v. 23, n. 1, p.183-184, mar. 2014. Instituto Evandro Chagas. <http://dx.doi.org/10.5123/s1679-49742014000100018>. Disponível em: <http://scielo.iec.pa.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742014000100018&lng=pt&nrm=is&tlng=pt>. Acesso em: 22 jun. 2017.

GIACOMONI, Claudia Hofheinz; SOUZA, Luciana Karine; HUTZ, Claudio Simon. Eventos de vida positivos e negativos em crianças. **Temas em Psicologia**, [s.l.], v. 24, n. 4, p.1421-1435, 2016. Associação Brasileira de Psicologia. <http://dx.doi.org/10.9788/tp2016.4-13>. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2016000400013>. Acesso em: 06 jul. 2017.

GROPPO, Luís Antonio. Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis. **em Tese**, [s.l.], v. 12, n. 1, p.4-33, 13 jul. 2015. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/1806-5023.2015v12n1p4>. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/1806-5023.2015v12n1p4/29763>>. Acesso em: 08 fev. 2018.

GUIZZO, Bianca Salazar; KRZIMINSKI, Clarissa de Oliveira; OLIVEIRA, Dora Lúcia Leidens Correa de. O software QSR NVIVO 2.0 na análise qualitativa de dados: ferramenta para a pesquisa em ciências humanas e da saúde. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, [s.l.], v. 24, n. 1, p.53-60, 2003. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/4437>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

HAGE, S. M.; SILVA, L. I. O programa disque 100 e a rede de proteção aos direitos humanos na região norte: configuração, dificuldades e indicadores de dinamização. **Direitos de Crianças e Adolescentes na Amazônia: Referências para a formação de Conselheiros Tutelares e de Direitos e outros atores do Sistema de Garantia**, v. 1, p. 19, 2016.

HENRIQUES, Ricardo. **Texto para discussão nº 807: desigualdade racial no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90.** Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea, 2001. Disponível em:

<http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=4061>. Acesso em: 23 abr. 2017.

KARINO, Camila Akemi; LAROS, Jacob A.. Ansiedade em situações de prova: evidências de validade de duas escalas. **Psico-usf**, [s.l.], v. 19, n. 1, p.23-36, abr. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-82712014000100004>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712014000100004>. Acesso em: 08 fev. 2018.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de Indicadores Sociais. 2000-2010.

_____. **Síntese de indicadores sociais:** uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: Ibge - Coordenação de População e Indicadores Sociais., 2016. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES SOCIAIS E ECONÔMICAS (IBASE); INSTITUTO PÓLIS. **Juventude Brasileira e Democracia:** participação, esferas e políticas públicas (Metodologia).: Ibase, Instituto Pólis, 2006. Disponível em: <<http://polis.org.br/publicacoes/juventude-brasileira-e-democracia-participacao-esferas-e-politicas-publicas-relatorio-regional-metodologia/>>. Acesso em: 26 jul. 2017.

JANSEN, Karen et al. Eventos de vida estressores e episódios de humor: uma amostra comunitária. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 19, n. 9, p.3941-3946, set. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232014199.12932013>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232014000903941&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 06 jul. 2017.

JUNQUEIRA, Maria de Fátima Pinheiro da Silva; DESLANDES, Suely Ferreira. Resiliência e maus-tratos à criança. **Cadernos de Saúde Pública**, [s.l.], v. 19, n. 1, p.227-235, fev. 2003. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-311x2003000100025>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2003000100025&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 13 fev. 2018.

KATSURAYAMA, Marilise et al. Fatores de risco e proteção em estudantes de medicina da Universidade Federal do Amazonas. **Psicologia Para América Latina**, México, p.0-0, jun. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2009000100006>. Acesso em: 05 maio 2017.

KOLLER, Sílvia Helena (Org.). **Ecologia do Desenvolvimento Humano: pesquisa e intervenção no Brasil**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

KRISTENSEN, Christian Haag et al. Análise da frequência e do impacto de eventos estressores em uma amostra de adolescentes. **Interação em Psicologia**, [s.l.], v. 8, n. 1, p.45-55, 30 jun. 2004. Universidade Federal do Parana. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v8i1.3238>. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/3238/2599>>. Acesso em: 06 jun. 2017.

_____; SCHAEFER, Luiziana Souto; BUSNELLO, Fernanda de Bastani. Estratégias de coping e sintomas de stress na adolescência. **Estudos de Psicologia (campinas)**, [s.l.], v. 27, n. 1, p.21-30, mar. 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-166x2010000100003>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2010000100003&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 06 jul. 2017.

LEÓN, Oscar Dávila. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: FREITAS, Maria Virgínia de. **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005. p. 10-18. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05623.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2017.

LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra; KOLLER, Sílvia Helena. **Adolescência e Juventude: risco e proteção na realidade brasileira**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

LIMA, Rebeca Fernandes Ferreira. **Bem-estar subjetivo de crianças e adolescentes em situação de rua**. 2014. 140 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Psicologia, Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2014. Disponível em: <<https://uolp.unifor.br/oul/ObraBdtdSiteTrazer.do?method=trazer&ns=true&obraCodigo=92916#>>. Acesso em: 23 maio 2017.

LIMA, Rebeca Fernandes Ferreira; MORAIS, Normanda Araujo de. Fatores associados ao bem-estar subjetivo de crianças e adolescentes em situação de rua. **Psico**, [s.l.], v. 47, n. 1, p.24-34, 26 jan. 2016. EDIPUCRS. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2016.1.20011>. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/20011>>. Acesso em: 06 jul. 2017.

LIPP, Marilda Emmanuel Novaes. O que eu tenho é stress? De onde ele vem? In: LIPP, Marilda Emmanuel Novaes (Org.). **O stress está dentro de você**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 11-18. Disponível em: <<http://www.insightpsiquiatria.com.br/images/2014/pdfs/O-Stress-esta-Dentro-de-Voce.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2017.

LISBOA, Carolina Saraiva de Macedo. **Comportamento Agressivo, vitimização e relações de amizade de crianças em idade escolar: fatores de risco e proteção**. 2005. 146 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2005. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/6875>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

LOPES, Juliana; LOUREIRO, Sonia Regina. Enfrentamento e regulação emocional de crianças filhas de mães depressivas. **Interação em Psicologia**, [s.l.], v. 11, n. 2, p.253-262, 31 dez. 2007. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v11i2.6807>. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/6807>>. Acesso em: 06 jul. 2017.

MAIA, Oviene Marcondelli Dias; WILLIAMS, Lucia Cavalcanti de Albuquerque. Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área. **Temas em Psicologia**, [s.l.], v. 13, n. 2, p.91-103, 2005. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v13n2/v13n2a02.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2018.

MARTINS, Paula Cristina Marques. **Proteção de crianças e jovens em itinerários de risco: representações sociais, modos e espaços**. 2004. 492 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado, Universidade do Minho, Minho (Portugal), 2004. Disponível em:

<<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3238/1/1. Parte teórica.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

MARTINS-MONTEVERDE, Camila Maria Severi; PADOVAN, Thalita; JURUENA, Mario Francisco. Trauma and stressor-related disorders. **Medicina (ribeirao Preto. Online)**, [s.l.], v. 50, n. 1, p.37-50, 4 fev. 2017. Universidade de Sao Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBiUSP. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-7262.v50isupl1.p37-50>. Disponível em: <<http://revista.fmrp.usp.br/2017/vol50-Supl-1/Simp4-Transtornos-relacionados-a-traumas-e-a-estressores.pdf>>. Acesso em: 08 fev. 2018.

MAIA, Rosely Cardoso; SILVA, Lúcia Isabel da Conceição; NUNES, Tatiene Germano Reis. **Violência intrafamiliar**: identificando manifestações e formas de exposição na juventude paraense. 2013. 110 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

_____. **Risco e proteção à violência intrafamiliar nas trajetórias desenvolvimentais de adolescentes e jovens**. 2017. 172 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017. Disponível em: <<http://ppgedufpa.com.br/arquivos/File/DissertaRosely.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

MARGIS, Regina et al. Relação entre estressores, estresse e ansiedade. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, [s.l.], v. 25, n. 1, p.65-74, abr. 2003. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-81082003000400008>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082003000400008>. Acesso em: 07 maio 2017.

MARTURANO, Edna Maria; TRIVELLATO-FERREIRA, Marlene de Cássia; GARDINAL, Elaine Cristina. Estresse cotidiano na transição da 1ª série: percepção dos alunos e associação com desempenho e ajustamento. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, [s.l.], v. 22, n. 1, p.93-101, 2009. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-79722009000100013>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722009000100013&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 06 jul. 2017.

MATOS, Mariana Bonati de et al. Eventos estressores na família e indicativos de problemas de saúde mental em crianças com idade escolar. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 20, n. 7, p.2157-2163, jul. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015207.17452014>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232015000702157&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 06 jul. 2017.

MATSUKURA, Thelma Simões. Situações estressoras e fatores protetivos: percepções de meninas adolescentes que cumprem medidas socioeducativas. **Mundo da Saúde**, São Paulo, v. 37, n. 1, p.25-34, 2013. Disponível em: <http://bvsm.sau.gov.br/bvs/artigos/mundo_saude/situacoes_estressoras_fatores_protetivos.pdf>. Acesso em: 25 maio 2017.

MEDINA, Eugenia Urra; PAILAQUILÉN, René Mauricio Barría. A revisão sistemática e a sua relação com a prática baseada na evidência em saúde. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, [s.l.], v. 18, n. 4, p.1-8, 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/4225/5269>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

MORAIS, Normanda Araújo de; KOLLER, Sílvia Helena; RAFFAELLI, Marcela. Eventos Estressores e Indicadores de Ajustamento entre Adolescentes em Situação de Vulnerabilidade Social no Brasil. **Universitas Psychologica**, Bogotá (Colômbia), v. 9, n. 3, p.787-806, set. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1657-92672010000300015>. Acesso em: 06 jul. 2017.

_____. _____. _____. Rede de apoio, eventos estressores e mau ajustamento na vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. **Univ. Psychol**, Bogotá (Colômbia), v. 11, n. 3, p.779-791, set. 2012. Disponível em: <<http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/revPsycho/article/view/779>>. Acesso em: 06 jul. 2017.

MOREIRA, Jacqueline Oliveira; ROSÁRIO, Ângela Buciano; SANTOS, Alessandro Pereira. Juventude e adolescência: considerações preliminares. **Psico**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p.457-464, 2011. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/8943>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

NASCIMENTO, Tábita Cristina Modesto. **O tempo livre e a produção da existência da juventude do campo**: um estudo com jovens estudantes do assentamento João Batista II - PA. 2017. 145 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Universidade Federal do Pará - UFPA, Belém, 2017. Disponível em: <<http://ppgedufpa.com.br/arquivos/File/Tabita.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

NARDI, Fernanda Lüdke. **Adolescentes em conflito com a lei**: percepções sobre família, ato infracional e medida sócio-educativa. 2010. 97 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000740973&loc=2010&l=15ecb9c9407f62d9>>. Acesso em: 07 abr. 2017.

NARDI, Fernanda Ludke; JAHN, Guilherme Machado; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Perfil de adolescentes em privação de liberdade: eventos estressores, uso de drogas e expectativas de futuro DOI - 10.5752/P.1678-9523.2014v20n1p116. **Psicologia em Revista**, [s.l.], v. 20, n. 1, p.116-137, 30 jul. 2014. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. <http://dx.doi.org/10.5752/p.1678-9523.2014v20n1p116>. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682014000100008>. Acesso em: 06 jul. 2017.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. O modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano. In: KOLLER, Sílvia Helena (Org.). **Ecologia do Desenvolvimento Humano: pesquisa e intervenção no Brasil**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 51-66.

NEUZING, Vanessa Luiz. **A pesquisa escolar como elemento integrador dos recursos de biblioteca, internet, e sala de aula para a construção do conhecimento**. 2004. 260 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/87495>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

NUNES, Tatiene Germano Reis et al. Fatores de risco e proteção na escola: Reprovação e expectativas de futuro de jovens paraenses. **Psicologia Escolar e Educacional**, [s.l.], v. 18, n. 2, p.203-210, ago. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2014/0182732>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572014000200203&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 07 fev. 2017.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO – OIT. **A crise do emprego jovem**: Tempo de agir. Genebra: Bureau Internacional do Trabalho, 2012. Relatório Técnico. Disponível em: http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_emp/---ed_emp_msu/documents/meetingdocument/wcms_242019.pdf. Acesso em: 06 fev. 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS (World Health Organization – WHO). **Young People’s Health**: a challenge for society. Geneva: World Health Organization, 1986. Relatório técnico de um grupo de estudo da OMS sobre jovens e saúde para todos. Disponível em: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/41720/1/WHO_TRS_731.pdf. Acesso em: 05 fev. 2017.

_____. **Preventing suicide**: A global imperative, 2014. Disponível em: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/131056/1/9789241564779_eng.pdf. Acesso em: 27 maio 2017.

_____. **Depression and Other Common Mental Disorders**: Global Health Estimates, 2017. Disponível em: <http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/254610/1/WHO-MSD-MER-2017.2-eng.pdf>. Acesso em: 30 maio 2017.

_____. **Depressão é tema de campanha da OMS para o Dia Mundial da Saúde de 2017**. 2017. Disponível em: http://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5321:depressao-e-tema-de-campanha-da-oms-para-o-dia-mundial-da-saude-de-2017&Itemid=839. Acesso em: 23 abr. 2017.

_____. **Relatório Mundial Sobre a Prevenção da Violência**. 2014. Disponível em: <http://nevusp.org/wp-content/uploads/2015/11/1579-VIP-Main-report-Pt-Br-26-10-2015.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2018.

_____. **Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher**: Ação e produção de evidência. 2010. Disponível em: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/44350/3/9789275716359_por.pdf. Acesso em: 17 fev. 2018.

_____. **Relatório mundial sobre saúde e violência**. Genebra: OMS; 2002. Disponível em: <https://www.opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saude.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2018.

_____. **Depressão é tema de campanha da OMS para o Dia Mundial da Saúde de 2017**. 2016. Disponível em: http://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5321:depressao

-e-tema-de-campanha-da-oms-para-o-dia-mundial-da-saude-de-2017&Itemid=839>. Acesso em: 03 fev. 2018.

OCDE, Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. **How's Life? 2013**. [s/l], 2013. Disponível em: <http://www.keepeek.com/Digital-Asset-Management/oecd/economics/how-s-life-2013_9789264201392-en#.Wo7kK-dv-00#page2>. Acesso em: 23 jan. 2018.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Social: Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa**, Lisboa, v. 25, n. 105-106, p.139-165, 1990. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2017.

PALUDO, Simone dos Santos; SCHIRÒ, Eva Diniz Bensaja Dei. Um estudo sobre os fatores de risco e proteção associados à violência sexual cometida contra adolescentes e jovens adultos. **Estudos de Psicologia (natal)**, [s.l.], v. 17, n. 3, p.397-404, dez. 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-294x2012000300007>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2012000300007>. Acesso em: 07 fev. 2017.

PAPALIA, E. D.; OLDS, S. W; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. Disponível em: <<http://minhateca.com.br/Morgana.Monteiro/Pediatria/Livro+-+Desenvolvimento+Humano+-+Papalia,1024606696.PDF>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, [s.l.], n. 5, p.15-24, 1997. Disponível em: <http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_04_ANGELINA_PERALVA.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2017.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO - PNUD. **Informe Regional de Desarrollo Humano (2013-2014): Seguridad Ciudadana con rostro humano: diagnóstico y propuestas para América Latina**. 2013.

PEREIRA, Priscila Krauss et al. Complicações obstétricas, eventos estressantes, violência e depressão durante a gravidez em adolescentes atendidas em unidade básica de saúde. **Archives Of Clinical Psychiatry (são Paulo)**, [s.l.], v. 37, n. 5, p.216-222, 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-60832010000500006>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832010000500006>. Acesso em: 06 jul. 2017.

POLETTO, M.; KOLLER, S. H. Resiliência: Uma Perspectiva Conceitual e Histórica. In: DELL'AGLIO, D. D.; KOLLER, S. H.; YUNES, M. A. M. (Org.). **Resiliência e Psicologia Positiva: Interfaces do Risco a Proteção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 19-44.

_____. **Contextos ecológicos de promoção de resiliência para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade**. 2007. 104 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto

Alegre, 2007. Disponível em:
<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10812/000602162.pdf?sequence=1>>.
Acesso em: 07 jun. 2017.

_____. KOLLER, Sílvia Helena. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. **Estudos de Psicologia (campinas)**, [s.l.], v. 25, n. 3, p.405-416, set. 2008. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-166x2008000300009>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2008000300009&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 07 maio 2017.

_____. KOLLER, Sílvia Helena; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Eventos estressores em crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social de Porto Alegre. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 14, n. 2, p.455-466, abr. 2009. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-81232009000200014>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000200014>. Acesso em: 06 jul. 2017.

PASCHOARELLI, Luis Carlos; MEDOLA, Fausto Orsi; BONFIM, Gabriel Henrique Cruz. Características Qualitativas, Quantitativas de Abordagens Científicas: estudos de caso na subárea do Design Ergonômico. **Revista de Design, Tecnologia e Sociedade**, [s.l.], p.65-78, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/design-tecnologia-sociedade/article/view/19962/14151>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

PIETRO, Daniela; TAVARES, Marcelo. Fatores de risco para suicídio e tentativas de suicídio: incidência, eventos estressores e transtornos mentais. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Brasília, v. 54, n. 2, p.146-154, 2005.

PINTO, Agnes Caroline Souza et al. Risk factors associated with mental health issues in adolescents: a integrative review. **Revista da Escola de Enfermagem da Usp**, [s.l.], v. 48, n. 3, p.555-564, jun. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0080-62342014000300022>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342014000300022&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 08 fev. 2018.

RAIMUNDO, Valdencie José. A VIOLÊNCIA NO COTIDIANO DA JUVENTUDE NEGRA: UM OLHAR SOBRE A QUESTÃO. **Temporalis: Revista da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social**, Brasília, v. 14, n. 27, p.119-138, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/7168>>. Acesso em: 09 fev. 2017.

RAMOS, Maély Ferreira Holanda. **Modelo Social Cognitivo de Satisfação no Trabalho e Eficácia Coletiva: Percepções sobre a Docência**. 2015. 239 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém, 2015. Disponível em: <<http://ppgtpc.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/teses/Maely Ramos 2015.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2017.

SCARPATO, A. Estresse Pós-Traumático: a Situação Emocional de Pessoas Vítimas de Violência. **Psicologia Brasil**, São Paulo, v. 6, p. 10-14, 2004.

SOUZA, Airle Miranda de; CORRÊA, Victor Augusto Cavaleiro. Compreendendo o pesar do luto nas atividades ocupacionais. **Revista do Nufen**, São Paulo, v. 1, n. 2, p.113-148, 2009.

Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912009000200009>. Acesso em: 07 fev. 2018.

SANTOS, Mateus Souza dos; SILVA, Lúcia Isabel da Conceição. **Juventude, risco e proteção:** identificando percepções sobre a família, exposição às drogas e eventos estressores em estudantes residentes na cidade de Belém. Belém: Instituto de Ciências da Educação da UFPA (ICED-UFPA), 2015. Relatório de pesquisa.

_____. _____. NUNES, Tatiene Germano Reis. **Juventude, eventos estressores e família:** Um estudo da dinâmica interacional entre fatores de risco e de proteção em jovens estudantes da rede pública de Belém. 2016. 85 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

SAPIENZA, Graziela; PEDROMÔNICO, Márcia Regina Marcondes. Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. **Psicologia em Estudo**, [s.l.], v. 10, n. 2, p.209-216, ago. 2005. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-73722005000200007>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722005000200007&script=sci_abstract&tlng=es>. Acesso em: 22 maio 2017.

SCHNEIDER, Andréia Mello de Almeida; PACHECO, Janaína Thaís Barbosa. Eventos Estressores e Conduta Social na Adolescência. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, [s.l.], v. 3, n. 1, p.23-32, jul. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202010000100004>. Acesso em: 06 jul. 2017.

SENNA, Sylvia Regina Carmo Magalhães; DESSEN, Maria Auxiliadora. Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [s.l.], v. 28, n. 1, p.101-108, mar. 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-37722012000100013>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722012000100013>. Acesso em: 13 maio 2017.

SILVA, Carla Regina; LOPES, Roseli Esquerdo. Adolescência e Juventude: Entre Conceitos e Políticas Públicas. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCAR**, São Carlos, v. 17, n. 2, p.87-106, jul. 2009. Disponível em: <<http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/100>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

SILVA, Enid Rocha Andrade; OLIVEIRA, Raissa Menezes de. Os Jovens Adolescentes No Brasil: A Situação Socioeconômica, A Violência E O Sistema De Justiça Juvenil. In: SILVA, Enid Rocha Andrade da; BOTELHO, Rosana Ulhôa (Org.). **Dimensões da Experiência Juvenil Brasileira e Novos Desafios às Políticas Públicas**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea, 2015. p. 293-339. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/160513_livro_dimensoes.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2017.

SILVA, Lúcia Isabel da Conceição. **Adolescência, juventude e violência:** fatores de risco e de proteção em diferentes contextos (escola, família, comunidade, pares e instituições de

atendimento). Belém: Instituto de Ciências da Educação da UFPA (ICED-UFPA), 2014. Projeto de Pesquisa.

_____. **Entre risco e proteção: o ser jovem em Belém do Pará.** Belém: Instituto de Ciências da Educação da UFPA (ICED-UFPA), 2013. Relatório de pesquisa.

_____. **Violências contra crianças, adolescentes e jovens: percepções sobre risco e proteção e dinâmica de atuação das redes de proteção (escola, família e comunidade).** Belém: Instituto de Ciências da Educação da UFPA (ICED-UFPA), 2017. Projeto de Pesquisa.

_____. SANTOS, Mateus Souza dos. **Juventude, risco e proteção: identificando percepções sobre a família, exposição às drogas e eventos estressores em estudantes residentes na cidade de Belém.** Belém: Instituto de Ciências da Educação da UFPA (ICED-UFPA), 2014. Plano de trabalho de iniciação científica.

SILVA, Rafael Lopes Sales; OLIVEIRA, Adriana Leônidas de. Juventude E Desenvolvimento: Estudo Sobre Fatores De Risco E Proteção De Adolescentes Da Cidade De Campos Do Jordão – SP. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Taubaté, v. 13, n. 1, p.264-283, 2017. Disponível em: <<http://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/2739/581>>. Acesso em: 07 fev. 2017.

SILVA, Rodnei Jericó da; VIOLÊNCIA, Suelaine Carneiro. **VIOLÊNCIA RACIAL:: Uma leitura sobre os dados de homicídios no Brasil.** São Paulo: Geledés Instituto da Mulher Negra e Global Rights Partners For Justice, 2009. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Violencia-Racial-Portal-Geledes.pdf>>. Acesso em: 08 mar. 2017.

THOMÉ, Luciana Dutra; TELMO, Alice Queiroz; KOLLER, Sílvia Helena. Inserção laboral juvenil: Contexto e opinião sobre definições de trabalho. In: DELL'AGLIO, D.D.; KOLLER, S. H. (Org.). **Adolescência e Juventude: Vulnerabilidade e Contextos de Proteção.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011, p. 17-46.

TRANCOSO, Alcimar Enéas Rocha; OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto. Juventudes: desafios contemporâneos conceituais. **Ecos: Estudos contemporâneos da subjetividade**, [s.l.], v. 4, n. 2, p.262-273, 2014. Disponível em: <<http://www.periodicoshumanas.uff.br/index.php/ecos/article/view/1371>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

TRICOLI, Valquíria A. C.; BIGNOTTO, Márcia M. Aprendendo a se estressar na infância. In: LIPP, Marilda Emmanuel Novaes (Org.). **O stress está dentro de você.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 113-126. Disponível em: <<http://www.insightpsiquiatria.com.br/images/2014/pdfs/O-Stress-esta-Dentro-de-Voce.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2017.

VILHENA, Karime; PAULA, Cristiane Silvestre de. Problemas de conduta: prevalência, fatores de risco/proteção; impacto na vida escolar e adulta. **Cadernos de Pós-graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, São Paulo, v. 17, n. 1, p.39-52, 2017. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpdd/v17n1/v17n1a05.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2018.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2014: Os jovens do Brasil**. Brasília: Secretaria Geral da Presidência da República; Secretaria Nacional de Juventude; Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2014. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2017.

_____. **Violência Letal Contra as Crianças e Adolescentes do Brasil**. Brasília: Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (Flacso), 2015. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/publicacoes/Violencia_Letal_web.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2017.

_____. **Mapa da violência 2016: Homicídios por arma de fogo no Brasil**. Brasília: Flacso - Brasil, 2016. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016_armas_web.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2017.

WATHIER, Josiane Lieberknecht; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Sintomas depressivos e eventos estressores em crianças e adolescentes no contexto de institucionalização. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, [s.l.], v. 29, n. 3, p.305-314, dez. 2007. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-81082007000300010>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082007000300010>. Acesso em: 06 jul. 2017.

WOYCIEKOSKI, Carla; NATIVIDADE, Jean Carlos; HUTZ, Claudio Simon. Eventos de vida constituem um construto? Evidências da impossibilidade de considerar eventos de vida um construto. **Temas em Psicologia**, [s.l.], v. 22, n. 1, p.13-24, 2014. Associação Brasileira de Psicologia. <http://dx.doi.org/10.9788/tp2014.1-02>. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000100002>. Acesso em: 06 maio 2017.

YUNES, Maria Angela Mattar; MIRANDA, Angela Torma; CUELLO, Sandra Eliana Sena. Um olhar ecológico para os riscos e as oportunidades de desenvolvimento de crianças e adolescentes institucionalizados. In: KOLLER, Silvia Helena (Org.). **Ecologia do Desenvolvimento Humano: pesquisa e intervenção no Brasil**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 197-218.

_____. SZYMANSKI, Heloísa. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. **Psiquiatria Geral**, [s.l.], 2001. Disponível em: <http://www.psiquiatriageral.com.br/psicossomatica/resiliencia_nocoos_conceitos.htm>. Acesso em: 28 jun. 2017.

ZANETI, Hermes. **Juventude e Revolução: uma velha história**. Brasília: Editora da UnB, 2001.

ZAPPE, Jana Gonçalves. **Comportamento de risco na adolescência: aspectos pessoais e contextuais**. 2014. 199 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Psicologia, Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/115076>>. Acesso em: 07 fev. 2017.

_____. DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Variáveis pessoais e contextuais associadas a comportamentos de risco em adolescentes. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, [s.l.], v. 65, n. 1, p.44-52, mar. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0047-2085000000102>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852016000100044>. Acesso em: 07 maio 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE 01: TESTE DE RELEVÂNCIA.

TESTE DE RELEVÂNCIA
(Aplicado aos artigos na íntegra)

Identificação do Estudo

QUESTÕES	SIM	NÃO
O objetivo do estudo tem relação com o que está sendo estudado?		
O método está descrito com clareza?		
O estudo deve ser incluído na revisão sistemática?		

Pesquisador (a): _____

APÊNDICE 02: PLANILHA PARA APLICAÇÃO DO TESTE DE RELEVÂNCIA.

Teste de Relevância																
Nº Artigo	1º Aspecto Juiz 1	1º Aspecto Juiz 2	Total Juizes1	Aspecto 1 - Concordância	Aspecto 1 - % Concordância	2º Aspecto Juiz 1	2º Aspecto Juiz 2	Total Juizes2	Aspecto 2 - Concordância	Aspecto 2 - % Concordância	3º Aspecto Juiz 1	3º Aspecto Juiz 2	Total Juizes3	Índice Concordância Aspecto	Aspecto 3 - % Concordância	IC
1ª	1	1	2	Sim	100%	1	1	2	Sim	100%	1	1	2	Sim	100%	100%
2ª	0	0	0	Não	0%	0	0	0	Não	0%	0	0	0	Não	0%	0%
3ª	0	0	0	Não	0%	0	0	0	Não	0%	0	0	0	Não	0%	0%
4ª	0	0	0	Não	0%	0	0	0	Não	0%	0	0	0	Não	0%	0%
5ª	1	1	2	Sim	100%	1	1	2	Sim	100%	1	1	2	Sim	100%	100%
6ª	0	0	0	Não	0%	0	0	0	Não	0%	0	0	0	Não	0%	0%
7ª	0	0	0	Não	0%	0	0	0	Não	0%	0	0	0	Não	0%	0%
8ª	0	0	0	Não	0%	0	0	0	Não	0%	0	0	0	Não	0%	0%
9ª	0	0	0	Não	0%	0	0	0	Não	0%	0	0	0	Não	0%	0%
10ª	0	0	0	Não	0%	0	0	0	Não	0%	0	0	0	Não	0%	0%
11ª	0	0	0	Não	0%	0	0	0	Não	0%	0	0	0	Não	0%	0%
12ª	1	1	2	Sim	100%	1	1	2	Sim	100%	1	1	2	Sim	100%	100%
13ª	1	1	2	Sim	100%	0	0	0	Não	0%	1	1	2	Sim	100%	67%
14ª	1	1	2	Sim	100%	0	0	0	Não	0%	1	1	2	Sim	100%	67%
15ª	1	1	2	Sim	100%	0	0	0	Não	0%	1	1	2	Sim	100%	67%
16ª	0	0	0	Não	0%	0	0	0	Não	0%	1	1	2	Sim	100%	33%
17ª	1	1	2	Sim	100%	0	0	0	Não	0%	1	1	2	Sim	100%	67%
18ª	0	0	0	Não	0%	0	0	0	Não	0%	0	0	0	Não	0%	0%
19ª	0	0	0	Não	0%	0	0	0	Não	0%	0	0	0	Não	0%	0%
20ª	0	0	0	Não	0%	0	0	0	Não	0%	0	0	0	Não	0%	0%
21ª	0	0	0	Não	0%	0	0	0	Não	0%	0	0	0	Não	0%	0%
22ª	0	0	0	Não	0%	0	0	0	Não	0%	0	0	0	Não	0%	0%
23ª	0	0	0	Não	0%	0	0	0	Não	0%	0	0	0	Não	0%	0%
24ª	0	0	0	Não	0%	0	0	0	Não	0%	0	0	0	Não	0%	0%

APÊNDICE 04: TERMO DE CONCORDÂNCIA PARA A INSTITUIÇÃO.

Somos integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisas em Adolescência, Juventude, Vulnerabilidade e Fatores de Proteção (GEPJUV), grupo de pesquisa ligado ao Instituto de Ciências da Educação – ICED/Faculdade de Educação – FAED e Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED. Desde 2010 desenvolvemos pesquisas sobre adolescência e juventude no Estado do Pará, especialmente na Região Metropolitana de Belém. Estas pesquisas nos possibilitaram construir um banco de dados sobre a juventude deste Estado e uma boa compreensão sobre o que é ser adolescente e jovem nesta região, compreendendo as inter-relações entre risco e proteção em diferentes contextos e dimensões.

Neste momento o GEPJUV está dando continuidade à pesquisa “Adolescência, juventude e violência: fatores de risco e proteção em diferentes contextos (escola, família e comunidade, pares e instituições de atendimento)” e se propõe a compreender o fenômeno da violência contra crianças, adolescentes e jovens, partindo de uma visão ampla e diversificada dos diferentes atores da Rede de proteção, em especial escola e comunidade, discutindo ainda seus impactos no desenvolvimento destes sujeitos. É uma proposta pretende ampliar conhecimentos em nosso banco de dados e este sob coordenação da Profa. Dra. Lúcia Isabel da Conceição Silva (SILVA: 2013; 2014; 2015).

Esta fase inclui: 1) Devolução, em forma de rodas de conversas, dos resultados para as escolas e estudantes que participaram dos estudos anteriores e os que irão participar da nova pesquisa; 2) Aplicação de novos instrumentos de coleta de dados. Por este motivo, temos o prazer de convidar a vossa instituição para participar destes momentos, ao mesmo tempo em que solicitamos autorização para realiza-los nos espaços e com estudantes de 12 a 29 anos desta escola.

Esclarecemos que a adesão da escola absolutamente voluntária, sem nenhum custo e que Vossa Senhoria poderá solicitar quaisquer outras informações sobre o trabalho em qualquer momento. Informamos por fim que todos os cuidados éticos estão obedecidos na realização deste estudo, incluindo o anonimato dos dados coletados mediante observância na Res. 406/2012 do CNS.

Estamos realizando a pesquisa “Violências contra crianças, adolescentes e jovens: percepções sobre risco e proteção e dinâmica de atuação das redes de proteção (escola, família e comunidade)”, cujo objetivo consiste em construir uma compreensão abrangente sobre o fenômeno da violência contra crianças, adolescentes e jovens e possibilidades de enfrentamento, identificando a exposição à violência, concepções dos sujeitos e instituições, atuação da rede de proteção e impactos nos processos de desenvolvimento. Tal pesquisa prevê a participação de adolescentes e jovens na faixa etária de x a x anos, de ambos os sexos. Para tanto, solicitamos a autorização para realizar esta pesquisa nesta instituição.

Os adolescentes e jovens participantes da pesquisa serão devidamente esclarecidos de que a sua contribuição é voluntária e pode ser interrompida em qualquer momento, sem prejuízo algum. Em qualquer fase, os participantes e/ou a instituição poderão solicitar informações acerca da pesquisa.

Profa. Dra. Lúcia Isabel da Conceição Silva
Coordenadora GEPJUV

APÊNDICE 05: FORMULÁRIO DE INFORMAÇÕES SOCIODEMOGRÁFICAS (FIES).

Turma: _____ Turno: _____ Série: _____

Idade:	2. Naturalidade (Em qual município nasceu?):
3. Bairro onde mora?	4. Sua casa é: a. Alugada () b. Própria () c. Cedida () d. Financiada ()
5. Sexo: a. () masculino b. () feminino	
6. Cor/raça: a. () amarela b. () branca c. () indígena d. () parda e. () negra f. () outra raça. Qual?	
7. Estado civil: a. () solteiro b. () casado ou vive junto c. () outra situação. Qual?	
8. Tem filhos: a. () não b. () sim. c. Quantos?	
9. Religião: a. () afro-brasileira/ b. () católica/ c. () espírita/ d. () evangélica/protestante/ e. () judaica/ f. () oriental/ g. () acredita e Deus / sem religião/ h. () não acredita em Deus/sem religião.	

10. Com quem você mora? (Marque todas as pessoas que moram na mesma casa que você)

a. () Pai	e. () Irmãos e/ou irmãs	i. () Cunhado ou cunhada	l. () Sozinho
b. () Mãe	f. () Tio e /ou Tias	j. () Sobrinhos	m. () Amigos/as
c. () Padrasto	g. () Esposa, marido ou namorado	k. () Primos	n. () Outras pessoas
d. () Madrasta	h. () Avó ou Avô		

11. Quem trabalha na sua casa? (Cite mais de uma pessoa, se for necessário) _____

12. Você alguma vez já teve que parar de estudar para trabalhar

() Não () Sim.

13. Qual a renda familiar?

- a. () Não tem renda b. () De 01 a 02 Salários c. () De 03 a 05 SM d. () De 05 a 10 SM e. () Acima de 10 SM
Mínimo (SM).

13.1 Quantas pessoas são mantidas com essa renda?

14. A família recebe algum benefício social? a. () sim b. () não

- Se sim, qual (is):

- a. () Bolsa família c. () Bolsa trabalho e. () Aposentadoria
b. () Bolsa escola d. () Auxílio doença f. () Pensão alimentícia
g. () Outro(s) Qual (is) _____

15. Você já foi reprovado?

- a. () Não
b. () Sim
c. Quantas vezes? _____

16. Você já foi expulso de alguma escola?

- a. () Não
b. () Sim
c. Quantas vezes? _____
d. Por quê? () Brigas () Faltas () Outro: _____

17. Você tem alguma doença crônica (diabetes, AIDS, câncer, insuficiência renal, outra)?

- a. () Não
b. () Sim Qual? _____

18. Você tem algum problema mental/psicológico ou dos nervos? a. () Não b. () Sim c. Qual? _____

d. Você já procurou algum tipo de auxílio/tratamento? () sim () não

19. Você tem algum tipo de deficiência:

a. () Não b. () Sim () Visual () Auditiva () Física () Outra
Qual? _____

20. Qual a escolaridade da sua mãe?

- a. () Não conheço minha mãe
b. () Não frequentou a escola
c. () Ensino Fundamental (da 1ª a 4ª série)
d. () Ensino Fundamental (da 5ª a 8ª série)
e. () Ensino Médio incompleto.
f. () Ensino Médio completo
g. () Curso pré-vestibular
h. () Ensino Superior incompleto
i. () Ensino Superior completo
j. () Pós-graduação.

21. Qual a escolaridade do seu pai?

- a. () Não conheço meu pai
b. () Não frequentou a escola
c. () Ensino Fundamental (da 1ª a 4ª série)
d. () Ensino Fundamental (da 5ª a 8ª série)
e. () Ensino Médio incompleto.
f. () Ensino Médio completo
g. () Curso pré-vestibular
h. () Ensino Superior incompleto
i. () Ensino Superior completo
j. () Pós-graduação.

APÊNDICE 06: CENÁRIO PROVOCATIVO DO GRUPO DE DIÁLOGO.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - UFPA
 INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - ICED
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGED
 GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ADOLESCÊNCIA, JUVENTUDE E FATORES DE VULNERABILIDADES E PROTEÇÃO - GEPJUV



Mestrando: Mateus Souza dos Santos.
 Orientadora: Prof.ª Dr.ª Lúcia Isabel da Conceição Silva.

A PESQUISA:

- Trata-se de uma pesquisa de mestrado desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPA (PPGED – UFPA);
- OBJETIVO:** Compreender as implicações da exposição a eventos estressores no desenvolvimento de adolescentes e jovens estudantes de escolas públicas e as possíveis dinâmicas interacionais entre fatores de risco (eventos estressores) e fatores de proteção.

ETAPAS:

1) INVENTÁRIO:

Instrumento: Inventário de Eventos Estressores na Adolescência (IEEA);
Contexto: 8 Escolas públicas de Belém/PA;
Participantes: 510 adolescentes e jovens.

2) GRUPOS DE DIÁLOGO:

Dois (2) Grupos de Diálogo em uma das escolas participantes da primeira etapa.

CRITÉRIOS ÉTICOS:

- Resolução no. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS);
- Participação voluntária;
- Os Grupos de Diálogo serão gravados, mantendo-se o **sigilo de todas as informações pessoais dos participantes.**

EVENTOS ESTRESSORES

Situações causadoras de **Estresse.**

Excitação emocional que perturba o equilíbrio interno da pessoa.

Exemplos:



RESULTADOS DA PESQUISA

EVENTOS
MAIS
FREQUENTES

1. Morte de outro familiar (f=361);
2. Ter provas no colégio (f=355);
3. Discutir com amigos (f=353);
4. Ter brigas com irmãos (f=337);
5. Obedecer às ordens dos pais (f=329);
6. Mudar de escola (f=272);
7. Não ter dinheiro (f=271);
8. Ser impedido de ir a festas ou passeios (f=271);
9. Ter familiares com ferimentos ou doenças (f=253);
10. Ser assaltado (f=252);
12. Separação dos pais (f=231).
13. Morte de amigo (f=218).
14. Ser expulso da sala de aula pelo professor (f=200).

⊖ Nada Ruim ⊖ Um Pouco Ruim ⊖ Mais ou Menos ⊖ Muito Ruim ⊖ Horrível

EVENTOS
CITADOS
COMO
MAIS
RUINS

1. Fazer aborto / A namorada fazer aborto (M=4,71);
2. Ser estupro (M=4,65);
3. Ser tocado sexualmente contra a vontade (M=4,28);
4. Morte de um dos pais (M=4,27);
5. Ser levado para uma instituição de abrigo (M=4,25);
6. Sofrer agressão física ou ameaça de agressão por parte dos pais (M=4,14);
7. Morte de outro familiar (M=4,00);
8. Morte de amigo (M=3,98);
9. Ser Assaltado (M=3,93);
10. Ser rejeitado pelos familiares (M=3,85);
11. Ser expulso da escola (M=3,83);
12. Ir para o conselho tutelar (M= 3,80);
13. Ter sofrido algum tipo de violência (M= 3,79);
14. Ficar grávida / A namorada ficar grávida (M= 3,65).

**Existem outros Eventos
Estressores que você já
vivenciou, mas que não
apareceram na
pesquisa?**

**Muito obrigado!
Agradecemos sua participação!**

**GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ADOLESCÊNCIA,
JUVENTUDE E FATORES DE VULNERABILIDADES E PROTEÇÃO -
GEPJUV**

End.: Segundo andar do Instituto de Ciências da Educação da
UFPA/Campus Profissional/SALA: 31.

Coordenadora: Prof.^a Dr.^a Lúcia Isabel da Conceição Silva
Luciaisabel@ufpa.br

Mestrando:

Mateus Souza dos Santos

Mateusufpa@gmail.com

APÊNDICE 07: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.

Pesquisa: Violência intrafamiliar contra adolescentes e jovens: exposição e percepções sobre risco e proteção nas suas trajetórias de desenvolvimento

Você está sendo convidado para participar do estudo “Violência intrafamiliar contra adolescentes e jovens: exposição e percepções sobre risco e proteção nas suas trajetórias de desenvolvimento”, cujo objetivo consiste em **investigar a exposição à violência no contexto familiar de adolescentes/jovens, identificando suas percepções sobre esta violência e sobre os fatores de risco e proteção presentes nas suas trajetórias de desenvolvimento**”. A pesquisa será realizada através de entrevista semiestruturada.

Esclarecemos que a participação é totalmente voluntária, podendo o(a) senhor(a) solicitar a recusa ou desistência de participação do mesmo a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo. Esclarecemos, também, que as serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa (ou para esta e futuras pesquisas) e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a identidade do adolescente ou do jovem.

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução no. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.

Ao concordar com esta pesquisa, o participante não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo possa evidenciar como se configura a exposição à violência intrafamiliar em adolescentes e jovens, quais as percepções destes sobre esta violência e ainda, como podem impactar nas suas trajetórias de desenvolvimento, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa, onde pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.

O sujeito não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Belém, ____/____/____

Assinatura do sujeito /representante responsável

Belém, ____/____/____

Assinatura da testemunha
(para caso de sujeitos menores de 18 anos, analfabetos, semi-analfabetos ou portadores de deficiência auditiva ou visual, privados de liberdade e etc...)

Belém, ____/____/____

Assinatura do sujeito que colheu o TCLE

(Somente para o responsável do projeto) Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste paciente ou representante legal para a participação neste estudo.

Belém, ____/____/____

ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Nome:

APÊNDICE 08: TERMO DE ASSENTIMENTO PARA MENORES DE 18 ANOS.

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “Violências contra crianças, adolescentes e jovens: percepções sobre risco e proteção e dinâmica de atuação das redes de proteção (escola, família e comunidade)”. Nesta pesquisa pretendemos “construir uma compreensão abrangente sobre o fenômeno da violência contra crianças, adolescentes e jovens e possibilidades de enfrentamento, identificando a exposição à violência, concepções dos sujeitos e instituições, atuação da rede de proteção e impactos nos processos de desenvolvimento”. A pesquisa consiste na aplicação de questionário e/ou entrevista. Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um Termo de Consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Esta pesquisa apresenta risco mínimo (ou risco maior que o mínimo, se for o caso), isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler e etc. Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo “Violências contra crianças, adolescentes e jovens: percepções sobre risco e proteção e dinâmica de atuação das redes de proteção (escola, família e comunidade)”. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confiabilidade e de esclarecimentos. Ficou claro também que a minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia de acesso aos resultados do estudo quando necessário. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Agradecemos a colaboração aos participantes e colocamo-nos à disposição esclarecimentos adicionais com a coordenadora Profa. Dra. Lúcia Isabel Silva (3233-0606). Caso tenha alguma dúvida, o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Hospital Universitário João de Barros Barreto estará à disposição no telefone (91) 3201-6754.

Belém, _____/_____/2017

Assinatura do participante

Belém, _____/_____/2017

Assinatura dos pais/responsáveis do participante

Belém, _____/_____/2017

Assinatura do pesquisador responsável

ANEXOS

ANEXO 01:
INVENTÁRIO DE EVENTOS ESTRESSORES NA ADOLESCÊNCIA - IEEA

COD/ID: _____

Abaixo estão apresentados alguns eventos que podem ter acontecido na sua vida, provocando uma reação de tensão que chamamos de estresse. Damos o nome de estresse a um conjunto de reações físicas e psicológicas que temos quando passamos por uma situação de vida difícil, que nos dá medo, incomoda ou irrita. Marque aqueles eventos de vida que já ocorreram com você e assinale, para estes, um valor entre 1 a 5 de forma que quanto maior for o valor, mais forte foi o estressor para você. Considere o seguinte exemplo:

00) Ter problemas de saúde

Não ()

Sim (X) 1() 2() 3() 4() 5(X)

Nesse exemplo, o adolescente realmente teve problemas de saúde e considerou isso um evento estressor muito forte. Portanto, assinalou a alternativa “Sim” e marcou o valor “5”. Se o ou a adolescente não tivesse passado por nenhum problema de saúde, ele/ela assinalaria a alternativa “Não” e nenhum valor seria atribuído ao evento, pois o mesmo não ocorreu. Leia com atenção às alternativas abaixo e trabalhe individualmente. Muito obrigado pela sua colaboração.

1) Ter problemas com professores

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

2) Ter problemas com a polícia

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

3) Não ter dinheiro

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

4) Ter problemas com a justiça

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

5) Reprovar de ano na escola

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

6) Um dos pais ter filhos com outros parceiros

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

7) Perder o emprego

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

8) Ter problemas e dúvidas quanto às mudanças no corpo e aparência

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

9) Não ter amigos (as)

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

10) Não conseguir emprego

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

11) Mudar de escola

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

12) Mudar de casa ou de cidade

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

13) Assumir o sustento da sua família

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

14) Ser levado para uma instituição de medida socioeducativa

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

15) Ir para o conselho tutelar

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

16) Morte de um dos pais

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

17) Morte de irmãos (ãs)

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

18) Morte de outro familiar

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

19) Morte de amigo (a)

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

20) Discutir com amigos (as)

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

21) Ter brigas com irmãos (ãs)

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

22) Ter familiares com ferimentos ou doenças

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

23) Um dos pais ficar desempregado

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

24) Ter dormido na rua

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

25) Ter amigos (as) com ferimentos ou doenças

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

26) Não receber cuidado e atenção dos pais

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

27) Ser impedido (a) de ir a festas ou passeios

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

28) Ter que obedecer às ordens de seus pais

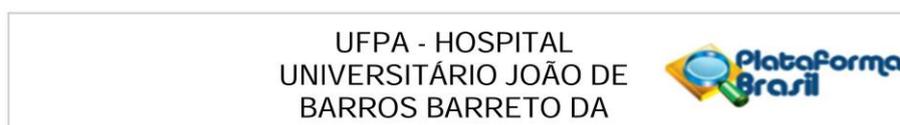
Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

- 29) Ter crise nervosa
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- 30) Ter doenças graves ou lesões sérias
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- 31) Ter problemas com os outros pela sua raça
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- 32) Ter dificuldades de adaptação/ajustamento na escola
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- 33) Sofrer humilhação ou ser desvalorizado (a)
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- 34) Sofrer castigos e punições
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- 35) Ter dificuldades em fazer amizades
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- 36) Um dos pais se casar novamente
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- 37) Sofrer agressão física ou ameaça de agressão por parte dos pais
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- 38) Ser tocado (a) sexualmente contra a vontade
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- 39) Ser suspenso (a) da escola
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- 40) Ter sido adotado (a)
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- 41) Ficar grávida / A namorada ficar grávida
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- 42) Fazer aborto / A namorada fazer aborto
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- 43) Ser levado (a) para uma instituição de abrigo
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- 44) Ter problemas no trabalho
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- 45) Ter provas no colégio
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- 46) Ficar pobre
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- 47) Usar drogas
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- 48) Um dos pais ter que morar longe por causa do serviço
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- 49) Envolver-se em brigas com agressão física
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- 50) Ser estuprado (a)
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- 51) Ser rejeitado (a) pelos familiares
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- 52) Ser assaltado (a)
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- 53) Ser xingado (a) ou ameaçado (a) verbalmente
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- 54) Separação dos pais
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- 55) Ser expulso (a) da escola
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- 56) Ser expulso (a) da sala de aula pelo/a professor/a
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- 57) Ter sofrido algum tipo de violência
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- 58) Terminar o namoro/noivado/casamento
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- 59) Sentir-se rejeitado (a) por colegas e amigos(as)
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- 60) Sofrer acidente
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- 61) Ter problemas com autoridades ou chefia
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- 62) Ter mau relacionamento com colegas
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- 63) Ser impedido (a) de ver os pais
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- 64) Ser pobre
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()

ANEXO 02:

APROVAÇÃO DO PROJETO NO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO JOÃO DE BARROS BARRETO DA UFPA.



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Violências contra crianças, adolescentes e jovens: percepções sobre risco e proteção e dinâmica de atuação das redes de proteção (escola, família e comunidade).

Pesquisador: LUCIA ISABEL DA CONCEICAO SILVA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 67268317.5.0000.0017

Instituição Proponente: Universidade Federal do Pará

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.082.557

Apresentação do Projeto:

A Pesquisa tem por objetivo construir compreensão abrangente sobre o fenômeno da violência contra crianças, adolescentes e jovens e possibilidades de enfrentamento, identificando exposição à violência, concepções dos sujeitos e instituições, atuação da rede de proteção e impactos nos processos de desenvolvimento. Para isto seguirá um desenho metodológico de associação de metodologias (quantitativa e qualitativa) que permitam tanto revelar padrões ou comportamentos mais grupais (dados quantitativos) quanto as dimensões de processos e significações, que podem ser acessados pelas metodologias qualitativas; além disso, acredita-se contribuir com a própria discussão da validade da multimetodologia na investigação dos processos de desenvolvimento humano (DESSEN & COSTA, 2005). Dessa forma, serão adotados os seguintes procedimentos e instrumentos: Instituições: O estudo será realizado em duas instituições da Rede de Proteção de Direitos: Escola e Conselhos Tutelares de um bairro da Periferia da cidade de Belém (Pará). Participarão deste estudo 650 adolescentes e jovens com idades entre 14 e 29 anos, de ambos os sexos, residentes na cidade de Belém, estado do Pará e estudantes de cinco escolas de um bairro da periferia da cidade (02 escolas de Ensino Fundamental e 03 escolas de Ensino Médio). Serão aplicados sete (07) instrumentos ou procedimentos diferentes, segundo a descrição a seguir: 1) Inventário sociodemográfico e de

Endereço: RUA DOS MUNDURUCUS 4487		CEP: 66.073-000
Bairro: GUAMA		
UF: PA	Município: BELEM	
Telefone: (91)3201-6754	Fax: (91)3201-6663	E-mail: cephujbb@yahoo.com.br

UFPA - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO JOÃO DE
BARROS BARRETO DA



Continuação do Parecer: 2.082.557

identificação de eventos, exposição e percepções sobre a violência para adolescentes e jovens – ISD-IEEPV”, que será aplicado para 650 adolescentes e jovens; 2) Questionário de Redes Sociais Pessoais, com objetivo de coletar dados da rede pessoal dos sujeitos e será aplicado a 50 adolescentes e jovens (escolhidos por conveniência); Inventário de eventos estressores na adolescência, que será aplicado para 200 adolescentes (escolhidos por conveniência) com objetivo de compreender a frequência e o impacto de situações estressantes na adolescência; 4) Além disso, uma sub amostra de 60 adolescentes e jovens (escolhidos por conveniência) participarão de Grupos Focais (GFs). Serão realizados 04 Grupos Focais, com 15 adolescentes e jovens cada. Outra sub amostra de 08 jovens (sendo 04 do sexo masculino e 04 do sexo feminino), também escolhidos por conveniência, dos quais serão colhidos “relatos de vida” (RV), a partir de uma questão desencadeadora (fale de você e de sua vida até aqui, como cresceu, o que faz, como vive – comece por onde você desejar). Esta será aplicada com adolescentes e jovens, visando identificar trajetórias desenvolvimentais, exposição à violência e percepções e significados sobre risco e proteção nessas trajetórias. O objetivo desta metodologia é partir / provocar um relato reflexivo sobre as trajetórias de adolescentes e jovens, de forma a emergir suas vivências e junto com estas, as significações e sentidos construídos sobre estas. Este procedimento será desenvolvido em dois momentos: um primeiro onde se colhe os relatos, que após transcritos, serão devolvidos e discutidos com os sujeitos, momento no qual podem ser reafirmados ou reelaborados, caso desejem. Pensa-se que os “relatos de vida”, permitirão compreender as trajetórias dos sujeitos e os processos de transformações ocorridos, colocando os assim, em relação com o contexto cultural e social mais amplo. Assume-se assim, este processo ao mesmo tempo, como um momento de pesquisa e formação e reflexão identitária (JOSSO, 2014). Ainda na escola será aplicado um Roteiro de observação de espaço, práticas e rotinas na escola - ROEPR, visando uma leitura de contexto. Como momento final, os resultados e dados coletados serão, após sistematizados, apresentados e discutidos nas escolas em forma de oficinas e sessões de debates e encaminhamentos coletivos.

Objetivo da Pesquisa:

Construir compreensão abrangente sobre o fenômeno da violência contra crianças, adolescentes e jovens e possibilidades de enfrentamento, identificando exposição à violência, eventos estressores, concepções dos sujeitos e instituições, atuação das redes sociais frente ao apoio e proteção e os impactos nos processos de desenvolvimento.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Em relação aos riscos, a pesquisa apresenta risco mínimo, ou seja, o mesmo risco existente em

Endereço: RUA DOS MUNDURUCUS 4487
Bairro: GUAMA CEP: 66.073-000
UF: PA Município: BELEM
Telefone: (91)3201-6754 Fax: (91)3201-6663 E-mail: cephujbb@yahoo.com.br

UFPA - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO JOÃO DE
BARROS BARRETO DA



Continuação do Parecer: 2.082.557

atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler, etc. Caso os participantes se sintam mal, apresentem algum desconforto e/ou coisa ruim durante a realização da pesquisa, será disponibilizado um profissional para prestar o atendimento necessário. Os participantes também poderão, a qualquer momento, solicitar alguém da equipe da pesquisa pessoalmente ou pelo telefone que está disposto no TCLE.

Benefícios:

Com este projeto espera-se contribuir para a compreensão do que é ser adolescente e jovem na Amazônia Brasileira, ampliando um banco de dados de variáveis sobre fatores de risco e proteção na adolescência e juventude, podendo inclusive servir para análises comparativas com amostras nacionais e internacionais. De forma geral, espera-se ampliar a compreensão acerca do contexto Amazônico e sua população, dando visibilidade às questões e problemas específicos da região, contribuindo para o enfrentamento destes; especificamente, contribuir com a produção de conhecimento sobre a garantia dos direitos de crianças, adolescentes e jovens na realidade brasileira e em contextos específicos. Espera-se que os resultados deste projeto ofereçam indicadores para a dinamização de rede de proteção e garantia de direitos e ainda subsídios às políticas públicas de implementação e fortalecimento das ações do Estatuto da Criança e do Adolescente. Espera-se ainda que os resultados deste projeto ofereçam subsídios às políticas públicas de atendimento a esta população e a projetos de intervenção e promoção de desenvolvimento saudável junto a adolescentes e jovens, em especial que possam contribuir com as escolas na construção de propostas pedagógicas de enfrentamento à violência que hoje se amplia dentro do contexto escolar. Além destes, pretende-se: Gerar a elaboração de monografias de conclusão de cursos de graduação, dissertações de mestrado e tese de doutorado. Introdução de dois alunos de graduação em Iniciação Científica e produzir dois Trabalhos de Conclusão de Curso; Apresentar os resultados em congressos científicos da área, promovendo o debate acadêmico sobre a juventude amazônica e produzir artigos em periódicos indexados. Realizar um Seminário Estadual sobre Adolescência, Juventude e Políticas Públicas. Por fim, a expectativa é que este estudo contribua na consolidação de um grupo de estudos sobre Infância, adolescência e juventude e seus processos e fatores de vulnerabilidade e de proteção na Amazônia, bem como a implantação de um observatório da Adolescência e Juventude, que acompanhe a implementação e o acesso às políticas públicas e promova o debate e a circulação de conhecimento sobre a temática.

Endereço: RUA DOS MUNDURUCUS 4487
Bairro: GUAMA **CEP:** 66.073-000
UF: PA **Município:** BELEM
Telefone: (91)3201-6754 **Fax:** (91)3201-6663 **E-mail:** cephujbb@yahoo.com.br

UFPA - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO JOÃO DE
BARROS BARRETO DA



Continuação do Parecer: 2.082.557

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante. Os resultados desta pesquisa poderão oferecer subsídios às políticas públicas de atendimento a esta população e a projetos de intervenção e promoção de desenvolvimento saudável junto a adolescentes e jovens, em especial que possam contribuir com as escolas na construção de propostas pedagógicas de enfrentamento à violência que hoje se amplia dentro do contexto escolar.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Termos foram apresentados e corrigidos, conforme parecer anterior.

Recomendações:

Recomendamos a coordenação que mantenha atualizados todos os documentos pertinentes ao projeto.

Deverá também ser informado ao CEP:

Relatório Semestral;

Relatório Final;

Envio de Relatório de Cancelamento;

Envio de Relatório de Suspensão de projeto;

Comunicação de Término do projeto na Plataforma Brasil.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Pendências foram corrigidas. Aprovado neste Colegiado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, este Colegiado manifesta-se pela APROVAÇÃO do protocolo de pesquisa por estar de acordo com a Resolução nº466/2012 e suas complementares do Conselho Nacional de Saúde/MS.

Ainda em atendimento a Res. 466/2012 esclarecemos que a responsabilidade do pesquisador é indelegável, indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais. Além de apresentar o protocolo devidamente instruído ao CEP ou à CONEP, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa; de elaborar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;

Cabe ainda ao pesquisador:

1- desenvolver o projeto conforme delineado;

2- Em acordo com a Resolução 466/12 CNS, ítems X.1.- 3.b. e XI.2.d, os pesquisadores responsáveis deverão apresentar relatórios parcial semestral e final do projeto de pesquisa, contados a partir da data de aprovação do protocolo de pesquisa. Os relatórios deverão ser

Endereço: RUA DOS MUNDURUCUS 4487

Bairro: GUAMA

CEP: 66.073-000

UF: PA

Município: BELEM

Telefone: (91)3201-6754

Fax: (91)3201-6663

E-mail: cephujbb@yahoo.com.br

UFPA - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO JOÃO DE
BARROS BARRETO DA



Continuação do Parecer: 2.082.557

- inseridos no Sistema Plataforma Brasil pelo ícone "Inserir Notificação" disponível para projetos aprovados.
- 3- apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP, a qualquer momento;
 - 4- manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 05 anos após o término da pesquisa;
 - 5- encaminhar os resultados para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto;
 - 6- justificar fundamentadamente, perante o CEP ou a CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetopesquisasobreviolencias.doc	24/05/2017 11:06:40	Orlando da Gama Rodrigues	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_859303.pdf	07/05/2017 08:15:33		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termodeassentimentomaiorde18.pdf	07/05/2017 08:14:29	LUCIA ISABEL DA CONCEICAO SILVA	Aceito
Outros	termodeassentimentomenores.pdf	07/05/2017 08:12:47	LUCIA ISABEL DA CONCEICAO SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_violencias_luciasilva.pdf	17/04/2017 12:05:48	LUCIA ISABEL DA CONCEICAO SILVA	Aceito
Folha de Rosto	folharosto.pdf	02/02/2017 14:48:00	LUCIA ISABEL DA CONCEICAO SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: RUA DOS MUNDURUCUS 4487

Bairro: GUAMA

CEP: 66.073-000

UF: PA

Município: BELEM

Telefone: (91)3201-6754

Fax: (91)3201-6663

E-mail: cephujbb@yahoo.com.br

UFPA - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO JOÃO DE
BARROS BARRETO DA



Continuação do Parecer: 2.082.557

BELEM, 25 de Maio de 2017

Assinado por:
Cleonardo Augusto da Silva
(Coordenador)

Endereço: RUA DOS MUNDURUCUS 4487
Bairro: GUAMA **CEP:** 66.073-000
UF: PA **Município:** BELEM
Telefone: (91)3201-6754 **Fax:** (91)3201-6663 **E-mail:** cephujbb@yahoo.com.br